

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA  
MARIA ULRICH

A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE E O PAPEL DO PROFESSOR  
NA SUA PROMOÇÃO

**Joana Isabel Candeias Sequeira Seabra**

Relatório Final do Mestrado Profissionalizante  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Paulo Pires do Vale

Lisboa

Abril de 2015

*“o adulto criativo é uma eterna criança – a tragédia é que a maioria de nós cresce”.*

Fabun 1968, citado por Davis, 1999, p. 172

Dedico este trabalho a mim mesma  
por nunca ter desistido, pelo esforço e coragem.

Dedico-o ainda a todos os  
que em mim sempre acreditaram.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Mestre Paulo Pires do Vale, pela orientação.

À Maria por me ter apoiado, norteado e ajudado incondicional e desinteressadamente.

À professora Andreia por me ter acolhido e orientado durante o estágio.

Aos alunos do 4ºA da EB1 Sá de Miranda que me receberam maravilhosamente e possibilitaram recolher os dados necessários à investigação.

Aos professores que disponibilizaram o seu tempo para cooperarem na investigação.

Aos autores que me guiaram por este caminho e me iluminaram relativamente a ideias sobre as quais nunca antes tinha pensado.

Ao professor Fernando Barone por me ter inspirado e trazido para o vasto mundo da criatividade.

À Sara por todo o apoio, por ter comigo partilhado angústias, incertezas, medos, descobertas, alegrias e triunfos.

À Filipa pela amizade sincera e desinteressada, por estar sempre presente e por me ter dado coragem para seguir em frente e acreditar em mim.

A todas amigas que fiz na Maria Ulrich, que me apoiaram e me deram força para continuar, mesmo quando o caminho se tornava mais difícil.

À Margarida, Carlota, Rita, Carolina, Teresa e Catarina pela amizade.

À minha família que sempre me apoiou, confortou e amou incondicionalmente.

Aos meus pais por serem me terem guiado no melhor caminho.

## Resumo

O tema central desta investigação é a criatividade: procurámos perceber a importância, as concepções que os professores têm desta e, ainda, de que forma estes podem potenciar o seu desenvolvimento nas crianças.

Para responder a estes objetivos foi elaborada uma extensa revisão de literatura, na qual se inserem autores como Robinson, Munari, Vygotsky, Thomas, Cleese, Brown, Kelley, Torrance, Taylor, Oliveira, Gloton e Clero, Alencar, Sousa e Stern. O referencial teórico teve também o objetivo de perceber importância do desenvolvimento da criatividade e dar alguma contribuição às outras duas questões.

A metodologia adotada foi do tipo qualitativo, tendo utilizado como instrumentos de recolha de dados o diário de campo e o inquérito por questionário. Os inquéritos por questionário, realizados a professores de 1º Ciclo do Ensino Básico, responderam à questão relacionada com as concepções que os professores têm acerca da criatividade. Os diários de campo registados, durante o período de Prática de Ensino Supervisionada, realizada num 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico na EB1 Sá de Miranda, serviram de suporte para descobrir as estratégias promotoras do desenvolvimento da criatividade utilizadas pelo professor.

Foi possível concluir que a criatividade assume um papel muito importante para um saudável desenvolvimento e sucesso do Homem. Esta habilita-o a resolver problemas e a ser sensível ao que o rodeia, criando com o intuito de melhorar o mundo, para seu bem e do próximo.

Relativamente às concepções de criatividade dos professores, estes ainda têm algumas ideias erradas, como esta ser exclusiva de alguns afortunados, ou não ser passível de estimulação, ou até mesmo só se desenvolver no meio artístico.

Como estratégias promotoras da criatividade há a salientar a estimulação do: pensamento crítico, curiosidade, imaginação, atividades expressivas, valorização, alargamento do horizonte de possibilidades, experiências/construções, confiança, relação, ludicidade, entre outras.

Palavras-Chave: Criatividade, Valorização, Imaginação, Pensamento Crítico, Talentos, Resolução de Problemas, Relação, Confiança e Ludicidade.

## **Abstract**

The focus of this research is creativity: we tried to realize its importance, the conceptions that teachers have of it and also how they can enhance its development in children.

To meet these objectives has been done an extensive literature review, in which are included authors such as Robinson, Munari, Vygotsky, Thomas, Cleese, Brown, Kelley, Torrance, Taylor, Oliveira, Gloton and Clergy, Alencar, Sousa and Stern. A main purpose of the literature review was to understand the importance of creativity's development, and also to give some contribution to the other questions of the investigation.

The methodology adopted was qualitative type. The instruments used were field diary and questionnaire survey. The questionnaire surveys, addressed to 1st Cycle of Basic Education Teachers, contributed to answer the question related to the conceptions that teachers have about creativity. The field diaries, recorded during the Supervised Teaching Practice period, held on a 4<sup>th</sup> grade class of the 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education in EB1 Sá de Miranda, acted as support to discover the strategies that promote the development of creativity used by the teacher.

It was concluded that creativity plays a very important role for healthy development and success of Men. This enables him to solve problems and to be sensitive to what surrounds him, creating in order to improve the world for his well-being and for the common good.

Regarding to the teachers' perceptions of creativity, they still have some misconceptions, as this is exclusive of some fortunate, or it is not subject to stimulation, or even only can be developed in the arts.

As strategies that promote creativity attention should be focus on the stimulation of: critical thinking, curiosity, imagination, expressive activities, selfesteem, broaden the horizons of possibilities, experiences/making, trust, respect, playfulness, among others.

**Keywords:** Creativity, Nurturing Selfesteem, Imagination, Critical Thinking, Talents, Problem Solving, Relationship, Confidence e Playfulness.

## Índice

Agradecimentos.....	iv
Abstract.....	vi
Índice .....	vii
Introdução.....	1
CAPÍTULO I - Referencial Teórico.....	9
1.1 Evolução do termo criatividade .....	11
1.2 Definições de criatividade na atualidade .....	12
1.3 Importância da criatividade .....	15
1.4 Pessoa criativa.....	17
1.5 Papel da escola.....	20
1.6 Ser professor para a criatividade.....	24
CAPÍTULO II - Metodologia.....	38
2.1 - Origem e Processo do Estudo.....	39
2.3 – A investigação.....	40
2.4 – Recolha de dados .....	41
2.4.1 – Observação direta não-estruturada - Diários de campo .....	41
2.4.2 – Observação indireta - Inquérito por questionário.....	42
2.5 – Metodologia da análise de dados .....	44
2.5.1 – Metodologia da análise das entrevistas .....	44
2.5.2 – Metodologia da análise dos diários .....	44
CAPÍTULO III - Análise de dados .....	46
3.1 – Análise dos inquéritos por questionário.....	47
3.2 – Análise dos diários de campo .....	59
CAPÍTULO IV - Considerações Finais .....	76
Referências Bibliográficas.....	87
Webgrafia .....	91
Anexos.....	93

## Índice de Anexos

Inquéritos por Questionário .....	94
Questionário nº1 .....	95
Questionário nº2 .....	96
Questionário nº3 .....	97
Questionário nº4 .....	98
Questionário nº5 .....	99
Questionário nº6 .....	100
Questionário nº7 .....	102
Diários de Campo .....	103
Diário nº1 .....	104
Diário nº2 .....	105
Diário nº3 .....	106
Diário nº4 .....	107
Diário nº5 .....	108
Diário nº6 .....	109
Diário nº7 .....	110
Diário nº8 .....	111
Diário nº9 .....	112
Diário nº10 .....	113
Diário nº11 .....	114
Diário nº12 .....	115
Diário nº13 .....	116
Diário nº14 .....	117
Diário nº15 .....	118
Diário nº16 .....	119
Diário nº17 .....	121
Diário nº18 .....	122
Diário nº19 .....	123
Diário nº20 .....	124
Diário nº21 .....	125



## **Introdução**

Era eu criança e já queria ser “professora de bebés”, como dizia na altura. Lembro-me como se fosse hoje de estar na sala a brincar às escolas com a minha querida avó, que sofria muito às minhas custas. Fazia ditados, cópias, contas e muitas outras atividades. Tinha na altura uma visão da escola tradicional e austera. Um dos meus instrumentos corretivos era a colher de pau. Que paciente avó...

Felizmente o meu olhar sobre a educação mudou bastante.

Destes dezoito anos de experiência escolar, ficaram na minha memória os ótimos e os péssimos momentos. Os ótimos focam-se em pessoas que me marcaram, como os amigos que fiz e que ainda hoje recordo ou os professores que fizeram a diferença, que se preocuparam comigo, me acarinharam, me fizeram sentir valorizada e respeitada. Aqueles que me deram mais do que lições, lições de vida. Recordo momentos em que, passadas horas a lutar, cheguei a uma conclusão, acabei um trabalho ou resolvi um problema. Por vezes, ainda consigo sentir o cheiro da terra dos canteiros daquela escola, que mais pareciam florestas, onde me perdia nos meus pensamentos e aventuras. Consigo sentir os pulmões a estalar e as pernas a ceder de tantas corridas. Recordo, como se tivesse sido ontem, um intervalo em que fiquei na sala com um colega para ajudá-lo a perceber as contas de dividir. Já lá estava o espírito da professora que está agora a desabrochar.

Os momentos péssimos centram-se em pessoas e situações que me mostraram o que eu não queria ser ou fazer no futuro. É sempre bom termos bons e maus exemplos, para sabermos distinguir o bem do mal e formularmos uma opinião. Não esqueço uma professora que, como se os alunos não existissem, falava, durante as aulas, com amigos e colegas, por aquilo que pareciam intermináveis momentos. Mostrava maior interesse por uns alunos do que por outros, dando mais atenção e tendo mais paciência com os que preferia, colocando os restantes de parte. Recordo-me perfeitamente da obsessão por termos o caderno sempre perfeito e imaculado. Para o conseguirmos, tínhamos de fazer exercícios tão extenuantes e minuciosos que, pelo rigor exigido e cansaço após um dia inteiro de aulas, chegava a precisar da ajuda da minha mãe. Um desses exercícios estava relacionado com as tabuadas. O que deveria ser uma forma de aprender este conteúdo, era apenas uma tarefa maçadora e repetitiva que me tirava horas de brincadeira. E nem por isso decorei melhor as tabuadas. Via aquela tarefa como um sacrifício enorme e por isso não tinha significado algum para mim. Este foi sem dúvida um ano que me marcou e mostrou a

professora que eu não quero ser. Também me apercebi das prioridades e atitudes que quero adotar.

Graças a um destino risonho, a professora do quarto ano mudou a minha definição de ser professor. Preocupada, interessada, carinhosa, amiga, respeitadora, divertida e justa. Tinha estas e muitas mais qualidades que fizeram dela a minha melhor professora e inspiração para um dia poder seguir o seu exemplo.

Escolhi este curso, Licenciatura em Educação Básica apenas sabendo da vertente de Educação de Infância, mas assim que soube da mais-valia de também ter Educação para o 1º Ciclo do Ensino Básico toda a minha visão do curso se alterou.

A educação é a pedra lapidar de toda a sociedade. E é desde cedo que esta nos transforma e implica no intenso processo de descobertas, escolhas, pensamentos, opiniões, criações e emoções. Como escreveu Rousseau: "[A] educação do homem começa com o seu nascimento; antes de falar, antes de compreender, já ele se instrui." (Rousseau, 1995, p.42)

Por mais utópica que seja, acredito, sinceramente, que a educação é o futuro da humanidade. Como acreditava Nelson Mandela, a educação e o ensino são as mais poderosas armas que podes usar para mudar o mundo. Creio que alguém que passe pela maravilhosa experiência que é a vida, tendo uma experiências mediadas que lhe agucem a curiosidade, a vontade de descobrir, aprender e criar, muito provavelmente será um empreendedor, inventor ou simplesmente um homem interessado e sensível ao que se passa à sua volta.

Uma boa educação tem o poder de transformar sociedades, porque é na infância que as crianças estão mais disponíveis mental e emocionalmente. É nesta fase da vida que ainda não têm preconceitos, nem mentes fechadas. Estão recetivas a conhecer sem julgar, a criar sem ter medo de errar ou serem julgadas. O novo não as assusta, mas fascina, intriga e estimula a querer saber mais, a construir, a viver, a explorar. Este espírito de descoberta, tem de ser alimentado por mais informação e experiências. Já Rousseau dizia que somos curiosos na mesma medida em que somos instruídos.

Visto que quase todas as crianças, futuros homens, passam pela escola, esta é um instrumento que consegue chegar ao mundo inteiro. Apesar de ter uma tão grande capacidade influenciadora na sociedade, não pode ser colocada toda a responsabilidade na escola. Como afirma Freire, "Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda." (Freire, 2000, p. 67)

Mas o bem que a educação poderá fazer à humanidade de nada servirá, se as crianças não forem felizes na sua aprendizagem. A educação não pode ser um processo unilateral e transmissivo. O professor é um mediador, um instigador da curiosidade, do gosto por descobrir e criar coisas novas. Interrogar é ensinar. Se as crianças não ganharem o gosto por aprender, se não puseram sentido nas suas aquisições e experiências, correrão o risco de não serem felizes na fase mais frutífera e importante para a construção da sua personalidade e carácter.

Einstein (s/d) acredita que falar de progresso não faz sentido enquanto houver crianças infelizes. As crianças têm de ser felizes na escola, porque a escola não é uma fase da vida, é a vida. Luzuriaga (1971) fazendo referência a Dewey (s/d) mostra defender esta ideia de que a escola não é um meio para atingir um fim, mas um fim em si mesma. A única forma da escola poder ser encarada como uma preparação para a vida, é na medida em que nela os alunos devem poder aprender a viver, mas vivendo, porque a escola é a própria vida.

Um dos autores que me influenciou muito nesta minha caminhada foi Sebastião da Gama. Claro que também outros me elucidaram acerca de muitas questões, mas ao ler o Diário senti-me mais próxima deste pedagogo e com vontade de ser um pouco como o excelente professor que um dia foi. Uma das frases deste autor que jamais esquecerei: “O que eu quero principalmente é que vivam felizes.” (Gama, 2011, p.86)

Este Relatório final de Mestrado em Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico realizado na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich tem como tema central a criatividade.

A escolha deste tema deve-se a uma vida inteira de um sentimento de incapacidade criativa, de falta de imaginação. Sempre disse, sem conhecer bem o conceito nem perceber que razões levaram a esta lacuna de criatividade em mim existente, que “não tenho imaginação. Não sou criativa...”

Concomitantemente à percepção de que eu também era capaz, que dependia apenas de treinar essa minha criatividade, senti uma enorme necessidade de evitar que as crianças, que ainda não têm este pensamento, não cheguem a tê-lo ou revertê-lo naquelas que já se sentem incapazes. Na verdade, ter consciência deste facto é por si só bastante revelador, mas frustrante. Todos nascemos criativos, sendo porém essa criatividade aniquilada à medida que crescemos e somos inibidos por fatores externos, como: a orientação para os

resultados escolares; a estigmatização do erro; a atitude repressiva do professor; a desvalorização das artes, das expressões e dos talentos dos alunos.

Robinson (2006) acredita que as crianças permitem-se arriscar, sem medo de estarem erradas, ou seja, dão oportunidade a si mesmas de serem criativas. No entanto muitas delas revelam-se, mais tarde, adultos pouco ou nada criativos e com um terrível e incapacitante medo de errar. Este autor refere que até no meio empresarial o erro é estigmatizado, não permitindo assim que se produza criativamente. Picasso é referido por esse autor, ao dizer que todas as crianças são criativas, residindo o problema na dificuldade em mantê-las assim. Em vez de a educação visar o desenvolvimento da criatividade, proporciona o drástico afastamento ou mesmo perda desta tão importante capacidade.

A necessidade de desenvolver a criatividade prende-se com o facto de esta ser um caminho para atingir a felicidade, na medida em que um indivíduo criativo aprende a conhecer-se e expressar-se melhor. Desenvolve capacidades que lhe permitem atingir objetivos pessoais por ele traçados. Esta necessidade advém da emergente e crescente evolução da sociedade. Rapidamente o novo se torna obsoleto e os problemas exigem resoluções criativas. O homem precisa de se elevar ao nível desta sociedade que se encontra em constante evolução e mutação e, para tal tem de apostar em si, auto aperfeiçoando-se constantemente. Vivemos na sociedade da criação (Portnoff, 1992). O progresso em todas as áreas leva a uma rápida renovação dos conhecimentos. O bom já não é suficiente, é preciso apostar no capital humano, o ótimo, o melhor são a meta. É imperativo que o indivíduo desenvolva capacidades que o tornem mais flexível e com facilidade em adaptar-se a novas realidades e situações. O mesmo autor refere que para além da necessidade de recorrer a todas as potencialidades do indivíduo, é categórica a imprescindibilidade da criatividade, para que este possa vingar e evoluir na sociedade contemporânea.

Esta demanda de constante atualização faz com que aspetos antes considerados acessórios e menos importantes, como a criatividade, estejam, ou pelo menos devam estar, a par das outras capacidades e disciplinas. Robinson (2006) afirma que a criatividade é tão importante como as outras áreas, por exemplo a alfabetização, e por isso, devia ser colocada ao mesmo nível. É dada muita importância às disciplinas formais e aos resultados, em detrimento de uma verdadeira aprendizagem e crescimento saudável, no qual o aluno se vai conhecendo e às suas capacidades e talentos. Consequentemente, segundo o mesmo autor, “(...) muita gente altamente talentosa, brilhante, criativa, pensa

que não o é, porque aquilo em que eram bons na escola não era valorizado ou era até estigmatizado.” (Robinson, 2006, p.1)

Foi a conferência do Sir Ken Robinson (2006) na TED Talk que despoletou todo este fervilhar dentro de mim. Para o autor, que me inspirou a seguir este caminho e a repensar todo o significado da educação, a definição de criatividade é “(...) o processo de gerar ideias originais e com valor, [que] surge normalmente através da interação de diferentes formas de ver as coisas.” (idem, idem, idem)

A criatividade é parte do currículo e por isso deveria ser uma aptidão desenvolvida pelas crianças na escola, como podemos ler no artigo 7º da Lei de Bases do Sistema Educativo, que determina que um dos objetivos do ensino básico é

[a]sssegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética (...). (Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 46/86, art.7º)

Mas tal, em geral não acontece porque a teoria não é suficiente para concretizar um objetivo idealizado. Mais do que mudanças a nível curricular ou metodológico, para corporizar a apregoada criatividade é determinante que haja uma mudança de atitude, sobretudo dos professores. Robinson (2010) acredita que, mais do que fazer alterações nos campos curriculares e avaliativos, a melhor maneira de melhorar a educação é apostar nos professores, valorizando o seu trabalho e apostando na sua formação.

Neste sentido, o objetivo deste estudo é **compreender a importância do desenvolvimento da criatividade em crianças do 1º Ciclo e o modo como os fatores externos influenciam esta capacidade intrínseca do Homem.**

Tendo em vista o objetivo delineado, propõe-se responder às seguintes questões:

**Qual a importância do desenvolvimento da criatividade?**

**Que conceções têm os professores de criatividade?**

**Que estratégias do professor podem favorecer o pensamento criativo?**

A investigação foi posta em prática em contexto de estágio na Escola Básica 1 Sá de Miranda, situada na freguesia de Oeiras.

Segundo o Projeto Educativo do Agrupamento no qual se insere a Escola, a instituição visa:

Assegurar uma formação global aos jovens promovendo a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses, aptidões, capacidade de raciocínio, criatividade, sentido ético e sensibilidade estética através de uma ação educativa direcionada para a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social, condição para um desenvolvimento harmonioso na sociedade democrática. (Projeto Educativo do Agrupamento Conde de Oeiras, 2011/2014, p. 5)

Ou seja, o agrupamento orienta toda a sua atividade no sentido de despertar e estimular o desenvolvimento integral e harmonioso dos alunos como agentes do seu próprio crescimento, nas dimensões individual e social, num todo inseparável. Para garantir uma educação holística da criança, é mostrada a preocupação em articular as várias áreas disciplinares, incluindo as extracurriculares.

Os aspetos culturais assim como todos os fatores promotores de uma efetiva inclusão assumem, na visão deste Agrupamento, um papel central no processo de promoção de respeito incondicional por todas as diferenças e ainda como espaço multicultural. Este espaço pretende ser identificador para todos os que integram a comunidade educativa desenvolvendo um elevado sentido de pertença.

O Projeto Educativo destaca ainda linhas de orientação estratégica, coerentes com a missão do Agrupamento e visão futura que pretendem promover mudanças, melhorias e inovações em toda a organização. Saliento algumas das linhas de orientação que se podem relacionar mais direta ou indiretamente com o desenvolvimento da criatividade.

Relativamente ao planeamento, propõe uma abordagem ao programa na qual as áreas curriculares estejam articuladas entre si e os ciclos de aprendizagem apresentem uma sequência lógica de progressão. Esta articulação e sequencialidade podem ajudar a dar mais significado à aprendizagem, permitindo, consequentemente, o estabelecimento de relações entre conteúdos por parte dos alunos. Desta forma e estando o conhecimento na base da criatividade, os alunos terão mais facilidade em desenvolvê-la.

No âmbito das práticas, sugere da parte de cada professor a promoção de um ensino adequado ao nível de desenvolvimento e ritmo das crianças. Esta medida revela uma preocupação acrescida com cada aluno, como ser individual e único. Se for respeitado o tempo e capacidades da criança, esta terá mais possibilidades de desenvolver o seu potencial criativo.

A promoção de estratégias ativas e experimentais é outra linha orientadora deste projeto. Este tipo de práticas potencia o gosto pela descoberta, construção e aguça a curiosidade, fatores estimuladores do ato criativo.

O recurso às novas tecnologias como instrumento de trabalho, é outra ação promotora da criatividade, na medida em que disponibiliza conhecimento e permite a permuta de informação, como meio de comunicação.

No âmbito das práticas, é ainda sugerida a valorização das artes. A expressão fomenta o trabalho criativo do corpo e mente. Só por si, sem grande esforço, é exteriorizada a criatividade das crianças e também estimula o desenvolvimento e uso da mesma noutras áreas.

A investigação realizou-se a partir da interação com os alunos de uma turma do 4º ano, com vinte e uma crianças com nove e dez anos de idade.

Nesta turma, os ritmos e níveis de aprendizagem são bastante diferentes, havendo crianças com algumas dificuldades em algumas áreas disciplinares. Para colmatar estas dificuldades, estes alunos usufruem de um apoio, dado por um professor externo, numa sala à parte.

A preferência do grupo em relação às áreas curriculares ordenava-se da seguinte forma da mais à menos apreciada: Estudo do Meio, Português e Matemática. A primeira, que recolhia mais adeptos, era a eleita por ter mais possibilidades de experimentação e criação. As experiências físicas e químicas e construções de projetos em grupo, por exemplo na temática história e ciências, eram atividades do agrado das crianças, sendo propostas que potenciam altamente a criatividade e a aprendizagem ativa e significativa. No Português, a exploração ao nível da criatividade estava mais ligada à escrita (criativa), sendo que foram também realizadas outras atividades ditas criativas na área da gramática, matéria menos apreciada pelas crianças e mais difícil de “digerir”. A expressão dramática, trabalho em grupo, relacionamento de diferentes palavras (realidades), foram algumas das estratégias utilizadas para abordar temas menos apreciados pelas crianças. A matemática era a disciplina menos apreciada, mais difícil (na opinião das crianças) e em relação tinham pouca receptividade. De forma a estimular o gosto por esta e fomentando a criatividade dos alunos, realizaram-se também aqui trabalhos de grupo, com partilha de estratégias, comunicação e discussão de resultados, bem como atividades de descoberta e experimentação, construindo materiais e relacionando diferentes realidades e disciplinas. O erro era valorizado como meio de aprendizagem, mostrando modos de ultrapassá-lo e descobrindo novos caminhos. O pensamento divergente foi outra forma de estimular a criatividade dos alunos, nesta e nas outras disciplinas, mostrando aos alunos a existência de



mais do que um caminho para atingir determinada meta e ainda valorizando a multiplicidade de ideias, estratégias e modos de pensar.

Os trabalhos de grupo são, por um lado razão de entusiasmo e por outro de extremo desagrado.

Relativamente à estrutura, este relatório, estará dividido em quatro partes. Depois da introdução, surge o primeiro capítulo, correspondente ao Referencial Teórico, onde irá ser fundamentado o conceito de criatividade, o seu percurso histórico, as suas variadas definições e as suas teorias explicativas. Após abordar o tema da criatividade como um conceito transversal a todos os momentos da vida, será elaborada uma análise mais focada na importância do desenvolvimento da mesma no meio escolar. Será ainda dado ênfase à influência das variáveis ambientais neste contexto, incluindo a atitude do professor como decisiva no desenvolvimento desta capacidade. Por fim, evocando a pertinência da promoção da criatividade em contexto escolar serão referidas estratégias, atitudes e atividades impulsionadoras desta capacidade inerente ao ser humano.

No segundo capítulo, que se refere à metodologia da investigação, será descrito o tipo de pesquisa, bem como os instrumentos de recolha e análise de dados a ser utilizados.

No terceiro capítulo, serão analisados os dados com o intuito de dar resposta às perguntas de partida.

Por fim, na conclusão, constará a sistematização da informação deste estudo, apresentando as questões inicialmente colocadas e as respostas obtidas. Aqui estarão também presentes possíveis dificuldades, lacunas e sugestões para trabalhos futuros.

Este trabalho é acompanhado do desiderato de compreender melhor a criatividade, a sua importância e fatores facilitadores e inibidores da mesma. Pretende ainda sensibilizar para a necessidade de incluir este conceito como uma realidade nas escolas, com o intuito de melhorar a educação daqueles que terão de enfrentar um amanhã desconhecido.



## **CAPÍTULO I**

### **Referencial Teórico**

*A relação entre um professor e um aluno constrói-se, com efeito, na plenitude desse dois verbos: ensinar e aprender, gestos que traduzem, respectivamente, o gosto em despertar alguém para o mistério que é a vida, o conhecimento ou a arte, e o prazer de descobrir e compreender, alertando-se para o mundo e deixando-se emocionar.*

(Vieira, 2009, p. 32)

## 1.1 Evolução do termo criatividade

A definição de criatividade foi se alterando desde a Antiguidade. Na Antiguidade grega, falar de criatividade podia ter dois significados. Wechsler (1993) afirma que aqueles que fugiam ao habitual, aos padrões de normalidade da sociedade, eram considerados estranhos e muitas vezes loucos. O mesmo autor fala numa outra interpretação, que pressupunha a associação direta da criatividade a uma inspiração divina, a que apenas alguns “génios” tinham o privilégio de aceder. Nesta época, acreditava-se ainda que o homem era um mero recetor deste dom, não tendo nenhum controlo sobre o mesmo. O indivíduo funcionava como uma marioneta de entidades superiores. O autor acima referido, Alencar (2007) e Lubart (2007) afirmam que nesta época o criativo era um ser privilegiado, tendo a exclusividade de ser abençoado com uma inspiração divina, que em determinado momento fazia emergir as suas características criativas.

Mais tarde, na época do Renascimento, este conceito complexo passou de característica exclusiva do divino para passar a ser do humano. Sabe-se ainda que foi desconsiderado da esfera do quotidiano, passando a mostrar-se apenas nos grandes feitos e criações. Nogueira e Baía (2006) referem que o homem renascentista, apoiando-se nos ideais de independência e liberdade, modernizou o conceito de criatividade, identificando-o como inerente à condição humana e, conseqüentemente, fazendo-o desprender-se terminantemente da esfera sobrenatural. Wechsler (1993) reforça e acrescenta ainda que, para além de a criatividade ser herdada geneticamente, era uma capacidade não passível de ser ensinada. Lubart (2007) menciona que nesta época, a importância dada à criatividade centrou-se nas grandes obras e invenções, quase que retirando este dom de tudo e todos que se relacionava com resolução de problemas do dia-a-dia.

Mais uma mudança se verificou no século XX. A criatividade deixou de estar exclusivamente ligada às obras de arte para ser apreciada como uma qualidade intrínseca do ser humano e podendo estar presente nas suas ações quotidianas (Morais, 2001). Mais tarde, neste mesmo século, foi criticado por Guilford “o espantoso desprezo pela criatividade na educação” (citado por Osborn, 1981, p. 17). A partir deste alerta foi desenvolvida a Psicologia da Criatividade, como disciplina científica. Este autor teve grande influência na evolução deste conceito devido aos seus trabalhos e testes na área. Ao ser dada mais importância à criatividade, havendo uma maior preocupação em compreendê-la e desenvolvê-la, esta foi ganhando uma identidade própria (Wechsler, 1993).

Apesar da grande evolução, ainda na atualidade se verificam ideias obsoletas acerca deste tema. Nogueira e Baía (2006) referem algumas conceções ainda hoje presentes nas mentes das pessoas. Como são a associação da criatividade à abordagem de Platão, em que esta é relacionada com a loucura, ou à de Sócrates, em que provém de inspiração divina. Apesar de por vezes ainda ser associada à loucura, há, porém, estudos que revelam ser benéfico para a sanidade mental, o desenvolvimento da criatividade. Podendo dizer-se que o criativo é um ser saudável com uma enorme capacidade de intuição. (Wechsler, 1993)

## **1.2 Definições de criatividade na atualidade**

Dizer que algo é criativo significa cumprir determinados requisitos, apesar de estes variarem de autor para autor.

O processo criativo pode ser entendido como a criação de uma “(...) obra nova que é aceite como sustentável, útil ou satisfatória por um grupo em certo ponto no tempo.” (Stein, 1974, citado por Taylor, 1976, p. 27). Por sua vez, Vygotsky (2012) acrescenta que, além de ser algo novo gerado por um Homem, a criação não apresenta limites quanto à forma, podendo ser interior ou exterior ao homem, como o são um sentimento vivido ou construção da mente, e uma criação tangível, respetivamente.

Muitos autores defendem a ideia de que para algo ser criativo necessita ter utilidade e originalidade, visto que, na generalidade, a necessidade de criar surge do desejo de melhorar/renovar algo já existente. No entanto, como se pode verificar nas duas definições acima sugeridas, enquanto alguns autores pensam que a criação tem de ser validada por outras pessoas, outros acreditam que o ato criativo nem precisa de ser exteriorizado, para ser denominado como tal.

Munari (1987) faz uma breve abordagem à forma como o homem percebe e atua sobre o mundo. O indivíduo apreende o que se passa no mundo através dos sentidos que, coordenados com a inteligência, lhe permitem, através das manipulações e operações lógicas, compreender o que o rodeia. Posteriormente, tudo é fixado na memória para vir a ser utilizado na fantasia, invenção e criatividade. De entre as três, a primeira é considerada a mais livre de todas e pode não ter em conta a viabilidade ou funcionamento da criação. A invenção, apesar de se basear, igualmente, no estabelecimento de relações entre realidades conhecidas, tem como objetivo a utilidade e não a estética da criação. Por sua vez, a criatividade pode ser considerada o casamento entre a fantasia e a invenção, por ser,

segundo o mesmo autor, livre como a fantasia e exata como a invenção, abrangendo todas as dimensões de um problema, tanto a imagem e a função, como também o aspeto psicológico, social, económico e humano.

A acrescentar às definições anteriormente descritas, Rogers (1970) diz que a criatividade resulta da unicidade do criador, bem como da relação que estabelece com os que o rodeiam e das experiências que anteriormente vivenciou, tendo como motivação a intenção de autorrealização.

Robinson (1982) enumera uma série de elementos *sine qua non* para algo ser criativo. A atividade ou produto criativo implica fazer ou pensar algo, sendo que o criador deve estar envolvido em todo o processo e ter consciente e deliberada intenção de produzir algo, que, de alguma maneira, tem de ser novo, original, diferente ou distinto de tudo o que já existe. No entanto, segundo o mesmo autor e Vygotsky (2012) esta novidade não tem de ser obrigatoriamente absoluta, ou seja, pode ser uma combinação nova de elementos já existentes, ou mesmo a continuação ou aprofundamento de um tópico anteriormente explorado. Relativamente a esta última questão, Robinson (1982) dá alguns exemplos ilustrativos do mesmo, como o ator que cria, baseando-se no guião, ou o músico que realiza a sua performance usando o trabalho do compositor.

Relativamente ao fator novidade, anteriormente mencionado, há ainda outro aspeto a referir. Como foi exposto no início deste subcapítulo há autores que tanto consideram criativo, algo novo que é apresentado e validado por outros, e outros que aprovam como nova toda e qualquer criação, mesmo que esta resida apenas no pensamento do criador. Taylor (1976) dá o nome de criatividade individual a este tipo de criação, considerando criativo quando alguém faz algo, que outros, para si desconhecidos, já fizeram anteriormente. Por sua vez, considera criatividade social quando algo é produzido para a sociedade ou para o mundo e nesse caso sim, é necessário validar tal produto como original. Ghiselin (1956) acrescenta que o grau de criatividade do produto ou ideia é proporcional ao nível de reorganização necessária no âmbito onde está circunscrito. Ainda acerca da novidade, podemos dizer que esta, na verdade, nunca é absoluta, visto que, segundo Vygotsky (2012) qualquer que seja a criação, é produzida tendo como base elementos já existentes no mundo e a experiência anterior do homem.

Como já foi afirmado, criar não exige algo inteiramente novo e permite ter um renovado olhar sobre o mundo, não considerando estagnadas as ideias sobre o mesmo. Criar pode significar “(...) inovar – estabelecer novas relações entre ideias já existentes, ou

criar novas ideias, que servirão como novas fonte de conhecimento e inspiração e, proporcionarão novas visões da "verdade" sobre o mundo e a condição humana.” (Robinson, 1982, p. 22)

Este novo olhar sobre o já existente, realizando novas ligações, colocando diferentes questões e investigando novas hipóteses é inovar. É ir além do certo e finalizado. Koestler (1959), citado por Robinson (1982) refere que todo o ato criativo é como que uma libertação da rede tecida por ideias dogmáticas, permitindo um olhar mais ingénuo e isento.

A criatividade pode ser considerada uma forma de descontentamento e inconformismo face à realidade circundante. Vygotsky (2012) reforça esta ideia acreditando que as necessidades, aspirações e desejos que surgem da inadaptação ao mundo são o motor da criatividade.

Novaes pensa na criatividade em quatro dimensões, sendo elas: a pessoa que cria, abordando aspetos dos traços pessoais, valores, comportamentos e emoções; o processo criador, enfatizando o pensamento criativo, as motivações intrínsecas e extrínsecas; o produto criativo, analisando as obras artísticas ou inovações científicas, atribuindo-lhes um valor criativo; e o *press* ou *place* que se refere às influências ambientais, aos condicionamentos educativos, culturais ou sociais (Novaes, 1972).

Um dos entraves ao desenvolvimento da criatividade relaciona-se com as erradas conceções que, em especial, os professores têm deste termo. Alencar (1986) refere algumas, como a ideia de que se relaciona apenas com as disciplinas artísticas, descartando a preocupação com o seu desenvolvimento para os respetivos professores; é uma capacidade presente em apenas alguns indivíduos, o que retira a responsabilidade da escola e da sociedade de estimulá-la naqueles que “não a têm presente” ou mesmo naqueles que a têm, visto que muitos também pensam que esta não é passível de ser aperfeiçoada, por, supostamente, apenas depender de fatores internos.

Contrariamente ao comumente associado à criatividade, inclusive pelos professores, como foi anteriormente referido, este conceito estrutura-se a partir de duas certezas incontestáveis, segundo Vygotsky (2012), Torrance (1976), Alencar (2003) e Robinson (1982): a criatividade é inerente a todo o ser humano e o seu desenvolvimento requer estimulação por parte do ambiente e pessoas que o rodeiam. Alencar (2003) refere que apesar de poder ser estimulado, o desenvolvimento da criatividade não se processa da mesma forma com todas as pessoas, podendo variar consoante aspetos intrínsecos e

extrínsecos.

Robinson (1982) acrescenta ainda que a criatividade, como uma forma de inteligência, deve ser treinada como qualquer outro modo de pensar e, ainda, que esta requer disciplina, experiência e conhecimentos prévios.

A criatividade não implica, necessariamente, um domínio intelectual numa determinada área e nem mesmo se pode dizer que uma pessoa muito erudita tenha uma elevada capacidade criadora. Taylor e Holland (1976) defendem esta ideia referindo a possibilidade de encontrar pessoas no mundo universitário extremamente criativas, mas não muito eruditas ou com bons resultados quando o seu conhecimento é testado ou então aquelas que têm maior sucesso academicamente, mas não apresentam grande desenvolvimento ao nível da criatividade. Para dar mais força à sua ideia, referem o exemplo de Louis Pasteur, que, ao contrário de especialistas na área, conseguiu resolver um problema relativo ao bicho-da-seda, problema este que não exigia um conhecimento aprofundado acerca do tema. Com determinados atributos intelectuais e motivacionais encontrou solução para a situação problemática. Concluindo, de acordo com Torrance (1976), é notório, com o exemplo dado, que para se ser criativo, não basta ser dotado de um elevado QI, talento especial e habilidades técnicas.

### **1.3 Importância da criatividade**

Como pensava Fernando Pessoa, viver não é necessário, necessário é criar. Seguindo a linha de pensamento deste escritor, pode dizer-se que viver é uma certeza e criar uma necessidade. Esta, ao ser suprida, faz com que o mundo pule e avance, como bola colorida entre as mãos de uma criança. António Gedeão escreveu estas palavras em relação ao sonho, mas também podem ser aplicadas ao ato de criar, visto que, como já concluímos, este surge do sonho de idealizar, fazer, evoluir.

A evolução da humanidade, segundo Taylor (1976), deve-se à ânsia do homem em descobrir, inovar, criar e melhorar o seu modo de vida. Aquilo que temos hoje em dia deve-se ao esforço de outros em tempos idos. Podemos criar com intenções de satisfação a curto-prazo, mas as criações verdadeiramente significativas e úteis, são aquelas que perduram no tempo, sendo passadas de época em época, local em local, pessoa em pessoa.

Robinson (1982) também disserta sobre este ponto referindo-se ao facto de a cultura do presente e do futuro depender dos avanços alcançados no passado, afirmando

que a cultura de hoje é sustentada por tudo o que se passou em tempos passados. Devido a este fenómeno, é-nos possível compreender melhor o presente e a perspetivar as possibilidades do futuro, se olharmos para o retrato do passado. Temos assim a possibilidade de alterar o que pode vir a acontecer, ao ser modificada a nossa ação no presente. Torrance (1976, p. 86) defende, igualmente, esta ideia, afirmando que “(...) o futuro da nossa civilização - nossa própria sobrevivência – depende da qualidade de imaginação criadora da próxima geração.”

A criatividade é uma arma fundamental e indispensável ao progresso. Baseando-se em Cramond (2008) e Runco (2004) pode afirmar-se que, na atualidade, o bem-estar e sucesso de cada um e, o progresso da sociedade, dependem em larga escala de uma característica intrínseca de todo o ser humano – a criatividade. Segundo Taylor (1976), as nações que nela investirem verão desenvolvimento em áreas como a científica, económica, social, cultural, artística, etc. Os agentes criativos, bem como a população afetada pelas criações dos mesmos, serão o espelho de uma sociedade com um perfil renovado, tornando-se esta mais inovadora, confiante, resiliente e criativa.

Oliveira (1992) refere-se a esta capacidade transformadora - a criatividade - como uma qualidade humana universal. Esta pode ser olhada como um fator crucial na promoção da mudança e renovação sociocultural, e ainda como responsável pela libertação, transformação e humanização.

De acordo com os autores acima referenciados, pode-se concluir que a realidade atual é caracterizada por uma constante evolução, na qual o novo de hoje é o ultrapassado de amanhã. Para fazer frente ou melhor, para acompanhar esta inevitabilidade, a criatividade é o maior trunfo que se pode usar.

Num âmbito mais individual, Munari (1987) refere também que aquele que não desenvolve, nem treina a sua criatividade tornar-se-á uma pessoa incompleta, sem capacidade de solucionar os problemas que lhe forem surgindo, nem possibilidade de se adaptar às inevitáveis transformações da vida. Esta ideia é reforçada por Guilford (1980), que acrescenta que a criatividade possibilitará uma vida independente e plena.

Para além de ajudar na superação dos problemas do dia-a-dia, possibilitar a resiliência e avanço perante situações de “constante inconstância”, nas quais o presente se podia denominar passado, a criatividade é, ainda, reconhecida como benéfica para a saúde mental dos que a cultivam. Alencar (2007) acrescenta que esta gera sentimentos de prazer e satisfação. Lubart (2007) acredita que um indivíduo criativo está mais apto para a



resolução de problemas afetivos, adquirindo ainda uma maior capacidade de adaptação ao contexto social, em constante mutação e evolução e, obtendo um melhor desempenho profissional.

Torrance (1976) fala do perigo que pode resultar da inibição da criatividade, dizendo que

(...) o abafamento dos desejos e das capacidades criativas golpeia as próprias raízes da satisfação de viver, criando afinal arrasadora tensão e desintegração. Também não existe praticamente dúvida de que a criatividade pessoal constitua inestimável recurso para enfrentar as tensões diárias da vida, tornando por isso menos provável o colapso. (Torrance, 1976, p. 82)

Segundo o mesmo autor, um homem que se desenvolva em todo o seu potencial é hoje pouco comum e, pode considerar-se quase impraticável, tendo em conta o atual gigantesco desenvolvimento em todas as áreas. Considerando este fator e o facto de vivermos em sociedade, Torrance (1976) e Robinson (1982) acreditam ser importante incentivar o desenvolvimento do(s) talento(s) de cada um para formar uma sociedade completa e repleta de talentos variados. Apostar nos talentos individuais, que somados formam uma coletividade criativa, potenciará um positivo e criativo desenvolvimento da sociedade.

As crianças devem, portanto, de acordo com Munari (1987), ser libertas de preconceitos e obstáculos à fruição dos seus dons naturais, não apenas com o intuito do seu desenvolvimento individual, mas também coletivo, considerando a sociedade de que fazem e, como adultos, mais ativamente, farão parte. Inclusivamente, o autor refere que os criativos dão e recebem cultura da comunidade, crescendo com esta. Sendo que aquele que não é criativo pode acabar por se tornar num ser virado para si mesmo, determinado em opor as suas ideias às dos outros individualistas.

O alcançar do nosso potencial criativo permite sermos o melhor que podemos ser. Segundo Oliveira (1992), para além de vantagens para o próprio, o indivíduo ao estar inserido num meio social, terá condições para contribuir positivamente para o avanço na sua área de estudo, o que lhes dará, a si ao seu país, a oportunidade de se tornarem competitivos.

## 1.4 Pessoa criativa

"(...) [A]quilo que faz com que nós continuemos vivos e capazes de criar é (...) uma inquietação constante. Sem ela não pode haver criação, quem não põe, sempre, tudo em causa, arrisca-se a ter uma vida interior de três assoalhadas." (Antunes, 1992)

A inquietação é uma das características da pessoa criativa, que, tal como António Lobo Antunes refere, é o motor que impede que a vida do Homem estagne. A criatividade pode surgir do olhar crítico e inconformado com que aquele que a desenvolve olha em redor. Este tem um papel ativo no mundo, podendo-se afirmar que se sente como que responsável por dar de si ao universo, tal como este tanto lhe dá. Podemos denominá-la uma relação de trocas, em que nenhum dos envolvidos tem um papel passivo. A atividade criativa potencia o desenvolvimento e a evolução, próprias de um ser que não para de se questionar e de um mundo que não para de girar.

A propósito da mente de uma pessoa criativa, Munari (1987) diz que esta tem de ser dotada de plasticidade e abertura. É essencial que tenha espaço e flexibilidade suficientes para receber novas informações e não tornar estanques as suas ideias, de forma a fazer novas interpretações da realidade, substituindo ou reajustando pré-conceitos.

Segundo Torrance (1976), algumas das características dos criativos prendem-se com o facto de serem pessoas seguras de si, confiantes e autónomas. Não dependem dos outros para formular as suas opiniões, nem se inibem ao expor as suas ideias, mesmo quando estas vão contra as da maioria. Não se recusam a admitir o erro, nem a reformular as suas ideias quando outros as elucidam.

Este sentimento de confiança e alheamento à necessidade de aceitação por parte do outro, conjugado com a ideia de Antunes de que um ser criativo move-se pela sua inquietação, podem ser associados à ideia de Matisse que a criatividade exige coragem. Este pensamento do artista francês tanto se pode relacionar com a coragem de querer mudar e evoluir (inquietação), visto que o mais confortável e menos ousado, seria manter tudo como está, como com o arrojo necessário para se insurgir contra opiniões diferentes e há muito aceites pelos pares e sociedade em que se está inserido.

Torrance (1976) acredita que as pessoas ricas em criatividade são, usualmente, menos preconceituosas, não temendo sentir ou pensar diferente. Não renegam ideias diferentes vindas de si mesmas ou de outros. São ainda mais estáveis e abertas a pensamentos e ideias mais irracionais vindas de si mesmas. Devido à segurança que detêm em si, acabam por ser mais dominantes e autoafirmativas. O autor também considera terem uma dose extra de complexidade, espírito aventureiro, radicalismo, autocontrolo e, provavelmente, serem mais sensíveis emocionalmente e mais introvertidas, apesar de ousadas.

Taylor e Holland (1976) caracterizam os criativos como indivíduos que detêm uma

fraca ou mesmo ausência de necessidade de serem aceites pela sociedade e, pelo motor que os faz trabalhar, ser o inconformismo, a motivação e desejo de realização pessoal. Pode ainda dizer-se que se sentem realizados a nível profissional, vendo no trabalho uma oportunidade de se desenvolver, criar e chegar mais longe, são dotados de elevada motivação, dedicação no que se envolvem, engenho e desejo de descoberta.

Segundo os mesmos autores e Torrance (1976), o criativo é curioso, empreendedor e persistente, não se contentando com o certo, questionando-se para tentar compreender e melhorar o que o rodeia. É o maior desafiador de si mesmo, tentando sempre fazer novas descobertas, não deixando porém que os resultados fiquem à mercê da sorte. Não pensa, constrói ou formula uma hipótese para depois abandoná-la. Sente uma natural necessidade de ver os seus esforços compensar ou mesmo fracassar.

Aquele que é criativo não vê a sociedade como fator influenciador ou inibidor. Cria para se superar, para melhorar algo no ambiente que o rodeia, porque o seu propósito prende-se com a intervenção no mundo real, tentando, através do seu trabalho dar um contributo ao mundo, criando, corrigindo ou aperfeiçoando aquilo em que acredita que o seu talento pode ser útil. Apoiando esta ideia, Taylor e Holland (1976) dizem que uma pessoa «normal» preocupa-se em adaptar-se ao mundo onde vive, enquanto que a criativa tenta ajustar o meio a si mesma, aperfeiçoando-o nas vertentes que assim o exigem, segundo o seu olhar e experiência.

Os autores supracitados, fazendo referência a alguns testes realizados por Guilford e outros, com o intuito de identificar talento criador em setores industriais e educacionais, mencionam que estes chegaram à conclusão que as pessoas mais criativas são mais fantasiosas, brincalhonas e têm mais humor. Quando algo precisa de ser arranjado ou melhorado, em vez de praguejarem contra o mesmo, preocupam-se em arranjar soluções. O mesmo autor sugere, para traçar o perfil de uma pessoa criativa, também as capacidades de ver padrões nos dados, ser sensível aos problemas, sentir ambiguidade, indagar eficientemente e ficar intrigado.

Um dos elementos importantes do ato criativo é o pensamento divergente, que, de acordo com os autores supramencionados, leva à produção divergente, ou seja, de múltiplas soluções possíveis, envolvendo a produção de ideias em quantidade e qualidade, originalidade, flexibilidade e sensibilidade.

Para além de desenvolver características positivas na pessoa, como foi sendo referido pelos diversos autores, ser criativo, segundo os autores supramencionados,

aumenta as probabilidades de vingar a nível profissional. Não apenas por ter maior capacidade de resolução de problemas, ao procurar respostas em caminhos menos óbvios e explorados, mas também por possibilitar um olhar mais amplo sobre os caminhos profissionais que pode tomar. Nestes incluem-se carreiras não tão convencionais, com as quais teve oportunidade de lidar, motivado pela sua curiosidade e/ou por agentes externos que às mesmas o introduzira. Thomas (2012) corrobora esta possibilidade dizendo que aqueles que tiveram oportunidade de construir, manusear e experimentar, em crianças, estão a tornar mais amplo o seu horizonte de possibilidades para quando forem mais velhos. “Se nunca experimentaram algo, ou nem com isso tiveram contacto, como poderiam saber que tal é uma possibilidade.” (Thomas, 2012, p.1)

### 1.5 Papel da escola

*“(...) o trabalho e pensamento criativo e levar as crianças a produzi-lo é uma questão da maior importância na educação.” (Robinson, 1982, p. 29)*

Robinson (2006) defende ferverosamente na palestra “Como a escola mata a criatividade” a urgência em desenvolvê-la nas crianças, elevando-a ao nível de importância das disciplinas correntes, como a matemática ou o português. A este propósito Alencar (1996) sente ser necessário repensar o sistema educativo, propondo a inclusão da criatividade como área a desenvolver. Na qual seriam cultivados e fortalecidos os atributos e habilidades relacionadas com a mesma.

A criatividade deve ser uma capacidade desenvolvida transversalmente no currículo escolar e na vida da criança. O autor acima mencionado defende ainda que a criatividade não está associada apenas às disciplinas artísticas como alguns, inclusive professores, erradamente julgam. Esta está presente em todas as áreas, das mais objetivas às menos, como as artes, a filosofia, a matemática, a física ou a química. Robinson (1982) também critica quem assim pensa, acrescentando que o “(...) trabalho criativo é possível em todos os diferentes modos de pensamento e acção de que os seres humanos são capazes (...)”, não considerando suficiente desenvolvê-lo apenas em algumas disciplinas.

O mesmo autor afirma que a Educação deve capacitar as crianças para compreenderem e agirem sobre o mundo em que vivem, mesmo sem saberem que mudanças irão ocorrer. Esta imprevisibilidade do futuro exige, no presente, uma aposta na educação da criatividade, com o intuito de fazer frente às mudanças e problemas que hão

de vir. O pedagogo supramencionado confessa-se fascinado com esta imprevisibilidade, que caracteriza como extraordinária, que (des)orienta o trabalho do professor na medida em que este deve preparar os alunos para o desconhecido. Refere que “(...) as crianças que começam a escola este ano reformar-se-ão em 2065. Ninguém tem uma pista (...) de como o mundo será num prazo de cinco anos. E, no entanto, pretendemos educá-los para isso.” (idem, 2006, p.1) Deste modo, o mesmo autor refere que a necessidade de incluir a criatividade nas escolas é um assunto de máxima urgência.

Os alunos devem ser instigados a resolver problemas, questionar certezas, descortinar desafios, pois estes serão os homens de amanhã, que a diferentes níveis, também terão de o fazer. Esta demanda da sociedade já pode ser observada nos objetivos e metas a atingir dos documentos oficiais que regem e orientam o sistema educativo português. Nos objetivos do ensino básico pode ler-se

- a) Assegurar (...) a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, *criatividade*, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual (...) (Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 49/1986, art.7º)

Algumas pessoas são afortunadas na medida em que possuem características facilitadoras da emergência da criatividade e/ou uma estrutura familiar que instiga esta capacidade. Outras não são detentoras de tal ventura, dependendo mais da atitude da escola perante esta capacidade.

As entidades máximas da educação detêm o poder de legislar, ou não, a criatividade como capacidade essencial a desenvolver na escola. No entanto, e apesar de já o terem feito, como pode ser lido no artigo transcrito, segundo Alencar (2007) e Alencar e Fleith (2003) continua a haver falhas na concretização de tais propósitos. Numa vertente mais micro, incluindo cada escola e mais especificamente ainda, cada professor, é necessário, que tais leis sejam objetivadas e concretizadas na realidade escolar. Pelo bem da sociedade, de cada criança e, da sua sobrevivência e êxito na mesma é imperativo concretizar os pressupostos teóricos.

Outra razão que sustenta a necessidade da criatividade na educação prende-se com o facto de o conhecimento estar, atualmente, em constante mudança e evolução, tornando-se impossível mantermo-nos a par de tudo em todas as áreas. O domínio do pensamento criativo terá a função de facilitar a adaptação à atividade “movediça”. Oliveira (1992) e Munari (1987) reforçam esta ideia afirmando que, sendo o conhecimento tão dinâmico, é imprescindível que se desenvolva a criatividade - capacidade transformadora e inventiva,

para se conseguir fazer frente a situações de domínios vários. Ou seja, transportar o potencial criativo, que foi desenvolvido como motor de todas as disciplinas, para resolver problemas de outras áreas.

O objetivo da educação é o desenvolvimento holístico da criança. O intuito é que esta se torne um adulto desenvolvido tanto intelectual, como social e emocionalmente. Para além destes âmbitos, existe ainda o que se prende com a capacidade de criar. Se se pretende que a educação permita o desenvolvimento global do homem, é fulcral que nenhuma área seja colocada de parte. O papel da escola é, portanto, o de assegurar o “(...) espírito do Ensino [que] deve ser a formação do aluno a todos os níveis (...)” e acabar com os inúmeros “(...) casos em que o educando é obrigado a reprimir os seus impulsos inovadores só por que estes não são contemplados no programa e o professor não tem, ele próprio, a abertura suficiente para os compreender e ajudar a desenvolver.” (Rapazote, 1996, citado por Martins, 2004, p.308).

Os professores, em particular, e os sistemas educativos, em geral, são os que melhor deviam aproveitar a sua posição para influenciar de forma positiva as crianças, mas, segundo Delors (1996), são muitas vezes os protagonistas do aniquilamento ou não emergência dos talentos das mesmas, impedindo que estas se desenvolvam em toda a sua globalidade e individualidade.

É fulcral que o sistema educativo veja cada criança com os seus talentos únicos. A escola que apenas reproduz ideias e seres, tem de ser substituída por uma que crie exércitos de pessoas únicas, que tenham capacidade de pensar por si e que sejam críticas em relação ao mundo que as rodeia. A escola não pode “(...) continuar a preparar para uma cultura de submissão, não pode rejeitar o diferente, não pode desconhecer a natural diversidade das pessoas e permanecer um modelo fabril da educação.” (Carneiro, 1996, citado por Martins, 2004, p.301 e 302)

Todos os indivíduos têm habilidades criativas que precisam ser desenvolvidas e geridas, facto que confere à escola um papel determinante e de grande responsabilidade na instigação e desenvolvimento da criatividade. No entanto, segundo Torrance (1976), ainda que se saiba que o homem aprende melhor criativamente, a escola têm ignorado tal facto em virtude de fatores económicos.

O autor supracitado reforça a importância da criatividade ser estimulada na escola, visto que esta, apesar de estar inscrita em todo o ser humano tal não exclui a possibilidade de nunca ser exteriorizada, visto que em algumas pessoas esta característica não se

desenvolve espontaneamente.

Nesta perspetiva, Sathler (2007), citado por Alencar e Fleith (2008) refere que devem ser trocados os traços da personalidade do tradicional “bom aluno” - obediência, passividade e o conformismo -, pelos do aluno criativo - coragem, compromisso, entusiasmo, dedicação, iniciativa e autoconfiança. O considerado bom aluno, tem de deixar de ser o que ouve sem contestar, memoriza tudo quanto lhe é transmitido, dá sempre a resposta correta - a esperada - e não questiona as informações que lhe são transmitidas como verdades. O aluno ideal deve passar a ser o que adquire os conhecimentos a partir de um pensamento crítico. Desta forma, faz um esforço criativo, tanto para descobrir, como para compreender novos conceitos e conexões entre estes e relacioná-los com pré-existentes.

Wechsler (1994) investigou acerca do perfil ideal do aluno, concluindo que professores, de diferentes culturas, mostram preferir alunos menos criativos. A razão desta escolha reside no facto dos criativos estarem mais, frequentemente, associados a problemas de comportamento, devido aos seus traços característicos, como são a espontaneidade, intolerância à rotina, excentricidade, impulsividade e o facto de serem sonhadores. Pelas razões enunciadas, os professores preferem o tipo de aluno menos criativo que, por não ter as mesmas características que os criativos ou pelo menos não tão acentuadas, perturba menos a rotina escolar, sendo ainda mais facilmente manipulável e modelável.

Ibáñez (1996) acredita que o professor tem de fazer com que cada aluno seja um criador de novas realidades, em vez de um mero repetidor de informações. Segundo este autor, a educação deve nortear-se pelas seguintes máximas: Procurar resolver os problemas que te rodeiam; Aperfeiçoar o mundo e a ti mesmo; Criar e deixa criar.

É portanto imperativo, que o professor, como mediador entre o currículo e o aluno, altere o seu pensamento e atitude face à educação e à importância da criatividade, procurando desenvolver as competências criativas de cada um. O mestre que encarna estes princípios e se vê como mediador entre o mundo e a criança, compreende que deve deixar o aluno “explorar, elaborar e testar hipóteses e fazer uso do seu pensamento criativo” (Nakano, 2009, p. 46).

Para tornar este tipo de ação uma realidade, cabe aos professores estarem cientes dos traços característicos e das formas de desenvolvimento do pensamento criativo, a fim de se tornarem aptos na identificação e estimulação da criatividade nos seus alunos (Fleith & Alencar, 1992).



Outra forma de o professor estar mais aberto à criatividade, sua e dos seus alunos, prende-se, segundo Santos (1997), com ter a noção da influência que o receio de falhar e de ser mal sucedido tem no processo de aprendizagem e criação. É importante que o professor aprenda a lidar com estas barreiras e ajude os alunos a conhecerem os seus medos e dificuldades. O conhecimento das fraquezas e obstáculos ao nosso desenvolvimento permite-nos saber como superá-los. Dificulta muito a tarefa, se tentarmos suplantar dificuldades que desconhecemos.

A educação da atualidade tem como fim último não a aprendizagem, mas sim a avaliação dos conhecimentos. O mesmo autor defende que o que move os alunos, não é o prazer da descoberta e a sede de aprender, mas sim a necessidade de obter bons resultados nas avaliações várias aos seus conhecimentos. A preocupação do professor prende-se apenas com a transmissão de conhecimentos e avaliação dos mesmos, avaliação essa que é vista como o espelho do trabalho do docente. O mesmo autor menciona que o rumo da educação não mudará enquanto os docentes não saírem da sua zona de conforto e puserem em causa a sua ação.

O tipo de experiência que a criança terá na escola irá determinar o seu futuro, visto que esta é uma fase que em muito influencia o desenvolvimento da pessoa. O professor é, por esta razão, um pilar muito importante na formação da criança.

O indivíduo forma-se nos primeiros anos (...), e assim permanecerá durante toda a sua vida. Depende dos educadores ser mais tarde criativo ou um simples repetidor de códigos. Depende destes primeiros anos, da experiência e da memorização dos dados, o indivíduo vir a ser livre ou condicionado. Os adultos terão de tomar consciência desta enorme responsabilidade, da qual depende o futuro da sociedade humana. (Munari, 1987, pp. 37 e 39)

É imperativo que a criatividade seja uma finalidade e uma necessidade educativa. Para tal acontecer, é necessária uma revolução na educação, como sugere Robinson. Esta transformação pressupõe

(...) personalizar a educação e não uniformizá-la – descobrir os talentos individuais de cada criança, colocar os estudantes num ambiente onde queiram aprender e onde possam identificar de forma natural as suas verdadeiras paixões. (Robinson, 2010, p. 226)

## **1.6 Ser professor para a criatividade**

Podemos dizer que, em princípio, as crianças chegam à escola com um elevado grau de criatividade. Segundo Robinson (2006) o problema reside exatamente na instituição escolar, visto que esta tende a “matar” a criatividade dos alunos. Torrance



(1976) refere que muitos autores apontam a curiosidade intelectual do mestre como um possível fator determinante para o desenvolvimento da criatividade.

É importante que os professores tenham uma correta noção do termo criatividade, bem como de formas de atuação e estratégias que a desenvolvam. Ao terem um melhor entendimento deste conceito e seus meandros, terão uma mais aguçada capacidade de o reconhecer e desenvolver entre os seus alunos. Novaes (1972) salienta que todos temos potencialidade criadora e que a emergência desta dependerá das oportunidades dadas aos alunos para a porem em prática.

Como já foi referido no subcapítulo “Definições de criatividade da atualidade”, os professores têm muitas vezes erradas concepções desta. Robinson diz que é comum achar-se que existe “(...) alguma faculdade mental separada responsável pelo trabalho criativo, cuja ausência ou presença numa pessoa pode ser medida (...)” e ainda que algumas pessoas “(...) têm esta faculdade ou capacidade de pensamento criativo e que outros não a têm.” (Robinson, 1982, p. 31)

Um fator que distancia os professores de perceberem a verdadeira concepção de criatividade e a necessidade de a desenvolver nas crianças, pode estar relacionado com a ausência deste conceito na sua formação, tanto académica como docente. Robinson (1982) refere-se à pobre educação que os agora professores tiveram na sua infância, na medida em que não lhes foram dadas possibilidades de entrar em contacto com o seu lado criativo e artístico. Os professores não criativos de hoje são o resultado de alunos pouco estimulados por mestres, igualmente não criativos, do passado. Este é o ciclo que se verifica na educação, sendo imperativa uma transformação nos pressupostos e objetivos da mesma, de forma a transformar também assim a sociedade. Além da ausência da criatividade nos níveis básicos de escolaridade, Ribeiro e Fleith (2007) acreditam ser pobre a presença desta na formação dos professores, acabando estes por não desempenhar um papel potenciador deste importante recurso humano.

O professor pode não ser espontaneamente criativo ou não lhe ter sido dada a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo enquanto criança e na sua formação docente, mas ao saber a importância desta habilidade e conhecendo estratégias para desenvolvê-la, deverá ele também fazer exercícios que estimulem a sua criatividade.

Para o desenvolvimento do talento de cada criança são necessários professores conscientes para a importância da descoberta deste e do desenvolvimento do potencial criativo de cada um, e ainda, tempo, dedicação, esforço e um ambiente propício à criação

em liberdade. A predisposição e a questão do tempo referidas são essenciais, visto que como refere Cleese (s/d), para criar é necessário que o sujeito entre no modo certo, que inclui não estar em contrarrelógio. Torrance (1976) também se refere a esta questão, assinalando as pressões do tempo, horários e metas a atingir, impedem que as crianças tenham oportunidade fazer as suas perguntas e refletir sobre as suas aprendizagens.

O docente deve ainda ter conhecimento da existência de dois tipos de pensamento, divergente e convergente, e saber qual estimula a criatividade e o melhor desenvolvimento das crianças. Existe o pensamento que pretende chegar a uma resposta correta – convergente –, seguindo os parâmetros pré-estabelecidos. Este, segundo Robinson (1982) pressupõe dar um conjunto de respostas corretas a determinadas questões, tendo como base o pensamento dedutivo e estruturas convencionais de ideias.

Existe também o pensamento divergente, que se verifica, principalmente, nas mentes criativas. Segundo o mesmo autor este é caracterizado por ser não convencional e permitir uma maior liberdade e diversidade de respostas. Os que operam com o pensamento divergente mostram ter criatividade, inventividade, excentricidade, capacidade de inovar e resolver problemas. Por estas razões é a base da criatividade, por não se vergar perante o preconceito, senso do ridículo ou mentes fechadas.

Em teoria, segundo Torrance (1976), os professores já há muito sabem e defendem que para aprender os alunos devem expressar-se livremente, fazer perguntas, questionar-se acerca do mundo, pôr realidades em causa e desenvolver-se em todo o seu potencial, porém, na realidade, não lhes dão oportunidade para tal. No entanto, o que acontece é que, apesar de saberem a importância destas ações, os professores, por falta de tempo, paciência ou vontade, excluem-nas do dia-a-dia dos seus aprendizes.

Para além de evitarem o pensamento divergente, segundo o autor supracitado, os professores ainda transmitem às crianças a ideia de que estas devem sempre procurar chegar à resposta certa, que é única e incontestável e mostram desaprovação às que querem dar respostas diferentes ou colocar novas questões. Evitar dar abertura para novas respostas e ideias, pode ser justificado por recearem colocar-se em situações menos confortáveis, nas quais perdem o papel “dominante”. Para ilustrar estas situações de desconforto para o professor, Torrance (1976), apoiando-se em Hohn (1961) e Sanders (1961) afirma que quando lhes é permitido, as crianças podem fazer perguntas, que o professor não sabe responder; propõem soluções pouco comuns que este não antecipou; ou estabelecem relações e constroem significados que poderiam não lhe ocorrer. Para evitar estes

constrangimentos ou surpresas, o professor recorre à resposta certa, recurso este, que além do referido, é uma forma de não perder muito tempo.

A opinião do professor não deve ser mais do que isso, a *sua* opinião, que deve evitar dar como certa e incontestável. Robinson (1982) é defensor desta ideia, acreditando que, se o objetivo é promover o pensamento independente, crítico e criativo, há que evitar utilizar estratégias que sufoquem a iniciativa e desvalorizem o diferente.

Questionar-se e pôr em causa realidades e certezas é, de acordo com Secadas (1994), uma atividade própria do homem. Este não se deve render ao conformismo e apatia perante a vida. Deve questionar aquilo que é dado como certo e inquestionável. Desta forma, rompe pré-conceitos e vive uma vida plena de descobertas, a qual não pode de maneira alguma caracterizar-se de aborrecida e estagnada. O professor tem de dar espaço, para as crianças se expressarem e, por sua iniciativa, efetuarem descobertas e novas aprendizagens. Torrance (1976), defende que os mestres devem deixá-las pensar por si mesmas, permitir-lhes iniciar projetos e, ainda, possibilitar aquelas formas de iniciativa para as quais naturalmente se inclinam mais e de que gostem, como a curiosidade, a propensão a meditar sobre as coisas e a indagação.

Os professores deparam-se muitas vezes com a dificuldade em gerir a sua autoridade, concomitantemente com a liberdade necessária para que os alunos se desenvolvam e aprendam ativamente. O autor anteriormente referido e Robinson (1982) reconhecem esta dificuldade dos docentes em permitir que os alunos sejam espontâneos, criativos e que tomem iniciativa, ao mesmo tempo que o professor assume o seu papel de mediador das aprendizagens. Estimular a iniciativa, pressupõe que o mestre tenha um papel menos diretivo e ativo na aprendizagem das crianças, dando apenas as bases e a motivação para que estas procurem, descubram e adquiram conhecimento, com base na experimentação, reflexão e questionamento. “O trabalho do professor é dar as cordas aos alunos. Cabe aos alunos escalá-las.” (idem, idem, p. 33)

O professor tem de aceitar o aluno exatamente como ele é e, ainda, promover o seu desenvolvimento integral, que o levará a conhecer-se cada vez melhor e, conseqüentemente a expressar-se, confiante em si mesmo. Rogers (1970) acredita na importância da existência de um clima de segurança psicológica entre professor e aluno(s). Este pode ser construído a partir da constante e verdadeira aceitação do aluno, como indivíduo de valor, por si mesmo e por aquilo que produz; pela capacidade/esforço do professor de empaticamente compreender o aluno e, ainda, aceitando a avaliação interna

que este faz de si mesmo e das suas capacidades.

Robinson (1982) refere-se há existência de muitas crianças que não são tão bem sucedidas na escola como poderiam ser, porque o ambiente proporcionado pelo professor não lhes transmite segurança e motivação para criarem. O recurso às artes é uma proposta feita pelo autor, por serem estimuladoras da confiança das crianças.

De forma a adquirirem esta confiança em si próprias, as crianças precisam ter a oportunidade de se desenvolver criativamente, possibilitando assim a emergência dos seus talentos. No entanto, segundo Torrance (1976), muitas das vezes, as habilidades desenvolvidas são as que os professores desejam que se desenvolvam, como a memória, o QI e a capacidade atlética, que em nada se relacionam com os talentos latentes das crianças.

Tem de ser ultrapassado o pensamento de que as crianças têm de ser boas e, igualmente boas, em todas as áreas. Robinson (1982) sublinha que tem de se aceitar que todos temos capacidades, sendo que uns têm maior inclinação para umas áreas, do que para outras.

Para desenvolverem a sua criatividade, as crianças necessitam de liberdade, bem como de um ambiente e professor organizados e *open-minded*.

Criar não se limita a um rasgo de inspiração que se assoma na mente da criança ou adulto, exige um ambiente propício para tal, no qual o indivíduo se sinta confiante e inspirado. Este ambiente tem de dar à criança, segundo Brown (2008), segurança para correr riscos, no qual se devem sentir descontraídas, familiarizadas e confortáveis com o que e quem as rodeia.

É ainda essencial, segundo Robinson (1982), que estas tenham uma sólida base de conhecimentos das várias áreas, se se pretender que desenvolvam totalmente o seu potencial. Criar, como foi referido anteriormente, precisa de conhecimentos adquiridos. Isto é, quando se diz que alguém é criativo ou que criou algo novo, temos de ter em conta que nada do que criamos são «castelos no ar», mas sim castelos construídos com todas as pedras que vamos colecionando ao longo da vida. Toda a criação é sustentada por conhecimentos anteriores, sendo algumas mais inovadoras que outras, resultando todas de combinações, mais ou menos inovadoras, de elementos já existentes, que se podem expressar em ideias, produtos ou projetos. Munari (1987) reflete acerca deste aspeto da criatividade, afirmando que o produto da criatividade não pode nascer de ligações efetuadas entre aquilo que não se conhece ou entre o que se conhece e desconhece. “Não se

pode estabelecer relações entre uma placa de vidro e o pfzws” (Munari, 1987, p. 31) Apenas quando o «pfzws» passar a ser um conceito conhecido pelo criativo, é que este poderá relacioná-lo com outros do seu círculo de conceitos conhecidos, possibilitando torná-lo matéria-prima para novas produções.

Relativamente ao conhecimento que é passado à criança, o professor deve ser ponderado, visto que, segundo o mesmo autor, a criança absorve tudo o que lhe é transmitido. Por isso mesmo, o professor deve ter o cuidado de lhe passar informações que futuramente a ajudem a interpretar, questionar e agir criativamente sobre o mundo.

Falou-se da qualidade das informações transmitidas à criança, mas é igualmente importante fazer referência à sua quantidade. O autor supramencionado e Vygotsky (2012) refletem acerca da ligação entre o que a criança aprende - recebe, e o que produz - dá ao mundo, sendo esta diretamente proporcional. Quantos mais *inputs* forem apreendidos, mais relações estabelecerá e mais *outputs* criará. Se não houver entrada de conhecimento, a criança não terá meios para operar no seu universo e, como consequência, não poderá criar, nem resolver os problemas com que se deparar. Logo, o professor tem de tomar consciência que as “(...) possibilidades criativas nascem da contínua actualização e do alargamento do conhecimento em todos os domínios.” (Munari, 1987, p. 123).

O conhecimento está relacionado com a criatividade, tanto como meio para alcançá-la, como produto da mesma. Afirmam Getzels e Jackson (1962) que a criatividade facilita a aquisição de novos conhecimentos.

Para incentivar a criatividade, segundo Robinson (1982), deve ser dado algo de recompensa, que pode corresponder a algo concreto, que estimule as crianças a querer criar, ou pode ser algo simples, mas precioso, como é o valorizar das suas criações, bem como da sua coragem e vontade de fazer diferente, dando um pouco de si em tudo o que criam. Este autor acredita que só nas salas de aula onde haja liberdade criativa para as crianças explorarem, criarem e recriarem o mundo pelas suas próprias mãos e iniciativa, é que haverá um verdadeiro conceito de educação criativa. Nestes ambientes desaparecerá o ensino baseado na repetição, com mestres que apenas transmitem o seu conformismo para com a vida a alunos reprodutores de práticas, conhecimentos e convenções, dos quais não lhes chega sentido.

É fulcral que as crianças sintam prazer durante a sua estadia na escola. Tal pressupõe que estas não estejam constantemente sob a pressão da avaliação. O autor supracitado acredita ser importante que os sistemas educativos não deixem que a escola se

torne, ou continue a ser, um local onde as crianças são constantemente postas à prova, tendo de mostrar que memorizaram o que lhes foi transmitido. Estes devem ser locais de descoberta e exploração e, como tal, os professores devem dar a oportunidade de as crianças experimentarem, colocarem hipóteses, falhar e tentar de novo. Devem ter a liberdade de errar, porque o erro é parte integrante do processo de formação, aquisição de conhecimentos e da criatividade.

Desta forma, podemos dizer que a educação precisa, além de conhecimentos, liberdade e flexibilidade na ação do professor. O mesmo autor conclui este pensamento dizendo que estes são os alicerces do desenvolvimento cognitivo e criativo, e, de uma forma mais globalizadora, o significado da educação. Ou seja, para se cumprir o verdadeiro significado da educação é importante que as crianças descubram quais os seus talentos, de forma a poderem explorá-los e desenvolvê-los, para se tornarem adultos realizados. No entanto, é necessário que se saiba que estes podem, como já foi referido, nunca emergir e, por isso mesmo é essencial que sejam cuidadosamente promovidos.

Outro aspeto da aprendizagem das crianças, já abordado, é o facto de estas terem de se sentir estimuladas e felizes na sua aprendizagem. Deste modo, com facilidade aprenderão aquilo que desejam ou precisam conhecer. Ao estarem completamente focadas na sua aprendizagem, assimilam plenamente o novo conhecimento. Corroborando este pensamento, Piaget (1977) acredita que sempre que o professor ensina algo a uma criança, quando esta o podia ter descoberto por si mesma, está a impedi-la de ter a oportunidade de inventá-lo e aprendê-lo ativa e significativamente.

A aprendizagem ativa é instigada pelo ensino criativo, que é, por si só, uma forma de permitir que a criança descubra e construa o seu próprio conhecimento e, a partir dele, crie novas interpretações do mundo e arranje soluções criativas para os problemas que se lhe apresentem. O essencial é recordar como o aluno melhor aprende e de que forma a sua aprendizagem se torna mais significativa. Segundo Torrance (1963), os alunos gostam mais de aprender de maneira criativa recorrendo à exploração, manipulação, questionamento, experimentação, testes e modificação de ideias, ou seja, sendo sujeito ativo e protagonista da sua aprendizagem. Este tipo de processo de aprendizagem deve ser estimulado, visto que as crianças só aprendem o que para elas for significativo. “(...) [Q]uando as crianças se acham empenhadas no que gostam de fazer, as barreiras caem e as capacidades criativas se desenvolvem.” (Cole, 1940, citado por Torrance, 1976, p. 131).

Violência gera violência. Bondade gera bondade. Criatividade gera criatividade. Os

alunos seguem os exemplos dados por aqueles que admiram e lhes transmitem confiança. Quando vêem os efeitos de ações alheias e estes lhes agradam, adotam tais comportamentos. Tanto o professor como as crianças têm de segundo Robinson (1982) despir-se de preconceitos, ou seja, esquecer os pré-conceitos. O mestre é um exemplo para os alunos, devendo influenciá-los a não ter receio de parecerem ridículos e a não julgar os outros ou as suas ideias. Tem de mostrar às crianças que estas não devem ter medo de fazer coisas sem sentido ou mesmo ridículas porque, como diz o filósofo Confúcio, o senso do ridículo é o que aniquila a criatividade.

Tal como nas religiões, os professores precisam acreditar em algo que não veem, ou, pelo menos, não de imediato. Os professores dão as ferramentas para as crianças operarem, primeiro internamente, desenvolvendo a autoestima, confiança, determinação e resiliência para poderem criar sem medos ou preconceitos a assombrarem-lhes as mentes. O mestre precisa, segundo Alencar (1996), tornar o aluno resistente aos vírus que tentam contaminar e acabar com a sua criatividade, sendo eles o medo do fracasso, o comodismo e a apatia.

Kelley (2012), apoiando-se nos estudos do psicólogo Albert Bandura sobre como ultrapassar fobias, concluiu que os mesmos procedimentos podem ser utilizados para combater o medo de falhar, o medo de não ser criativo. As pessoas submetidas a esta técnica passam por várias etapas, nas quais vão atingindo pequenos sucessos, aproximando-se gradualmente do objeto do medo, sentindo-se cada vez mais confortáveis com o mesmo e por fim, lidam diretamente com este. O objetivo final é transformar o medo em familiaridade. Os indivíduos submetidos a este processo ganham uma nova confiança em si mesmos e nas suas capacidades, indo os resultados desta técnica muito além do medo inicial, seja ele de cobras, ratos, de falhar ou de serem criativos. Tornam-se mais convictos, perseverantes e resilientes. Atingem um sentimento que o psicólogo chama de *self-efficacy*, ou seja, o sentimento de que podem mudar o mundo e alcançar o que se propõem a fazer.

A autoconfiança é essencial para que as crianças se sintam com valor e capazes de produzir e pensar coisas extraordinárias. Esta levará à construção da motivação interna que será o combustível que instigará a vontade de criar, não permitindo a desistência após o fracasso e garantirá o sucesso da criação. Wechsler (1994) acredita que devemos ter a preocupação de tornar as crianças mais capazes de exteriorizar e pôr em prática o seu potencial criativo, através do desenvolvimento da motivação interna destas, transmitindo-



lhes a importância da criatividade e ajudando-as a pensar por si, construindo conceitos e julgamentos próprios.

Von Oech (1998), investigador na área da criatividade, enumera uma série de barreiras ao desenvolvimento da mesma, algumas anteriormente referidas. Para que haja a emergência do ser criativo, que existe em cada um de nós, segundo o mesmo autor, é imprescindível que sejam ultrapassados alguns bloqueios. São eles: a necessidade de chegar sempre à resposta correta (não colocando a hipótese de não haver uma resposta única e certa); a dificuldade em aceitar o pensamento ilógico; o apego exagerado ao seguimento das regras e punição quando infringidas; o espírito prático, evitando dar largas à imaginação, colocar cenários hipotéticos e fazer uso da ambiguidade; a associação do erro a algo mau; o menosprezo da brincadeira; evitar resolver problemas que não sejam da sua área de conhecimento; afirmar e acreditar que não se é criativo.

Muitas vezes, os desafios propostos na escola têm muito pouco de desafiantes. Em geral, de acordo com Torrance (1976), a educação apenas prepara os alunos para o sucesso, esquecendo-se dos inevitáveis erros e frustrações que experienciarão. De forma que os alunos aprendam a lidar com a frustração e a adiar a satisfação, é importante, ou mesmo essencial, segundo o mesmo autor, que se proporcione desafios realmente desafiantes, para que os alunos façam um esforço criativo para os solucionar. Estes ajudá-los-ão a não se sentirem perdidos e sem chão quando tiverem de enfrentar problemas de várias ordens na sua vida.

Torrance sistematiza alguns hábitos e atitudes estimuladores da criatividade como

(...) valorizar o pensamento criativo; ajudar as crianças a tornarem-se mais sensíveis aos estímulos do ambiente; estimular a manipulação de objetos e ideias; ensinar a verificar cada ideia sistematicamente; desenvolver tolerância em relação a novas ideias; desenvolver atmosfera criativa na aula; ensinar a criança a valorizar o seu pensamento criador; dar informação sobre o processo criativo; desfazer o sentimento de exagerado respeito, ou temor, ante as obras-primas; estimular e avaliar o aprendizado auto-iniciado; criar «espinhos na carne», tornando as crianças cientes dos problemas e das deficiências; criar necessidades de pensamento criador; proporcionar períodos de atividade e calma; tornar disponíveis recursos para elaborar ideias; estimular o hábito de imaginar as plenas implicações das ideias; desenvolver habilidades de crítica construtiva; estimular a aquisição do conhecimento em diversos campos; ter, o próprio professor, espírito aventureiro. (Torrance, 1976, pp. 129 e 130)

Kelley (2013) estabelece cinco passos para a criação, tendo o sujeito como preocupação central. Estes são a Descoberta; Interpretação; Ideação; Experimentação e Evolução. A primeira significa estar aberto a novas oportunidades, inspirar-se e criar novas ideias; a segunda baseia-se no contar de histórias, selecionar e condensar pensamentos, até



se ter encontrado um ponto de vista convincente e uma direção clara; a terceira é a geração de várias ideias - o *brainstorming* encoraja a pensar de forma expansiva e sem amarras; a quarta é a que dá vida às ideias – através da construção de protótipos, estas tomam forma e tornam-se tangíveis, o que facilita explicá-las a outros e melhorá-las; o quinto é o desenvolvimento do conceito no tempo, envolvendo planear as próximas etapas, comunicar a ideia, receber *feedback* e documentar o processo.

As crianças sentem prazer na aprendizagem quando esta é feita de forma lúdica e através da descoberta. Muitas vezes os professores e/ou os pais não aceitam este tipo de processo de ensino/aprendizagem por aparentemente não ser tão formal. Torrance (1976) reforça esta ideia, dizendo que as crianças criativas ao brincarem estão a pensar e a aprender. Brown (2008) afirma que brincar é importante por ajudar as crianças a arranjam melhores soluções criativas para os seus problemas. Tendencialmente aprendem melhor pela brincadeira do que pela imposição de tarefas muito direcionadas. Desenvolvem-se através de atividades que exijam a manipulação e exploração do que as rodeia, embora estas lhes sejam desencorajadas ou mesmo negadas.

O autor supracitado refere as brincadeiras exploratórias, jogos de construção e dramatizações como essenciais ao desenvolvimento da criatividade.

As primeiras referem-se a situações que pretendem apelar à quantidade de ideias que emergem, das quais são exemplo o *brainstorming*; as estratégias "Quantas utilidades consegues descobrir para um clipe de papel?"; o "Teste dos 30 Círculos" (preencher o máximo número de círculos (bola de futebol, sol, etc.) num curto período de tempo); e ainda todo o tipo de exploração de objetos (colocando questões como "O que é?" e "O que é que posso fazer com isto?").

Os jogos de construção envolvem a elaboração de protótipos de ideias esquematizadas mentalmente e a simples brincadeira de construir algo, com a qual aprendem fazendo. Kelley (2012) refere-se a esta ação como *pensar com as mãos* e para tal acontecer naturalmente, há que ter materiais à mão para a construção acompanhar, ininterruptamente, a formulação de ideias e proporcionar o desenvolvimento das mesmas.

O recurso à dramatização surge da necessidade de explicar ou tentar perceber uma situação ou realidade. Nelas as crianças aplicam as regras sociais que observam nos outros e nas suas relações. "A criança representa as qualidades espirituais que ela própria nunca experimentou (heroísmo, bravura, abnegação), e cria situações e circunstâncias que a vida não põe à sua disposição." (Vygotsky, 2012, p. 115). Brown (2008) dá o exemplo de

quando uma criança se veste de bombeiro, ela está a experimentar essa identidade, tentando perceber o que sente quando se é bombeiro. A dramatização acaba por ser uma ferramenta de empatia, com a qual nos colocamos em situações distintas da nossa e tentamos sentir o que a personagem sentiria. A partir da dramatização, ou de outra forma de expressão, a criança poderá representar até aquilo que não viveu, conseguindo fazê-lo, apenas pela descrição de outros, assimilando desta forma, “(...) com a ajuda da imaginação, a experiência histórica e social de outros.” (Vygotsky, 2012, p. 36). Este é um excelente recurso para as crianças aprenderem e desenvolverem o sentimento de empatia e, ainda, para resolverem conflitos internos, conhecerem possibilidades de ações, profissões e talentos, e para mostrarem como se relacionam com os outros e como estes se relacionam com elas.

As brincadeiras, referidas por Brown (2008), são meios para atingir fins mais sérios, como a aquisição de conhecimentos, desenvolvimento de ideias e capacidades, mas também fins em si mesmas, pelo prazer e diversão que proporcionam. No entanto, para além de haver regras na brincadeira, há ainda regras acerca de quando brincar. Considerando a brincadeira como um momento divergente, têm de haver também situações de convergência, ou seja, em que de uma maneira mais “séria” se interpreta, discute e desenvolve o que se descobriu de forma divergente. Considerando os dois modos como necessários e essenciais à aprendizagem, ao desenvolvimento da criatividade e à criação, os professores têm de ser capazes de equilibrar estes momentos e não se situar e definir apenas num dos dois modos “brincalhão” ou “sério”, mas sim “brincalhão” e “sério”. Cleese (s/d) também refere à importância desta ação dinâmica, equilibrando momentos de modo aberto (divergente) e fechado (convergente). Outro aspeto a salientar como importante na ação do professor, relaciona-se com o humor. Tanto nos assuntos “sérios” como nas brincadeiras, que são igualmente fundamentais, o professor deve, segundo Cleese (1991), estimular o humor, tanto o seu como o dos seus alunos. Isto porque o humor é essencial para a espontaneidade, que por sua vez é fundamental à criatividade; para a brincadeira; para a própria criatividade. A criatividade e o humor são necessários para resolver problemas, por mais sérios que estes possam ser, visto que o humor não tira seriedade aos assuntos.

É importante incentivar e ajudar as crianças a perceberem qual ou quais os seus talentos. Torrance (1976) refere a importância de auxiliar as crianças no processo de descoberta e desenvolvimento dos seus autoconceitos, criticando a sociedade por

normalmente os tentar corrigir por via da autoridade. A não valorização dos talentos das crianças pode inibi-las e dar-lhes a impressão de que devem ser todas iguais. “Algumas crianças podem desprezar um «dom» relevante, se essa qualidade as torna diferente das demais. Isso faz com que numerosíssimas crianças criativas desejem, consciente ou inconscientemente, esconder ou destruir seus talentos.” (Torrance, 1976, p. 134)

Robinson (2010) defende a extrema importância de cada pessoa encontrar o seu Elemento, composto pelos seus talentos e paixões. Referindo-se a este como uma “(...) concepção mais dinâmica e orgânica da existência humana, na qual as diferentes partes da nossa vida (...) são encaradas (...) como se interagissem e se influenciassem entre si.” (Robinson, 2010, p. 213)

O mesmo autor expõe as vantagens de encontrar o Elemento, tanto para o próprio como para os que o rodeiam. Numa esfera mais pessoal, segundo o mesmo autor, irá influenciar o indivíduo na medida em que será fator fundamental para o seu bem-estar, realização pessoal e sucesso neste mundo em constante mudança e evolução. Permitir-lhe-á ter uma vida equilibrada e satisfatória. Encontrar o seu Elemento, mesmo que não o converta na sua profissão, possibilitará que viva com muito mais ânimo em todas as áreas, apenas por ter a possibilidade de, em alguns momentos, fazer aquilo que realmente lhe dá prazer e lhe permite ser quem realmente é.

Relativamente aos efeitos que a descoberta do Elemento terá nos outros, pode dizer-se que será manifestamente positivo para o sucesso das empresas e organizações, bem como para uma mais eficaz ação dos sistemas educativos. Num sentido genérico, a descoberta do Elemento influenciará tanto a vida do próprio, como a dos que o rodeiam, na medida em que a mudança se inicia no singular, para depois se alargar ao plural. Este autor faz menção ao escritor russo Solzhenitsyn que diz que,

Se quisermos mudar o mundo, por quem começará? Por ti ou pelos outros?  
Creio que se começarmos por nós próprios, fizermos as coisas que temos de fazer e nos tornarmos pessoas melhores, teremos mais hipóteses de mudar o mundo para melhor. (Solzhenitsyn, citado por idem, idem, p. 213)

Apostar no desenvolvimento do Elemento nem sempre é fácil. Robinson (2010) aponta três possíveis desafios/barreiras que dificultam ou impedem os indivíduos de apostarem no que realmente os faz felizes. Estes são a cultura que os rodeia, as pessoas que lhes estão mais próximas e os próprios.

A cultura, para além de regras e linhas de orientação, tem também presente uma série de coações, que “(...) podem inibir-nos de alcançar o Elemento se as nossas paixões

se mostrarem incompatíveis com a cultura.” (Robinson, 2010, p. 148) Aquela na qual um indivíduo é educado, afeta-o em diferentes dimensões, sendo uma delas a sua maneira de ver o mundo. Esta, mais do que pensar de forma distinta o que vemos, é ver um mundo diferente. Há como que um filtro que tolda a visão de cada um, alterando assim o seu horizonte de possibilidades.

Para o autor supracitado o desafio social está relacionado com aqueles que estão mais próximos do indivíduo, sendo os que maior influência têm na vida deste. Como tal, se o apoiarem na descoberta e aposta no seu Elemento, estarão a fazer um positivo uso dessa preponderante ação. Se pelo contrário, acreditarem que o futuro do indivíduo passa por outras paragens, distintas do seu talento, tornam-se aniquiladores da esperança de este ser feliz e bem-sucedido em todas as áreas da sua vida. Pode até nem haver real influência de terceiros, sendo apenas o indivíduo que se encontra enleado “numa teia auto-sustentada de papéis e expectativas sociais que bloqueia as [suas] ambições.” (idem, idem, p. 135).

Outro aspeto da influência dos outros está relacionado com o pensamento de grupo, que exerce uma constante pressão no indivíduo, para que este seja parte integrante do mesmo e cumpra os seus requisitos para se moldar aos seus parâmetros. Os interesses dos membros do grupo são os por este validados, ou seja, os elementos do grupo reprimem os seus interesses e talentos, se tais não corresponderem aos aprovados.

Por último, Robinson (2010) acredita que a própria pessoa é quem, em maior escala, se sabota a si mesma. Sendo a felicidade o objetivo máximo de todo o ser humano, é o medo que reside em cada um, que o faz caminhar em direções opostas a esta. Este medo referido, tanto pode ser de falhar, não ser suficientemente bom, ser considerado incapaz, da desaprovação, da pobreza e do desconhecido. A atitude é um ponto-chave na procura do Elemento. “A vontade de sermos nós próprios dá-nos uma força indomável.” (idem, idem, p. 134)

A atitude do professor, bem como o ambiente de sala de aula, por este proporcionado, e o da escola em si têm um papel de grande importância no desenvolvimento da criatividade. “(...) [E]studar a criatividade focalizando o indivíduo é como tentar compreender como uma macieira produz frutos olhando apenas a árvore e ignorando o sol e o solo que possibilitam a vida” (Csikszentmihalyi, citado por Alencar & Martinez, 1998, p. 24)

Um ambiente estruturado, com condições propícias à criação, aliado a um professor com disponibilidade para ajudar e encaminhar os alunos, estimulando-os e valorizando as

suas criações, pode ser o empurrão necessário que as crianças precisam para desenvolverem a sua criatividade. Desta forma, elas libertar-se-ão dos preconceitos e sentir-se-ão confiantes para experimentar, trocar, comparar ideias e, para criar.

## **CAPÍTULO II**

### **Metodologia**

## **2.1 - Origem e Processo do Estudo**

Neste capítulo é exposto o processo do estudo em causa, as opções metodológicas tomadas, os instrumentos de recolha e a metodologia de análise dos dados.

A presente investigação tem como temática a criatividade. A escolha da mesma e o afunilamento para as questões, indicadas na introdução, provieram de algumas disciplinas lecionadas durante a licenciatura e mestrado, de revisão de literatura acerca do tema e, dos estágios realizados durante o curso, com especial ênfase no último. O estudo deste tema vem de uma preocupação tanto a nível pessoal como profissional. Como refere Afonso (2005), “A primeira etapa do percurso de construção de um projecto de investigação é construída pela própria experiência e vivência pessoal e profissional do investigador.” (Afonso, 2005, p. 48)

O interesse por esta área surge quando, no meu percurso académico, despontaram as palavras: criatividade, pensamento divergente, horizonte de possibilidades e Ken Robinson. Nesta enumeração incluí o nome de um autor, porque foi quem “introduziu” a este tema e me sensibilizou, através das conferências que deu, para o rumo que a educação, que despreza a criatividade, tem tomado e, quais os nefastos efeitos deste para cada criança (homem) em particular e para a sociedade em geral.

Pode-se então dizer, que este estudo pretende contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a criatividade, sua importância, ambiente e atitudes favorecedores do seu desabrochamento nas crianças.

## **2.2 – A amostra**

“Nas ciências sociais, o trabalho de investigação incide sobre a acção humana organizada (a sociedade).” (Afonso, 2005, p. 21)

O presente estudo tem lugar na Escola Básica 1 Sá de Miranda, particularmente no seio da turma do 4º A, na qual existem 21 alunos com nove e dez anos, a professora titular e a investigadora, no papel de estagiária. Há ainda a acrescentar a participação de outros seis professores de primeiro ciclo, como inquiridos num questionário direccionado para a docência.

## 2.3 – A investigação

Esta investigação é do tipo qualitativo, visto que se pretende estudar um assunto do ramo das Ciências Sociais. Este tipo de pesquisa “(...) é particularmente importante para o estudo das relações sociais, dada a pluralidade dos universos de vida.” (Flick, 2005, p. 2). Muitas vezes é questionada a sustentabilidade destes estudos, na medida em que são considerados demasiadamente subjetivos e, ainda mais, quando comparados com os quantitativos, estes considerados objetivos, por se regerem por uma linguagem mais concreta e analítica. “No entanto, toda e qualquer investigação, seja ela construída com informação quantitativa ou qualitativa, pressupõe elementos subjectivos, dado que o conhecimento sobre a realidade social é em si mesmo um fenómeno subjectivo.” (Berger, Luckman, 1966, citado por Afonso, 2005, p. 14)

Este género de investigação “(...) enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 11) Também pode ser denominada de *investigação de campo* ou *naturalista*, o que advém, segundo os autores acima referenciados, do facto de, por um lado o estudo se realizar *in loco* e os dados serem recolhidos *no campo*, ao contrário por exemplo, de estudos decorridos em laboratório, por outro lado o campo acima citado é o local onde se podem observar os *naturais* comportamentos dos sujeitos, como conversar, brincar, trabalhar, comer, etc.

Como já foi referido, a investigação qualitativa aplica-se quando se fala de Ciências Sociais. Esta, em particular, tem como objeto de análise a Educação, no qual se pretende estudar “(...) a acção e os contextos educativos.” (Afonso, 2005, p. 22) O mesmo autor, citando Bassey (2002), define este tipo de investigação como uma pesquisa crítica com objetivo de justificar com base na teoria e observação as opções e rumos tomados no âmbito educacional, tendo como primordial finalidade o *aperfeiçoamento da ação*.

Relativamente aos dados recolhidos neste tipo de estudo, “(...) são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16) Estes, segundo Afonso (2005) podem constituir dados recolhidos em documentos arquivados ou publicados, de relatórios de observação, ou de discursos de entrevistas ou questionários.



## **2.4 – Recolha de dados**

“A recolha de dados constitui (...) a fase inicial do trabalho empírico.” (Afonso, 2005, p. 111) Seguindo a linha de pensamento deste autor, houve a preocupação de recolher, sistematicamente, dados confiáveis relacionados com aspetos específicos da realidade social, neste caso a criatividade e atitudes/estratégias estimuladoras desta, com o propósito de criar e interligar conceitos que possibilitem compreender esta realidade.

Escolhi dois tipos de instrumentos de recolha de dados, que têm como finalidade responder às perguntas de partida, tendo em conta o pensamento de Bogdan e Biklen (1994), com o objetivo de investigar o fenómeno – criatividade – em toda a sua complexidade e em contexto natural – na sala de aula. O referencial teórico foi utilizado como base para responder a todas as perguntas, em especial à primeira.

### **Qual a importância do desenvolvimento da criatividade?**

#### **Instrumento – Referencial Teórico**

### **Que conceções têm os professores de criatividade?**

#### **Instrumentos – Inquéritos por questionário e Referencial Teórico**

### **Que estratégias do professor podem favorecer o pensamento criativo?**

#### **Instrumentos – Diários de Campo e Referencial Teórico**

#### **2.4.1 – Observação direta não-estruturada - Diários de campo**

A observação é “(...) uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna (...)” (Afonso, 2005, p. 91).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) e Quivy e Campenhoudt (2008) a observação direta, invoca o sentido de observação do investigador, que associado a um aprofundado contacto com os sujeitos, nos seus contextos ecológicos naturais, irá permitir a recolha de dados sem se dirigir diretamente aos sujeitos observados. Este tipo de coleta de informação não tem filtro algum, senão apenas o olhar do investigador, ou seja, não é mediado por documentos, nem testemunhos.

Posteriormente à recolha, o investigador converte as informações em registos escritos (Afonso, 2005). No caso desta investigação o formato adotado foram os diários de

campo. Segundo o mesmo autor e Hess (1996) este instrumento consiste no relato quotidiano de momentos significativos que o investigador vivencia, geralmente de carácter reflexivo e prospetivo.

O diário de campo é um tipo de instrumento muito pessoal, por se tratar de um registo escrito da parte mais subjetiva da experiência do investigador. Bogdan e Biklen (1994) justificam esta subjetividade por se tratar da narração daquilo que o investigador “(...) ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Estando a “(...) ênfase (...) na especulação, sentimentos, problemas, ideias, palpites, impressões e preconceitos.” (Bogdan & Biklen, 1994, pp. 150 e 165). O investigador relata instantes resultantes da observação que faz das ações e interações dos sujeitos, como por exemplo de “(...) observações sobre conversas informais, comportamentos, (...) gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa.” (Minayo, 1993, p. 100)

Os diários foram realizados pelo investigador no estágio, na Escola Básica Sá de Miranda, com 21 crianças do 4º ano com 9 e 10 anos.

#### 2.4.2 – Observação indireta - Inquérito por questionário

Este estudo inclui também um instrumento de recolha de dados de observação indireta. Esta difere da direta na medida em que há um instrumento que vai mediar a recolha dos dados. Estes não são coligidos a partir da natural ação dos sujeitos no seu ambiente. “(...) [O] investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação.” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 164)

O instrumento de observação indireta utilizado foi o inquérito por questionário, que, segundo os autores anteriormente citados, é direcionado a um conjunto de sujeitos com alguma característica em comum (neste caso a profissão). Aos inquiridos são colocadas uma série de perguntas que, segundo o autor supracitado e Afonso (2005), podem relacionar-se com factos, atitudes, opções, opiniões, juízos, nível de conhecimento e/ou consciência em relação ao tema e representações dos inquiridos.

Os questionários foram feitos a sete professores titulares do 1º ciclo, incluindo a professora da turma onde foi realizado o estágio.

A seguinte tabela indica as questões elaboradas e respetivos objetivos.

Questões	Objetivos
I – Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?	Perceber qual o nível de conhecimento dos professores acerca da inclusão da criatividade nos objetivos curriculares.
II – Como define um “bom aluno”?	Percecionar se a criatividade e as características a ela associadas constam dos perfis traçados.  Identificar o perfil do bom aluno na opinião do professor.
III – Como caracteriza um aluno criativo?	Identificar as principais características salientadas de forma a perceber como objetivam a criatividade nos alunos.  Verificar se o perfil do bom aluno e do criativo coincidem.
IV – O que entende por criatividade?	Perceber que conceções têm os professores de criatividade.
V – Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?	Entender o tipo atitudes do professor para desenvolver a criatividade no dia-a-dia das crianças.
VI – Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade?	Mais especificamente identificar e perceber o tipo de atitudes e atividades levadas a cabo pelo professor no desenvolvimento da criatividade.
VII – No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que acha que pode impedir/limitar a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?	Identificação de fatores que do ponto de vista do professor possam dificultar o desenvolvimento da criatividade.

## **2.5 – Metodologia da análise de dados**

A fase de análise dos dados, pretende dar significado às informações recolhidas pelo investigador. Este irá pegar nos dados qualitativos coletados, partindo para a sua exploração e organização “(...) a partir dos seus objectivos de pesquisa, mobilizando e testando estratégias produtoras de significados relevantes, transformando progressivamente os dados em elementos constitutivos de um novo texto (o texto científico). Este novo texto constitui, portanto, uma *leitura*, uma construção interpretativa singular, resultante do contacto entre aquele contexto empírico particular e o olhar, também específico, daquele investigador concreto.” (Afonso, 2005, p. 118)

### **2.5.1 – Metodologia da análise das entrevistas**

A análise das entrevistas pretendeu responder à segunda pergunta da investigação com recurso ao referencial teórico (a sexta questão visa ainda responder à terceira pergunta de partida).

#### **Que concepções têm os professores de criatividade?**

As entrevistas foram analisadas de modo a chegar à concepção que os professores têm de criatividade. Num primeiro momento as respostas dadas ao questionário foram analisadas de um modo global. Posteriormente, as conclusões retiradas de cada pergunta do inquérito foram organizadas numa tabela, de forma a sintetizá-las e quantificá-las. Por último os dados foram transformados num texto, interligando as várias respostas, de modo a responder à pergunta de partida.

### **2.5.2 – Metodologia da análise dos diários**

A análise dos diários dar resposta à terceira pergunta da investigação com recurso ao referencial teórico.

#### **Que estratégias do professor podem favorecer o pensamento criativo?**

Os diários de campo foram analisados de forma a identificar uma ou mais características do professor promotoras do pensamento criativo, tendo em conta a pesquisa anteriormente realizada sobre estas características. Em cada um dos diários (em anexo) está registada essa mesma classificação.

Depois desta primeira fase da análise, os dados foram organizados numa tabela, que posteriormente foi interpretada. Neste segundo momento foi justificada a associação de cada diário às respetivas categorias e registada a frequência da presença das mesmas.

## **CAPÍTULO III**

### **Análise de dados**

### **3.1 – Análise dos inquéritos por questionário**

A análise dos inquéritos por questionário teve como objetivo responder à segunda pergunta da investigação com recurso ao referencial teórico, sendo que a sexta questão visa ainda responder à terceira pergunta de partida.

#### **Que conceções têm os professores de criatividade?**

Em primeiro lugar os questionários foram lidos várias vezes, com o intuito de recolher os dados mais relevantes, para organizar numa tabela as informações dadas pelos professores, tanto acerca das suas ideias como das práticas relativas ao desenvolvimento da criatividade. Nesta é possível verificar a frequência de algumas respostas, de forma a posteriormente concluir quais as conceções que os professores têm de criatividade.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich  
A importância da criatividade e o papel do professor na sua promoção

	1 - No currículo do 1º Ciclo	2 - Na definição de “bom aluno”	3 - Como característica do aluno	4 - Como conceito	5 - Nas áreas de intervenção	6 - Nas estratégias e propostas	7 - Nos elementos que a favorecem*
<b>Concepções do professor acerca de criatividade</b>	Nenhum dos inquiridos considera que a criatividade seja uma das características no desenvolvimento da criança mais valorizadas pelo currículo do 1º Ciclo.	Nenhum dos inquiridos considera que um “bom aluno” seja criativo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Imaginação <b>4</b></li> <li>Cria e tem gosto em criar <b>3</b></li> <li>Originalidade <b>3</b></li> <li>Criatividade como um “dom” exclusivo de alguns <b>2</b></li> <li>Capacidade transformadora <b>2</b></li> <li>Pensamento crítico <b>2</b></li> <li>Cuidadoso e atento aos pormenores <b>1</b></li> <li>Humor <b>1</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Originalidade <b>5</b></li> <li>Criar <b>4</b></li> <li>Imaginação <b>3</b></li> <li>Capacidade <b>3</b></li> <li>Inata <b>2</b></li> <li>Transversalidade <b>2</b></li> <li>Conhecimento como base <b>2</b></li> <li>Poder <b>1</b></li> <li>Qualidade <b>1</b></li> <li>Conceito relativo <b>1</b></li> <li>Curiosidade <b>1</b></li> <li>Pensamento crítico <b>2</b></li> <li>Depende dos estímulos <b>1</b></li> <li>Confiança <b>1</b></li> <li>Expressar sentimentos <b>1</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Português (expressão escrita e leitura) <b>6</b></li> <li>Matemática (resolução de problemas) <b>3</b></li> <li>Expressão Plástica <b>3</b></li> <li>Apresentação de trabalhos/resultados (estudo do meio e matemática) <b>2</b></li> <li>Todas as áreas (curriculares e não curriculares) <b>2</b></li> <li>Expressão Dramática <b>1</b></li> <li>Expressões artísticas <b>1</b></li> <li>Vivências <b>1</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Criar ambiente baseado na confiança;</li> <li>Propõe atividades a partir de: chamada de atenção para ou fonte de inspiração;</li> <li>Estimular pensamento crítico a partir do questionamento, discussão e confronto de ideias;</li> <li>Potenciar a investigação;</li> <li>Uso pedagógico da Internet;</li> <li>Partilha de experiências;</li> <li>Incentivo à cooperação;</li> <li>Estimular a imaginação;</li> <li>Situações lúdicas;</li> <li>Jogos de estratégia;</li> <li>Desafios experimentais;</li> <li>Exercícios <u>originais</u>;</li> <li><u>Atividades de exploração livre</u>;</li> <li>Diversificação de materiais;</li> <li>Atividades artísticas (experimentação de diferentes técnicas e métodos);</li> <li>Construção de objetos ou figuras;</li> <li>Meditação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Alteração do currículo (diminuição do número de metas e carga horária de Português e Matemática);</li> <li>Valorização igualitária de todas áreas;</li> <li>Aumento do número de recursos humanos e físicos;</li> <li>Mais acesso a informação e novas tecnologias;</li> <li>Disponibilização de materiais de experimentação;</li> <li>Potenciação do desbloqueamento do potencial de cada criança.</li> </ul>

\* Embora a pergunta esteja na negativa, foi colocada na tabela na positiva para perceber quais os elementos que os professores acreditam ser favorecedores do desenvolvimento da criatividade para melhor traçar a sua concepção.



## **1 – Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?**

Os professores inquiridos não tiveram conhecimento prévio do tema do presente relatório. O que significa que nas duas primeiras questões, onde não é abordada diretamente a criatividade, os inquiridos não se sentem “forçados” a falar na mesma, dando respostas o mais honestas possível, visto que não são direcionados para nenhum caminho em particular.

Nesta primeira pergunta, seguindo as linhas orientadoras do atual Sistema Educativo do 1º Ciclo do Ensino Básico, os professores revelaram não valorizar a criatividade como característica essencial a desenvolver na criança. Em vez desta, incluíram características de vários âmbitos. Umas mais relacionadas com áreas de conhecimento específicas como o português e a matemática – compreensão, interpretação, leitura, escrita, raciocínio lógico, cálculo mental e capacidade de resolver problemas. Outras mais globais como a autonomia, concentração, participação, pontualidade, assiduidade, capacidade evolutiva e de produção, destreza manual, inteligência, dependência, saber fazer e saber estar.

Como referido anteriormente a criatividade não está presente nas respostas dos professores, porém consta na Lei de Bases do Sistema Educativo nº46/86 e na Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

No primeiro documento citado podemos encontrar a criatividade como um dos objetivos delineados para o ensino básico. Na alínea a) do artigo 7º pode ler-se o objetivo de

[a]sssegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, (...) espírito crítico, *criatividade*, (...) promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social. (Lei de Bases do Sistema Educativo nº46/86, art.7º)

Nas Orientações Curriculares, no âmbito da dimensão pessoal da formação é referida a intenção de “[f]avorecer, no respeito pelas fases específicas de desenvolvimento dos alunos, uma construção pessoal assente nos valores da iniciativa, da *criatividade* e da persistência.” (Organização Curricular e Programas, 2006, p.13)

## **2 – Como define um “bom aluno”?**

Como foi referido na questão anterior, até esta pergunta, inclusive, não há nenhuma referência ao tema do relatório, logo os inquiridos não são compelidos a fazer alusão à

criatividade. A pouca ou nenhuma valorização desta capacidade pôde ser observada na questão anterior, bem como na presente.

Nenhum dos inquiridos considera a criatividade como uma característica de um “bom aluno”. Na generalidade, os professores traçam o perfil do bom aluno como aquele que é atento, interessado, trabalhador, participativo e empenhado nas atividades propostas em sala de aula e nas extra curriculares. É aquele que “(...) aprende com facilidade as disciplinas ditas essenciais (...)”, atingindo “(...) as metas curriculares estabelecidas em todas as disciplinas (...)”, dando alguns primazia ao Português e à Matemática. Para além de demonstrar “(...) evolução nas suas aprendizagens (...)”, “(...) consegue obter boas classificações nos testes efetuados (...)” e põe “(...) em prática todos os ensinamentos.”

A nível pessoal, é um aluno “perspicaz, curioso, (...) revela (...) autonomia (...)” e é “(...) assíduo [e] pontual (...)”. Tem um “(...) comportamento adequado, [é] eticamente bem formado (...)” e “(...) está socialmente bem integrado (...)”, envolvendo-se “(...) no trabalho colaborativo da turma (...)” e “(...) participando ativamente no processo de aprendizagem.” Houve apenas uma referência à aprendizagem ativa, tendo havido mais ênfase no receber os conhecimentos transmitidos pelo professor e avaliá-los, do que na sua compreensão e atitude de descoberta face ao mundo por parte dos alunos.

Os professores inquiridos traçaram um perfil correspondente a um aluno competente, bem comportado, que segue as regras pela escola impostas. No entanto, nenhum deles referiu que um bom aluno seria um aluno criativo, talvez porque, como Torrance (1968) acredita, os professores sentem-se pouco à vontade com alunos criativos, por os verem como inconformados, desconcentrados e com dificuldade em seguir regras.

### **3 – Como caracteriza um aluno criativo?**

Relativamente ao aluno criativo, podem assinalar-se algumas características mais referidas pelos inquiridos. Os professores referiram que este usa “(...) a sua *imaginação* para realizar as tarefas solicitadas (...)”, conseguindo “(...) entrar e sair do mundo da imaginação, observando o mundo à sua volta criando estratégias para compreender o que o rodeia.”

Tal como afirmado nas respostas dos professores, também Vygotsky (2012) acredita que a imaginação está intrinsecamente ligada à criatividade, assinalando-a como o fundamento de toda a atividade criadora, ou seja, “[t]oda a invenção (...) grande ou pequena, antes de se realizar de facto e de se fortalecer, foi concebida exclusivamente pela

imaginação, como uma estrutura elaborada pela mente através das novas combinações ou conexões.” (Ribot, 1901, citado por Vygostky, 2012, p. 24)

A sua imaginação permite-lhe *criar*, que é outra das características referidas pelos professores inquiridos, que dizem por exemplo que um aluno criativo “(...) cria estratégias para compreender o que o rodeia.”. Além de criar, manifesta “(...) *gosto em criar/produzir*.”

As suas criações são caracterizadas “(...) por revelar *originalidade* (...)”, ou seja, apresentam “(...) a sua maneira de ver as coisas (...)”, demonstrando “(...) capacidades para nos surpreender, revelando algo que não era esperado.”

A pessoa criativa demonstra originalidade nas suas produções, sendo esta assinalada por Vygotsky (2012) e Robinson (2011) como um dos elementos chave para algo ser criativo.

Segundo os inquiridos o aluno criativo revela conseguir “(...) avaliar em diversas perspetivas (...)”, não se limitando à informação transmitida pelo professor, indo “(...) mais além (...) e [apresentando] (...) alternativas à informação que recebe.”

Esta última ideia de que o aluno criativo não se contenta com o transmitido como certo, demonstra, tal como Robinson (1982) defende, que os professores devem evitar transmitir as suas opiniões como únicas e indiscutíveis, dando, segundo Torrance (1976), a oportunidade às crianças de verem significados que aos mestres poderiam escapar.

A abertura ao questionamento, novas ideias e opiniões é essencial para o desenvolvimento do *pensamento crítico*. Este é também mencionado na Lei de Bases do Sistema de Ensino a par da criatividade, sendo objetivado no Artigo 7º. Sousa (2003) sugere que os professores incentivem o cultivo de uma mente aberta com liberdade de pensamento e estimulem na criança a capacidade de se ultrapassar a si mesma, de querer descobrir mais.

Outra característica a salientar das respostas ao inquérito, relaciona-se com a capacidade que o aluno criativo tem de utilizar conhecimentos adquiridos na prática e noutras situações. Ou seja, “(...) consegue fazer inferências, tirar conclusões e aplicar o que aprendeu (...)”, criando “(....) estratégias para compreender o que o rodeia.”

Segundo Sousa (2003) Educar para a criatividade não é dar à criança soluções para diversos problemas, mas sim dar ferramentas para construir, ela própria, as soluções para os problemas que se lhe depararem. Munari (1987) também fala desta *capacidade transformadora* da criatividade, que torna o aluno criativo apto a aplicar os conhecimentos

adquiridos em situações distintas.

Nesta questão houve ainda uma referência ao facto do criativo ser “(...) *cuidadoso e atento aos pormenores* (...)” e ser “(...) *divertido* (...)”.

O *humor* é apontado por Cleese (1991) e Taylor e Holland (1976) como uma característica dos criativos. O primeiro afirma que o este é uma excelente forma que os estes têm para entrarem no *open mode*, ou seja, o estado no qual os atos criativos acontecem, visto que permite a liberdade necessária para a fruição de ideias, sem que os criativos sintam pressão ou medo de errar.

Por fim, há a destacar dois inquiridos que se referiram ao aluno criativo como sendo “(...) *dotado de uma capacidade que o distingue dos restantes*.”. Acreditam que é “[u]m aluno que observa o que o rodeia e consegue ver e imaginar, o que *muitos não conseguem*.” Esta noção da criatividade e dos que a têm desenvolvida, segundo os professores inquiridos, não é partilhada por inúmeros autores mencionados no referencial teórico.

A ideia de que a criatividade é um dom exclusivo de alguns afortunados é arcaica e quase que remete à Antiguidade grega, na qual se via a criatividade como um *dom divino*. (Alencar, 2007) Hoje em dia acredita-se que todos temos capacidades criativas, sendo desenvolvê-las o verdadeiro desafio. (Robinson, 2011)

#### **4 – O que entende por criatividade?**

Relativamente ao conceito de criatividade, concretamente, três dos inquiridos referiram-se a esta como uma “(...) *capacidade* que cada ser humano tem (...)”, um identificou-a como um “(...) *grande poder* que deveria ser mais explorado (...)” e outro como uma “(...) *qualidade* adquirida por pessoas curiosas (...)”. Foi dito ainda, por outro inquirido, que “(...) é um *conceito relativista*. Aquilo que é considerado criativo para uma criança, poderá não o ser em idade adulta.”

Conforme foi fundamentado, e ao contrário do respondido na pergunta anterior relativamente à exclusividade da criatividade, nesta questão dois inquiridos referem-na como “(...) *inerente a todas as crianças* (...)” ou, mais abrangentemente, como uma “(...) *capacidade que cada ser humano tem* de se abstrair do que o rodeia (...)”.

Um inquirido vê a *curiosidade* como um dos motores que potencia a criatividade.

Torrance (1976) vê a curiosidade como uma característica das pessoas criativas e, essencial para promover o pensamento criativo.

Os conhecimentos adquiridos são vistos por dois professores como a base da criatividade. Os alunos criativos “(...) buscam inspiração em informações (...)”, sendo que criar significa “(...) projetar os seus conhecimentos (...)”.

Robinson (1982) é um dos autores que defende que a criatividade tem de ter uma boa *base de conhecimentos*.

À semelhança das respostas na questão anterior, também nesta referem a *imaginação* como recurso para *criar*.

Tal como os professores, Sousa acredita que sendo a “(...) criatividade (...)” uma potencialidade latente, há que possibilitar, através de meios e motivações adequadas, a passagem deste poder criativo à acção criativa, ou seja, à criação.” (Sousa, 2003, p. 196)

É ainda referida a *originalidade* presente nas criações, como a “(...) capacidade de encontrar novos caminhos ao longo da nossa vida (...)”, “(...) de gerar algo inesperado (...) que nos surpreende.”, “(...) algo inovador e diferenciador.”

A *transversalidade* é outra característica da criatividade apresentada como a “(...) capacidade de encontrar novos caminhos ao longo da nossa vida, seja em que áreas forem.”

Também é feita referência ao *pensamento crítico*, sendo dito que a criatividade “(...) permite o pensamento crítico (...)”, bem como “(...) uma reflexão sobre os afetos, a sensibilidade e o mundo.”

Não é possível sair da condição de objeto (massa de manobra), sem formar consciência crítica desta situação e contestá-la com iniciativa própria, fazendo deste questionamento o caminho de mudança. Aí surge o sujeito, que o será tanto mais se, pela vida afora, andar sempre de olhos abertos, reconstruindo-se permanentemente pelo questionamento. Nesse horizonte, pesquisa e educação coincidem, ainda que, no todo, uma não possa reduzir-se à outra (Demo, 2007, p. 8)

Por fim, um professor reconhece que apesar de a criatividade ser uma capacidade inata no homem, nem por isso é certo que se desenvolva, logo tem de ser estimulada. “(...) [D]ependendo dos estímulos recebidos ao longo do crescimento (...), a criatividade irá desenvolver-se de forma mais ou menos rica.”

Sousa (2003) concorda com esta afirmação dizendo que a criatividade é

[u]ma capacidade latente que poderá porventura correr o risco de não se desenvolver convenientemente e de ficar de certo modo atrofiada ou adormecida num meio educativo passivo, repetitivo, que considere a quantidade de conhecimentos em vez de considerar a capacidade de criar novos conhecimentos, que promova ao conformismo e ao consumismo, em vez de incentivar a liberdade de pensamento, o espírito aberto, inovador e criador. (Sousa, 2003, p. 198)

A *confiança* é, segundo um dos inquiridos, estimulada pela criatividade.

São vários os autores a estarem de acordo com este professor. Kelley (2012)

acredita que a criatividade dá, aos que a desenvolvem e põem em prática, a confiança de que podem concretizar o que se propõem a fazer. Sousa (2003) diz que “[e]stimular a criatividade será também provar à criança que se confia nela, nas suas possibilidades de realização, levando-a a descobrir que a criação é mais importante que a simples execução reprodutiva.” (Sousa, 2003, p. 196)

Por fim, um inquirido fala na vertente expressiva da criatividade. Esta “(...) permite sonhar e *expressar sentimentos* (...)”.

Stern (1973) diz que “[o] acto criador põe em acção uma mecânica directamente instalada nas pulsões do organismo, em que a expressão é a melodia das fibras no interior do ser (...)” (Stern, 1973, citado por Sousa, 2003, p. 197).

## **5 – Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?**

Três dos inquiridos responderam que “[a] criatividade pode ser desenvolvida em *todas as áreas* (...)” “(...) *curriculares e não curriculares* (...)”.

Robinson (1982) acredita que a criatividade deve ser mais valorizada e desenvolvida em todas as áreas, sejam elas expressões, matemática ou filosofia, visto que esta representa um modo de pensar, uma atitude. Alencar (1996) vai mais além, acrescentando que podia ser bastante frutífero se fossem criadas plataformas que visassem desenvolver a criatividade e características promotoras da mesma.

Alguns inquiridos especificaram as áreas em particular, tendo mais incidência o *Português*, em relação ao qual foram distinguidas as vertentes da expressão escrita e da leitura como subáreas onde é possível desenvolver esta capacidade.

A *Matemática* foi outra das áreas mencionada, com enfoque na resolução de problemas.

As *Expressões Artísticas* em geral também foram indicadas na maioria das respostas. Foi dada mais relevância à *Expressão Plástica*, porém também indicaram a *Expressão Dramática*. Um dos inquiridos referiu que desenvolve a criatividade na “Expressão artística que se transpõe para diversas áreas.”

O *Estudo do Meio* foi igualmente citado a par da Matemática no âmbito da *apresentação de trabalhos/resultados*.

Por fim há a salientar uma resposta, na qual o professor fala nas *vivências* do aluno, como momento para desenvolver a criatividade. O mesmo inquirido fala na importância de tentar “(...) integrar as diversas áreas pedagógicas (...), no sentido de adquirirem

conhecimentos complementares, no sentido da formação completa do aluno.”

## **6 – Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade?**

Nesta pergunta os professores apresentaram respostas muito variadas. Uma das atitudes proposta foi a criação de um “(...) ambiente favorável ao desenvolvimento da confiança pessoal (...)”.

Gloton e Clero (1976) acreditam que, para a criatividade se desenvolver, é necessário *criar um ambiente baseado na confiança*, otimismo, disponibilidade e liberdade na sala de aula. Os mesmos autores referem que “(...) se a criança não se sentir com suficiente confiança para mostrar aos outros os produtos da sua atividade nem for encorajada a prosseguir-la, se não tiver o direito de exprimir com toda a espontaneidade aquilo que sente ou pensa (...)” e se não se sentir “(...) compreendida [e] incondicionalmente aceite (...)” (Gloton & Clero, 1976, p. 56) não conseguirá ter ideias novas, nem desenvolver a sua criatividade.

No ambiente de confiança criado, o professor *propõe atividades a partir de: chamada de atenção para ou fonte de inspiração*, ou seja, “(...) a partir de um tema, imagem ou assunto, dar continuidade ao trabalho ou ter como ponto de partida uma melodia, uma pintura ou um filme e, nesse seguimento, desenvolver trabalhos nas diversas áreas.”

Interligar áreas e aprendizagens é chamada de transdisciplinaridade, que se pode entender como “(...) a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.” (Nicolescu, 1999, p. 23)

Outro aspeto importante relaciona-se com a *estimulação do pensamento crítico a partir do questionamento, discussão e confronto de ideias*. Um professor afirmou estimular “(...) as crianças a fazerem perguntas e [envolvê-las] nas próprias respostas, estimulando-as para dizerem «porque é que acham que é assim?» e «se isto fosse diferente?» ...”. É importante “(...) dar oportunidades a todos para expor as suas ideias em grupo (...)”, de modo a que, posteriormente, haja uma “(...) discussão e confronto de ideias na sala de aula e fora dela.”

Segundo Nickerson (1984, 1987), referindo-se à importância do pensamento crítico e ao papel do professor no seu desenvolvimento, sugere que o mestre não se deve limitar a dar informação, mas preocupar-se em levar os alunos a pensar criticamente sobre o que lhes é transmitido. A ideia deste autor é a de não colocar algo na cabeça do aluno, mas sim



a de tirar alguma coisa dela.

Para ver desenvolvido o pensamento crítico e o questionamento, é necessário, segundo Christenbury e Kelly (1983), criar uma atmosfera cujos elementos principais sejam a empatia, aceitação e abertura de espírito. Tendo o professor, o dever de encorajar todos os alunos a participarem ativamente, transmitindo os seus pontos de vista e interesses para com o grupo.

Outra forma de desenvolver o pensamento crítico é *potenciar a investigação*. Com o intuito de “(...) «*Reach out of the program*»<sup>1</sup>(...), motivar a investigação individual e coletiva dos assuntos tratados na sala de aula.”

Segundo Freire (2001) o ensino e a pesquisa não vivem um sem o outro. O mesmo autor acredita que o professor deve aproveitar a curiosidade natural das crianças para as incentivar a questionar, investigar, imaginar, elaborar hipóteses e formular conclusões.

A pesquisa pode ser feita através do “(...) *uso pedagógico da Internet* na exploração dos assuntos e sua aplicabilidade prática (...)”

Segundo Faqueti e Ohira (1999)

[a]s novas tecnologias de informação, mais especificamente a Internet, têm contribuído para que mudanças paradigmáticas ocorram nos diversos setores da sociedade. A educação também passa por este momento de transformação onde os conceitos são rediscutidos, reformulados e o novo está em construção. (Faqueti & Ohira 1999, p. 58)

Relativamente ao sentido de grupo, além da partilha e discussão de ideias, os alunos devem ter espaço para a *partilha de experiências*, nas quais poderão ter “[c]onversas sobre as suas vivências (...)”. Ao conhecerem-se melhor e estabelecerem relações entre si, o professor está a *incentivar a cooperação*.

À semelhança dos inquiridos, Gloton e Clero falam sobre a importância da relação aberta e sincera como indispensáveis para a vida harmoniosa das crianças.

(...) um estilo de relação com o outro tranquilizante, aberto e caloroso, uma liberdade de expressão, tanto nas suas formas como nos seus conteúdos, são, sob este ponto de vista, tão indispensáveis para a saúde mental da criança como o ar, a alimentação e a alegria de viver o são para a sua saúde física. (Gloton & Clero, 1976, p. 56)

A imaginação é outra vertente a ser estimulada, segundo os inquiridos. Tendo sido referidas estratégias de criação de “(...) cenários na sala de aula (portas imaginárias, máquinas do tempo) que ajudem a *estimular a imaginação*” e realização de “(...) atividades que permitam utilizar a imaginação e criatividade.”

---

<sup>1</sup> Tradução da autora: “(...) «Ir além do programa» (...)”



As *situações lúdicas* são outra das formas de potenciar a imaginação, sendo que nelas os alunos têm de, autonomamente, encontrar soluções para problemas que surjam, como por exemplo “(...) jogos de matemática para resolução de problemas (...)”. Além destas, foram referidos “[j]ogos de estratégia (em grupo)” e “(...) lançamento de *desafios experimentais* de aplicação dos conhecimentos teóricos (...)” ou do tipo “(...) (Quem é capaz de...?)”.

A ludicidade é apontada por Thomas (2014) e Brown (2008) como um modo de nos ajudar a arranjar melhores soluções criativas. Sousa (2003) vê a criatividade como uma capacidade que faz o homem diferir do animal, assinalando o jogo como o meio mais eficaz para a criança a desenvolver, humanizando-se.

Utilizando a sua própria imaginação o professor pode propor *exercícios originais*, ou seja, “(...) mais apelativos que fogem ao considerado corrente.”

Segundo Robinson (2011) é essencial que o professor que deseja educar para a criatividade, seja ele próprio criativo na sua ação, revelando imaginação e originalidade nas propostas que faz.

*Atividades de exploração livre*, são outra maneira de permitir que as crianças entrem no mundo da imaginação e criem sem barreiras, tendo por exemplo “(...) um caixote com materiais que os alunos podem utilizar sempre que acabam as suas tarefas.” Também a *diversificação de materiais*, “(...) por exemplo, de escrita criativa (ficheiros, dados, caixas mágicas de palavras, fantoches, jogos de palavras...) (...)”, ajuda a tornar o processo de ensino/aprendizagem mais completo, entusiasmante e potenciador da imaginação e consequentemente da criatividade.

Relativamente aos dois últimos pontos, há a salientar que “(...) uma pedagogia de liberdade implicará um leque de escolhas tão aberto quanto possível. (...) Deve oferecer-se a maior diversidade de materiais e autorizarem-se, se não recomendarem-se, os meios de utilização menos ortodoxos (...)” (Gloton e Clero, 1976, p. 172)

As *atividades artísticas experimentação de diferentes* “(...) técnicas e métodos(...)” são potenciadas por alguns dos professores inquiridos, que as veem como estimuladoras da criatividade.

No entanto, segundo Sousa, mais do que “(...) ensinar técnicas de construção, de pintura ou de desenho, métrica poética, solfejo ou técnicas de ballet (...) [i]nteressa (...) utilizar o contexto expressivo dessas artes para possibilitar o desenvolvimento das aptidões criativas da criança.” (Sousa, 2003, p. 198)

Foi ainda referida a importância da criação de “(...) ateliers de *construção de objetos ou figuras* com materiais recicláveis, etc.”

A propósito desta prática, Brown (2008) associa construir a pensar com as mãos. Segundo este autor é mais fácil pensar em algo quando o temos à nossa frente e lhe podemos tocar e explicar (mostrando) aos outros, do que quando este reside apenas no nosso pensamento.

Por último assinala-se a *meditação*, como outra das estratégias referidas. Este inquirido referiu que potenciaria a criatividade, “[f]azendo aulas de meditação semanais (...)”.

A meditação é, segundo Vieira e Vieira (2005), uma estratégia de ensino/aprendizagem, relacionada com alguma situação da vida real. Esta “(...) centra-se no pensar ou «meditar» sobre problemas reais (pessoais ou não) (...)”. Não sendo uma estratégia “(...) pré-planeada, (...) pode ser usada em qualquer situação que o justifique.” (Vieira & Vieira, 2005, p. 39)

Num estudo recente da Universidade de Leiden, na Holanda, levado a cabo pela psicóloga Lorenza Colzato, foi descoberto que certas técnicas de meditação podem promover o pensamento criativo. (Colzato, 2012)

## **7 – No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que impede/limita a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?**

Relativamente a esta última questão, apesar de ter sido construída na negativa, os resultados foram apresentados na positiva, de forma a serem diretamente mais úteis, propondo assim mudanças que visem o favorecimento da valorização da criatividade.

Os professores assinalaram maioritariamente a necessidade de *alteração do currículo*, especificando a *diminuição do número de metas e carga horária do Português e Matemática*. Seguindo a ideologia desta mudança preconiza-se a *valorização igualitária de todas as áreas disciplinares*.

O *aumento do número de recursos humanos e físicos*, bem como *mais acesso a informação e novas tecnologias* e a *disponibilização de materiais de experimentação* são outros dos pontos apontados pelos professores como elementos que permitirão ao professor potenciar o desenvolvimento da criatividade dos alunos.

Estas mudanças dariam o tempo e recursos necessários à “(...) organização e realização de atividades e ações que visariam a *potenciação do desbloqueamento do*

*potencial criativo de cada criança.*

Um ponto a salientar relaciona-se com o facto de nenhum professor ter falado na sua própria criatividade, o que inevitavelmente levanta a questão “Será que julgam não ser necessária criatividade por parte do professor?”.

Por último, há a destacar a expressão “[f]ator limitador, mas não inibidor (...)” de um dos inquiridos. Esta demonstra por parte do professor resiliência e persistência, na medida em que, segundo a sua resposta, dá a impressão de não deixar de fazer um esforço por estimular o desenvolvimento da criatividade dos seus alunos apesar das barreiras com que se deparam.

### 3.2 – Análise dos diários de campo

A análise dos diários visou responder à terceira pergunta da investigação com recurso ao referencial teórico.

#### **Que estratégias do professor podem favorecer o pensamento criativo?**

Nesta etapa foram analisados os diários de campo, de modo a conseguir relacioná-los com uma ou mais categorias referidas na metodologia da análise de dados. Estas surgiram da análise dos diários, tendo como orientação ideias de autores que fundamentaram o referencial teórico.

Para melhor organização dos dados recolhidos foi elaborada uma tabela, para posteriormente ser desenvolvida cada categoria em particular, justificando a presença dos respetivos diários.

Na tabela seguinte estão enumeradas as categorias presentes num professor que promove o pensamento criativo e os diários dos quais estas emergiram.

Categorias - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que...	Diários de campo
I. Provoca pensamento crítico	1, 11, 12
II. Propõe atividades expressivas	2, 3, 7, 12, 14, 21
III. Estimula o alargamento do horizonte de possibilidades	1, 4, 5, 7, 12, 20
IV. Incentiva e valoriza	2, 6, 9, 10, 12, 13, 16
V. Tem humor	6
VI. É criativo	6, 10
VII. Fomenta relações	7, 8, 9, 11, 12

VIII. Aceita o erro	12, 13, 16
IX. Dá oportunidade para experimentar	2, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19

### **I. Provoca pensamento crítico**

Nesta categoria incluem-se dois diários de campo, nos quais o professor age como mediador entre a resposta rápida do aluno e o aprofundamento das suas ideias e opiniões.

No diário nº1, ao pedir à menina, que disse categoricamente que a Troika “É má!”, que justificasse a sua opinião, está a instigar o pensamento crítico, de forma a que esta, e todos os colegas compreendessem a importância de fundamentarem as suas opiniões e não aceitarem como verdades absolutas tudo o que ouvem. Para dar oportunidade a uma criança que pedia há algum tempo para intervir, foi-lhe dada a palavra, dando uma justificação para ter uma opinião contrária à da primeira colega. De modo a complementar e finalizar a conversa o professor explicou um pouco o funcionamento da Troika.

No diário nº11 o professor pediu novamente a um aluno para dar argumentos que fundamentassem a sua afirmação. No caso, o aluno tentando defender um amigo, com o intuito de este não perder a oportunidade de ir ao recreio no intervalo, disse “(...) acho que ele devia ir.”. No entanto, ao pedir razões mais concretas e aceitáveis para aceder ao seu pedido, o aluno não as soube dar. Tal como no diário anterior, também outro aluno interveio e expressou a sua opinião, mostrando ter pensado sobre o assunto e mostrando também alguma criatividade, visto que acrescentando ao facto do dito colega se ter portado bem, ir ao recreio no intervalo era também um direito do mesmo, visto que “(...) ele tem a sua liberdade (...)”.

O diário nº12 relata uma situação específica que se passou durante uma atividade que também estimula o pensamento crítico. Foram feitas algumas perguntas acerca da história anteriormente contada, para que as crianças pudessem pensar sobre a mesma e não apenas reproduzir o que acabaram de ouvir. Perguntas como “O que pensas da ação do carrasco?”, “Na tua opinião, por que razão a menina teve um fim tão trágico?” e “Que papel é que o ex-soldado desempenha na história?” apelaram ao pensamento crítico de cada criança, na medida em que exigiram que estas refletissem sobre o porquê de situações relatadas.

O questionamento instiga o pensamento crítico, pontapeando para longe a aceitação muda e absoluta de ideias transmitidas como verdades inquestionáveis. O pensamento divergente também é estimulado, visto que as crianças têm a possibilidade de encontrar mais do que uma solução para determinadas questões.

Robinson (2011) defende que educar para a criatividade, pressupõe o encorajamento da autoconfiança, independência de pensamento, e a capacidade de pensar por si mesmo, a promoção do questionamento, o incentivo ao pensamento generativo, livre de críticas imediatas e a “(...) estimulação dos alunos a brincar com ideias e a fazer conjecturas sobre possibilidades, e facilitar a avaliação crítica de ideias.” (Robinson, 2011, p. 270)

## **II. Propõe atividades expressivas**

Nesta categoria incluem-se seis diários que permitem identificar algumas das atividades expressivas proporcionados pelo professor. Estas atividades têm o intuito de desenvolver tanto os conteúdos em questão, como também a criatividade dos alunos.

O diário nº2 refere-se a uma aula sobre adjetivos, tendo estes sido representados pelas crianças com recurso ao próprio corpo. A mímica foi a atividade pela qual as crianças, algumas com considerável dificuldade, se expressaram, de forma a que o grupo adivinhasse o adjetivo em causa.

A dramatização foi outra atividade criativa proposta pelo professor, presente no diário nº3. É um tipo de atividade que, tal como a mímica, exige o uso do corpo para transmitir uma ideia e ainda o uso da voz. Outro fator importante neste tipo de expressão foi, neste caso, a necessidade de trabalho em equipa, que promove o confronto de ideias, o surgimento de novas e ainda a necessidade de transmitirem a sua opinião aos outros membros do grupo.

No diário nº7 está presente a descrição de um trabalho a pares, que consistiu na resolução de situações problemáticas de matemática e posterior representação no quadro e apresentação ao grupo. É também um tipo de atividade potenciadora da discussão de ideias, do pensamento crítico e divergente e, da comunicação de ideias e resultados possíveis.

Os diários nº12 e 14 expõem atividades de escrita criativa propostas pelo professor. Estas possibilitam a expressão de ideais, a exteriorização de emoções e a criação de novas realidades.

O diário nº21 mostra que o professor é criativo propondo uma atividade estimuladora da criatividade dos alunos. À semelhança da “Maior Flor do Mundo” de José Saramago contada pelo professor, foi proposto aos alunos que criassem a sua maior flor do mundo.

A proposta de atividades expressivas é uma boa forma que o professor tem de estimular a aprendizagem e criatividade das crianças. No entanto, segundo Sousa, é importante assinalar que proporcionar atividades artísticas é mais do que “(...) ensinar técnicas de construção, de pintura, de desenho, métrica poética, solfejo ou técnicas de *ballet*. Interessa (...) utilizar o contexto expressivo dessas artes para possibilitar o desenvolvimento das aptidões criativas da criança.” (Sousa, 2003, p.198)

É através de atividades expressivas que as crianças, segundo Robinson (2011), expressam as suas ideias, emoções e interesses. É a partir do corpo, da voz, da comunicação das suas ideias aos outros que aprendem, se expressam e desenvolvem a sua criatividade.

### **III. Estimula o alargamento do horizonte de possibilidades**

O professor possibilita o alargamento do horizonte de possibilidades dos alunos, estimulando-os de várias formas.

No diário nº1, a estimulação do alargamento do horizonte de possibilidades acontece aquando da mudança do rumo da aula. Numa tarefa de interpretação de texto, o professor perguntou o que os alunos entendiam por “óculos de vidro reformado”, com o intuito de perceber quais os seus conhecimentos relacionados com a reforma, permitindo que expusessem e comparassem ideias e, talvez, chegassem a novas conclusões. Ao chamar a atenção para a referida expressão, que poderia ter sido apenas traduzida como “óculos velhos”, o professor e os alunos foram mais além e redirecionaram a conversa. Esta passou pela antiga professora, que se tinha reformado, pela idade da reforma, pela conjuntura atual do país e, ainda, pela Troika. Todos estes temas surgiram a partir de uma simples expressão, que levou à exteriorização espontânea das crianças que, muito interessadamente participaram na conversa.

À semelhança do anterior, no diário nº5, o professor também chamou a atenção para uma nova realidade. Neste caso, esta precipitou-se fora das janelas da sala, em forma de granizo, mas, ainda assim, foi trazida para dentro desta, sob a forma de uma conversa e exploração da tal nova situação, permitindo que os alunos pensassem, questionassem e relacionassem tal realidade com os seus conhecimentos prévios.

No diário nº4, o professor propõe uma atividade com o objetivo, entre outros, de estimular a abertura do horizonte de possibilidades. As crianças tiveram a oportunidade de realizar uma tarefa em que puderam relacionar duas realidades distintas (feriados e datas

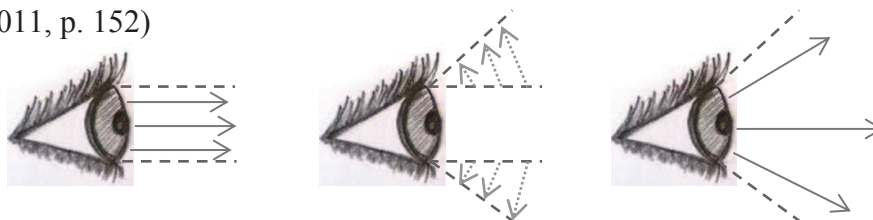
importantes da sua vida), o que pode facilitar a criação de novas ideias, desenvolvendo, desta maneira, a criatividade.

No diário nº20 o professor mostra dar importância à transversalidade dos conhecimentos, na medida em que realizou uma atividade que ligou uma história, com conceitos de matemática e estudo do meio, e ainda com a escrita criativa. Esta forma de trabalhar permite que as crianças estabeleçam relações entre várias realidades, o que dá maior oportunidade de formação de conhecimento.

Embora de uma maneira distinta, também no diário nº7 o professor permite que as crianças cruzem diferentes conhecimentos. No entanto, estes provieram de pessoas distintas. Ao propor a realização da tarefa a pares e, em especial um par de dois amigos, está a abrir as portas ao confronto, comparação e criação de novas ideias.

Por último, no diário nº12, o professor estrutura uma atividade que sucede uma história por si contada, que envolve a interpretação da mesma, apelando à criatividade e pensamento crítico das crianças. Perguntas como “Que outro fim darias à história?”, “Como pensas que foi a vida da menina depois do episódio com o carrasco?” e “Que destino achas que a menina teria se nunca tivesse conhecido a velha senhora?” evocam a capacidade imaginativa dos alunos. Estes veem-se obrigados a imaginar novos cenários, situações hipotéticas e a criar novas realidades.

O horizonte de possibilidades é aquilo que os olhos alcançam com todos os seus filtros e interpretações. Um dos papéis do professor ao educar para a criatividade, segundo Robinson (2011) é estimular o alargamento deste horizonte, de modo que os alunos vejam mais além, considerem mais realidades, ideais e hipóteses e criem fora do olhar direto, crítico e redutor. “Em todos os processos criativos estamos a desafiar as fronteiras do nosso conhecimento atual, para explorar novas possibilidades; (...) a tirar partido das nossas habilidades, melhorando-as e desenvolvendo-as à medida que o trabalho o exige.” (Robinson, 2011, p. 152)



Ao chamar a atenção para novas realidades, o professor está a alargar o horizonte de possibilidades das crianças, permitindo que estas estabeleçam relações entre essas e o que já conhecem. Robinson (2011) faz uma comparação ilustrativa deste *chamar a atenção para*.



Se levores um cão lá para fora e apontares para a lua, o cão olhará para o teu dedo e, depois provavelmente para ti. Se levores uma criança lá para fora e apontares para a lua, a criança olhará para a lua. A habilidade desenvolvida é chamada de atenção conjunta: a capacidade de partilhar palavras e um foco de atenção. (...) Não basta olhar para a lua, inserimo-la nas complexas teorias do universo (...) (Robinson, 2011, pp. 142 e 143)

#### **IV. Incentiva e valoriza**

A criatividade é uma capacidade mais desenvolvida nuns do que noutros, visto que o grau de motivação interna e externa, é igualmente variável. Por esta razão, o professor é um elemento fundamental como promotor da criatividade. Este detém o poder de incentivar os alunos a quererem criar, a divertirem-se enquanto o fazem, valorizando-os, de modo a sentirem gosto e confiança para criar.

O professor tem um papel ativo tanto no momento prévio, como no posterior à criação. A valorização das aprendizagens e produções das crianças é essencial para que estas sintam o seu esforço e empenho reconhecidos. No entanto, mesmo quando a criança não chega a produzir, o mestre deve valorizar a sua dedicação e coragem por não ter desistido face a contrariedades.

No diário nº2, o mestre não deixou que os pupilos desistissem face ao fracasso. Incentivou-os a tentar novamente ou então a abordarem a situação de outro prisma. No caso, a situação passou-se numa atividade de mímica, na qual alguns alunos mostraram alguma dificuldade em expressar-se diante da turma ou em lidar com a frustração de não conseguirem transmitir aos colegas a ideia pretendida. O professor incentivou os alunos a tentarem sem receios e valorizou-os à medida que foram alcançando pequenas vitórias. Quando cada aluno, particularmente os que tinham mais dificuldades, conseguiu adivinhar a palavra mimada (o que lhes permitia jogar), o professor revelou um entusiasmo extra. Os restantes alunos perceberam o entusiasmo do professor, manifestando eles próprios muito ânimo pelo sucesso dos colegas. Os próprios mostraram sentir-se muito felizes e orgulhosos das suas conquistas.

O diário nº9 também mostra o entusiasmo do professor face a um importante êxito de um aluno, utilizando expressões como “Estiveste muito bem. Esforçaste-te e conseguiste fazer tudo sozinho!”. Esta situação foi uma concretização de muitos outros momentos de incentivo e valorização por parte do professor, quando o aluno se mostrava inseguro quanto às suas capacidades e acreditava ser incapaz de resolver problemas.

No diário nº 12, o professor enfrenta uma situação de falta de confiança de uma criança, na qual foi perceptível o sofrimento desta. Ao ser proposta uma mudança de final



para uma história, o aluno em questão bloqueia frente a uma situação que, aparentemente seria de simples resolução. Sem perder a paciência e, tentando ser empático, o professor mostra respeito pela dificuldade da criança e incentiva-a a criar sem medo de errar, visto que a criatividade não pressupõe erros. Tudo o que da imaginação surge é aceite como possível. O professor assume, assim, um importante papel como desbloqueador dos receios da criança. Aquando das conquistas do aluno, o professor mostrou-se orgulhoso, valorizando o seu esforço e o produto do seu trabalho.

Robinson (1982) recorrendo a ideias de Torrance, sugere que os professores devem

(...) ser respeitadores das questões e ideias fora do comum das crianças, mostrando-lhes que tais ideias têm valor (...) e promovendo oportunidades (...) de períodos de prática não avaliada, mostrando que o quer que seja que a criança faça poderá ter valor e não vai ser constantemente avaliada com base em critérios absolutos de avaliação determinados pelo professor. (Robinson, 1982, p. 34)

Neste diário podemos verificar que o professor deu liberdade ao aluno para criar sem barreiras nem pré-conceitos, apesar do medo de errar ser superior, fazendo-o sentir-se retraído e incapaz. Por esta razão é importante que o professor mostre, tal como Robinson afirmou, que há muitos momentos em que as crianças não estão a ser avaliadas, estando apenas a experimentar e a aprender.

No diário nº13 o professor assumiu uma postura de observador e mediador da aprendizagem. Incentivou as crianças a continuar perante as dificuldades, sugerindo-lhes que discutissem o assunto no seu pequeno grupo, com o intuito de encontrarem uma solução. No entanto, quando os grupos tendiam a desistir, o professor deu uma dica ou exemplo para os incentivar a continuar.

No diário nº 16 é referida a atitude do professor face a uma resolução errada de uma situação problemática por parte de um aluno. O professor não deixou de valorizar o aluno, por ter tentado resolver o problema e, ainda por se ter voluntariado para o comunicar à turma. Após a correção do mesmo em grupo, o professor voltou a valorizar tanto o aluno em causa, como os restantes alunos pelas conclusões a que chegaram.

Nestes cinco diários é possível observar a importância do papel incentivador levado a cabo pelo professor. Segundo Robinson (2011) é na construção da confiança necessária para tentar, e no encorajamento dos alunos para acreditarem no seu potencial criativo, que o professor estimulará as crianças a sentirem-se mais à vontade para tentar, falhar e, passo a passo, desenvolverem a sua criatividade, porque “(...) pequenos sucessos levam a maiores ambições.” (Thomas, 2014, p. 67)

Nos diários nº6 e 10 o tipo de incentivo é diferente, visto que é mais real. No

primeiro caso este é tangível. As crianças realizaram uma tarefa – diálogo romântico e posterior dramatização, com o intuito de ganharem o prometido prémio. O professor optou por dar uma motivação extrínseca, por saber que seria uma tarefa de difícil execução para as crianças, não por não estar ao seu alcance, mas sim por exigir expressão corporal, exposição ao grupo e se tratar de um tema pouco apreciado pelas mesmas (o romantismo).

Assim, segundo Torrance (1976), como incentivador dos alunos e do seu potencial criativo o professor deve, quando achar necessário, recompensar os seus talentos e realizações criativas.

No diário nº10 a motivação foi também extrínseca e surgiu, inicialmente, do professor. Este deu três hipóteses a um aluno que, constantemente se comportava de forma incorreta, sendo que à terceira perderia a possibilidade de ir ao recreio durante o intervalo. Por encararem tal estratégia como um desafio, o grupo pediu para entrar na “brincadeira”. Os alunos utilizaram este instrumento para se autorregularem. O professor não se opôs e até apoiou esta decisão, considerando um bom incentivo para melhorarem o comportamento.

O professor tem um relevante papel como incentivador da criatividade dos alunos, não devendo deixá-los desistir diante de dificuldades e do fracasso, e valorizar os seus esforços e criações. Deve portanto, segundo Robinson (1982), aproveitar esta importante responsabilidade para deixar as crianças à vontade para exporem as suas ideias, por mais novas, incomuns, excêntricas ou não tradicionais que sejam.

Uma forma de incentivar os alunos a criarem é recorrer à motivação extrínseca. Segundo Robinson (1982), esta pode ser um prémio escolhido pelo professor que servirá de incentivo/recompensa pelas ideias originais dos alunos, podendo este ser “(...) novo trabalho ou novas interpretações, ou (...) novas soluções de problemas para os quais os seus conhecimentos e habilidades prévias fornecem apenas soluções parciais ou inadequadas.” (Robinson, 1982, p. 34)

A valorização das produções dos alunos é outra forma de os incentivar a criar, visto que os faz sentir mais confiantes e aptos para tal. Ainda que os resultados não sejam os melhores ou os mais criativos ou tampouco existam, o professor deve valorizar nem que seja o esforço e dedicação que colocaram no seu trabalho. Ideia partilhada por Thomas (2014) que afirma ser mais importante valorizar o trabalho árduo do que apenas os sucessos e os momentos de “eureka!”. Esta mesma autora e Robinson (1982) acreditam que as crianças, apesar de serem naturalmente curiosas, muitas vezes não são tão bem

sucedidas na escola, porque se sentem aborrecidas, desmotivadas e com falta de confiança, porque os professores não as valorizam o suficiente.

## **V. Tem humor**

Pode verificar-se o humor do professor no diário nº6. Neste os alunos realizaram uma dramatização de um diálogo romântico inspirado na história “A Princesa e a ervilha”. O professor propõe que a turma vote no grupo que mais gostaram, prometendo um prémio aos eleitos, sem especificar do que se tratava. Durante a semana, tempo de espera até receberem o tão falado prémio, os alunos tentaram por várias vezes adivinhar, sonhando com coisas grandiosas ou pelo menos, saborosas. Aquando da entrega do mesmo aos vencedores, os alunos comentam: “A professora é esperta!”, visto que entregou uma vagem de ervilha.

O humor é um componente fundamental para a criatividade. Segundo Cleese (1991) este é parte essencial da espontaneidade, ludicidade, e da criatividade necessária para resolver problemas, independentemente de quão sérios estes sejam.

A brincadeira permite criar de forma espontânea e divertida. Thomas (2014) e Cleese (1991) acreditam que esta não é sinónimo de facilidade, nem tira seriedade aos assuntos. É apenas uma forma inteligente de cativar e promover a criação. A primeira autora afirma sentir, como professora, maior facilidade em “colocar” as crianças a trabalhar arduamente, se estas forem ajudadas a divertir-se enquanto o fazem. O segundo autor refere ainda que o humor possibilita-nos passar mais rápido do que com qualquer outra coisa do modo fechado para o modo aberto. O mesmo autor ainda refere que o riso causa relaxamento e o humor nos torna mais predispostos para brincar.

## **VI. É criativo**

Nos diários nº 6 e 10, o professor demonstra ser original e criativo. No primeiro caso, a opção de premiar os alunos eleitos pelo grupo como os melhores no desempenho da tarefa pedida, não foi por si original, mas sim a recompensa escolhida. Esta, como já foi referido na categoria anterior, revelou humor por parte do professor e, também originalidade. Esta atitude do professor divertiu as crianças, mostrando-lhes ainda a possibilidade de brincarmos ainda que dentro da sala de aula.

No diário nº10, o professor “premeia” um aluno com a sua ideia criativa, dando-lhe oportunidade de autorregular o seu comportamento. A ideia, explicada no diário, foi tão

bem recebida, que se tornou num jogo/desafio do qual todos quiseram fazer parte.

O professor é tido como um modelo por parte das crianças e, como tal, se tiver atitudes que expressem a sua criatividade e se estimular as características fomentadoras desta (como o humor, confiança, expressividade, valorização do outro, horizonte de possibilidades alargado, pensamento crítico, etc.), os alunos seguirão o seu exemplo e, mais facilmente, desenvolverão o seu potencial criativo. Robinson (2011), Jenson (2012) e Craft, Jeffrey e Leibling (2001) acreditam que para se conseguir alcançar os objetivos de uma Educação para a Criatividade, é imprescindível que a própria Educação seja Criativa.

Os últimos autores referidos sugerem que a primeira – Educação para a Criatividade – se baseia na utilização, por parte do professor, de abordagens originais aos temas a “lecionar”, de maneira que os alunos aprendam com mais interesse, entusiasmo e efetividade. Já a segunda – Educação Criativa – tem como instrumentos as tais abordagens originais, que têm como objetivo desenvolver o potencial criativo dos alunos. Ou seja, não vivem uma sem a outra e as duas exigem, segundo Jenson (2012), criatividade por parte do professor.

## **VII. Fomenta relações**

É de valorizar o papel das relações no desenvolvimento da criatividade, bem como no de outras competências. O professor deve fomentar o bom relacionamento entre os alunos, bem como entre si e os alunos, como grupo e com cada um individualmente. Este bom relacionamento leva a que as pessoas confiem umas nas outras e se respeitem, o que é essencial para que se possa criar. Sem estes fatores, os indivíduos sentem-se retraídos e evitam inovar com medo do julgamento por parte dos outros.

Nos diários nº7 e 11 é possível verificar a ênfase que o professor dá à amizade entre os alunos, como motivação para criar. No primeiro, o mestre propõe a realização de uma tarefa a pares permitindo, no caso relatado, a parceria entre dois amigos, que habitualmente não ficam juntos, por opção do professor titular. Os alunos em questão mostraram-se muito entusiasmados por lhes ter sido permitido ficarem juntos. Conseguiram comunicar muito bem, discutir soluções e chegar a conclusões em conjunto. A acrescentar, ainda se propuseram a apresentar os resultados à turma, o que não é apanágio de um dos alunos. A oportunidade que lhes foi dada demonstrou confiança por parte do professor, confiança, esta que os alunos agarraram e mostraram ser merecida. Mostraram também, através do seu empenho, esforço e trabalho, que juntar dois amigos pode ser bastante produtivo, na

medida em que sentem maior gosto na criação, bem como à vontade para criar sem temerem ser julgados, visto que confiam e respeitam-se mutuamente.

Gloton e Clero (1976) afirmam ser “(...) necessário que a vida escolar seja organizada de tal modo que as crianças possam trabalhar em conjunto, agrupando-se, segundo as suas afinidades (...)” (Gloton & Clero, 1976, p. 95)

No diário nº11 o professor possibilita, de uma forma diferente, uma demonstração de amizade, mostrando valorizá-la. Neste caso um aluno, segundo uma regra conhecida e aceite, foi penalizado com o impedimento de ir ao recreio durante o intervalo. O professor permitiu e incentivou a intervenção de mais do que um aluno que se insurgiram em defesa do amigo. A motivação que os movia era a relação de amizade que existia entre os “advogados” e o “réu”, o que lhes deu força para o defenderem com mais afínco e criatividade. Toda esta situação levou a um pensamento criativo por parte do primeiro e último interveniente, que inicialmente defendeu o amigo afirmando apenas que este se estava a portar melhor e por último, após refletir acerca do assunto, alegou que o seu amigo “(...) tem a sua liberdade (...)” e, como tal tem pleno direito de ir ao recreio. Esta foi uma criação espontânea do pensamento deste aluno motivado pela força da amizade, tendo apenas acontecido porque lhe foi dada oportunidade para se expressar, refletir e criar.

Thomas (2014) acredita que os criativos partilham o seu conhecimento, ferramentas e o seu apoio. Cleese (1991) é também a favor do trabalho/brincadeira partilhada como fonte de resultados mais ricos e criativos. Este autor fala ainda da importância de ter como parceiros pessoas de quem se gosta e que transmitam confiança, visto que se se tentar criar com pessoas que nos colocam à defesa, a autoconfiança perde-se, sendo seguida da criatividade.

O diário nº8 ilustra um momento em que o professor permite que os alunos manifestem os seus sentimentos por meio de cartas que escreveram uns aos outros. Desta forma fomentou o aprofundamento das relações entre os alunos. Foi uma atividade que os incentivou a expressarem sentimentos e a valorizarem o outro pelos seus talentos e qualidades.

Nos diários nº 9 e 12 são contadas duas situações que revelam a significância de uma boa relação professor-aluno. Quando o professor a valoriza e nela investe, os alunos sentem-se mais confiantes, motivados e livres para explorar e aprender e, como tal, mais facilmente verão o seu potencial criativo desenvolvido.

No diário nº12 é narrado o fim de uma aula, no qual se sucedeu um moroso e

desgastante processo, cujos intervenientes foram o professor e um aluno. O professor foi em auxílio de um aluno que não completou uma tarefa, que tinha como objetivo, entre outras coisas, que os alunos criassem um novo final para uma história anteriormente contada e discutida. O bloqueio do aluno devia-se ao desconhecimento dos meandros da pergunta. Este não percebia, mesmo depois do professor lho confirmar, a inexistência de uma resposta correta, temendo acentuadamente errar, não percebendo que tal não era sequer possível, porque todas as respostas seriam válidas. Esta falta de confiança em si mesmo e o tremendo medo de errar e ser repreendido posteriormente, apenas foram ultrapassados devido à atitude adotada pelo professor. Este tentou acalmar o aluno, dando-lhe confiança e o à vontade necessários para arriscar. A relação entre o professor e o aluno foi o que permitiu que ganhasse a confiança necessária à concretização da tarefa. Esta não foi terminada com grande brilhantismo, nem criatividade, mas abriu portas para que as próximas o possam ser.

No diário nº9 a relação professor-aluno ajudou o último a conquistar a tão desejada confiança para criar sozinho, sem medo de errar ou de ser julgado, nem desistir durante o processo. Esta pequena situação, que culminou no entusiasmo do aluno e satisfação consigo mesmo, foi fruto de um longo processo de incentivo, valorização dos esforços e resultados, desvalorização do erro como errado, considerando-o como forma de reconhecimento das dificuldades e posterior avanço e aprendizagem. A confiança que o aluno ganhou no professor permitiu-lhe produzir por si, lembrando-se que os processos de trabalho e aprendizagem não são sempre fáceis nem lineares, mas que com esforço e segurança mais facilmente os completará.

Fomentar relações é outra das funções do professor, não apenas para ajudar no desenvolvimento da criatividade, como para o desenvolvimento de competências sociais. O homem só é Homem juntos de outros Homens, ou seja, aprende a sê-lo no contacto com o outro.

Relativamente à criatividade, as relações são fulcrais, visto que esta surge do confronto e combinação de diferentes ideias. Mesmo que a ideia final surja de um indivíduo apenas, é importante que este tenha a possibilidade de comunicá-la aos outros, tanto para aperfeiçoá-la como para validá-la. Gloton e Clero (1976) reforçam esta ideia acrescentando que na sua perspetiva

(...) uma atividade criadora autêntica não pode ser a de um indivíduo isolado, cortado do mundo exterior e encerrado em si mesmo, encontrando, em si e por si, todos os recursos para alimentar a sua criatividade: esta não se concebe senão numa pedagogia de grupo, em situações de comunicação e de

troca entre indivíduos empenhados em conjunto numa acção tendente a objectivos comuns. (Gloton & Clero, 1976, p. 93)

O trabalho de grupo possibilita efetuar ligações entre conhecimentos e ideias com o intuito de criar, usando a imaginação, explorando possibilidades e pontes entre diferentes maneiras de ver um problema. Robinson (2010, 2011) defende que esta é uma das formas de educar para a criatividade e, ainda que as crianças aprendem melhor umas com as outras e quando os professores aprendem com elas.

### **VIII. Aceita o erro**

O diário nº12 ilustra a relação que o professor tem com o erro. Neste caso específico, a tarefa proposta, abre na totalidade o horizonte de possibilidades dos alunos, podendo estes dar como resposta todo e qualquer produto da sua imaginação. O aluno falado no diário vê-se petrificado, sem capacidade de responder a uma pergunta de resposta aberta e totalmente livre, com medo de errar. O professor reforça inúmeras vezes que o aluno pode dar qualquer resposta visto que a atividade assim o permite e, mesmo que não permitisse, não precisava de ficar naquele estado por temer dar uma resposta errada. Tentando explicar-lhe que o erro não é assim tão grave e que na verdade é uma forma de aprender e evoluir. Apesar de esta não ser uma situação de «certo ou errado», o aluno sofreu tanto como se o fosse.

Robinson (2006) reconhece este temor que as crianças, à medida que vão crescendo, começam a sentir. Justifica esta atitude por o erro ser estigmatizado e assim tornado, não intencionalmente, o maior rival do desenvolvimento criativo. Apesar das crianças nascerem sem medo de errar, vão perdendo esta grandiosa capacidade.

Thomas (2014) concorda com este autor referindo que as crianças não se importam de falhar. Simplesmente continuam a interagir e a interagir. Esta atitude revela uma das características necessárias à criatividade – a persistência. Visto que segundo a autora, “(...) a maior parte dos projetos envolve fazer algo novo, ou pelo menos novo para o criador (...). Esta capacidade para continuar a tentar, mesmo quando a primeira tentativa não tem o efeito desejado, é a chave para ser bem-sucedido quando se está a explorar novos campos e feitos.” (Thomas, 2014, p. 73)

Já o diário nº16 mostra realmente a posição que o professor adota face ao erro. Após um exercício problemático de matemática, um aluno apresenta os seus resultados ao grupo. O professor e o grupo, rapidamente, se apercebem que a resolução não está correta, sendo que o segundo faz a observação ao aluno em causa, com uma postura negativa,



reforçando que ele “(...) está mal! Está errado!”, e que é “(...) burro!”. Perante a postura dos colegas, o aluno começou a sentir-se bastante mal e embaraçado. Depois de ter descomposto o grupo, o professor pegou no erro do aluno e perguntou, como é que ele tinha pensado e de que maneira julgava estar errado. Após terem discutido o assunto em conjunto (professor, aluno e restantes alunos) chegaram à conclusão que o caminho optado pelo aluno podia ser parte de outra solução. Ou seja, o seu erro possibilitou que o próprio e os colegas pudessem chegar a uma nova solução. Neste diário pode-se identificar a resiliência como capacidade básica para continuar a criar após falhar.

Rodari (2006) além de não desvalorizar os erros vai mais longe e valoriza-os como “(...) criações autónomas, de que servem para assimilar uma realidade desconhecida.” (Rodari, 2006, p. 49). Neste caso a realidade desconhecida para os alunos era a estratégia descoberta a partir do erro.

No diário nº13 o professor “deixa passar” alguns erros durante a realização da atividade com o intuito de os utilizar no momento de comparação das medições efetuadas pelos grupos. Durante a discussão os grupos constatarem que chegaram a comprimentos diferentes dos mesmos objetos, medidos com unidades de medida também iguais. Esta situação levou a que se questionassem quanto à forma como foram medidos. Reproduziram o modo como fizeram as medições e concluíram que os grupos não tiveram o mesmo nível de rigor. Em conjunto chegaram a algumas regras de medição.

“Todos os criadores precisam de encontrar a sua voz interior. Uma das maiores dádivas que podemos conceder aos alunos é dar um passo atrás e deixá-los descobrir por si mesmos.” (Thomas, 2014, p. 125) A mesma autora vê os erros como rascunhos, que depois de trabalhados e desenvolvidos levam à criação. Afirmar, ainda, que não são os erros ou os rascunhos que levam ao sucesso, mas sim a capacidade que o criador tem para se levantar, fazer de novo, tentar outra abordagem, determinado a conseguir. O real falhanço é quando desiste.

Tendo todas as categorias o seu peso no desenvolvimento da criatividade, esta revela um peso substancial, visto que o erro, como falhanço, é um fator aniquilador desta potencialidade. O professor tem de, em primeiro lugar, mudar a perspetiva comumente associada ao erro. Este tem de ser, mais do que aceite, reconhecido e valorizado como essencial para a criatividade e, ainda, para o desenvolvimento de características como a persistência, resiliência, adiamento da gratificação/sucesso, fulcrais à “sobrevivência” do indivíduo na sua vida futura.



Thomas (2014) e Robinson (2011) acreditam que a predisposição para correr riscos e ser empreendedor, a persistência e a resiliência para não desistir diante das dificuldades, são características dos criativos.

A autora supracitada incita os professores a proporcionar aos alunos situações realmente desafiadoras, ou seja, de difícil resolução, visto que são essas que os fazem desenvolver e aplicar a atitude própria dos criativos, caracterizada pela persistência, coragem e curiosidade.

Robinson (2011) faz alusão a Terrance Tao (2002) que acredita que o processo criativo se pode descrever da seguinte maneira: “Tens uma ideia errada, trabalhas nela durante um mês e percebes que não funciona. Em seguida tens a próxima ideia errada e, finalmente, pelo processo de eliminação, inventas algo que realmente funciona.” (Robinson, 2011, p.154)

#### **IX. Dá oportunidade para experimentar**

No diário nº2, durante a atividade de mímica, o professor permitiu e incentivou as crianças a experimentarem maneiras diferentes de se expressarem, quando as suas primeiras ideias não eram bem interpretadas pelos colegas.

No diário nº12, o professor sugere uma atividade de escrita criativa, na qual cada criança tem a possibilidade de experimentar, visto que, apelando à sua imaginação, pode criar vários finais possíveis e testá-los, de forma a escolher o mais criativo e o que na sua perspetiva melhor se adequa à história.

O diário nº13 relata uma atividade, na qual o professor possibilita que os alunos explorem, por meio da experimentação, uma realidade nova para os mesmos. Em pequenos grupos, fizeram medições com diferentes unidades de medida. A liberdade dada aos alunos permitiu que estes fizessem várias tentativas e abordassem os problemas, que se lhes apresentavam, de forma criativa e recorrendo à experiência.

No diário nº14 o professor apresenta vários nomes e adjetivos. Os alunos experimentam várias combinações, acabando por escolher um de cada. Após explorarem as potencialidades das palavras escolhidas, elaboraram um poema com os dois. Nesta atividade os alunos tiveram oportunidade de fazer várias combinações com dados diferentes e posteriormente tiveram o desafio de, de alguma forma, fazer com que o par escolhido se fundisse.

O diário nº15 relata uma atividade matemática, na qual o professor possibilitou que

os alunos experimentassem preencher áreas iguais com diferentes unidades de medida, com o intuito de tomarem contacto com unidades de medida não convencionais e ainda de perceberem o que é a área, antes de falarem sobre o conceito.

Thomas (2014) afirma que as crianças aprendem mais rápida e significativamente quando estão a fazer algo.

No diário nº17 os alunos tiveram a liberdade de experimentar conhecimentos sobre áreas, anteriormente desenvolvidos, e, partir para o conceito de áreas equivalentes por meio da experimentação. Tiveram a oportunidade de criar figuras a gosto em que o único requisito era terem a mesma área e perímetros diferentes.

No diário nº18 o professor realizou com os alunos uma atividade experimental introdutória ao tema das frações, no qual usaram uma maçã e uma tablete de chocolate para experimentar conhecimentos prévios e tirar conclusões acerca do tema. Desta forma, o professor utilizou objetos concretos do dia-a-dia para que os alunos adquirissem conceitos abstratos.

O diário nº19 relata uma experiência realizada relacionada com o atrito. O professor propôs uma atividade que lhes permitiu manusear objetos do quotidiano para perceber os fatores que influenciam a quantidade de atrito. As crianças tiveram a possibilidade de experimentar, estabelecer comparações e tirar conclusões.

Thomas (2014) acredita que as crianças aprendem coisas sobre o mundo através da brincadeira e da experimentação.

A criança que para se exprimir maneja pincéis, tintas, papel e cartão, pedrinhas, etc.: que recorta, cola, modela e por aí fora, desenvolve por este facto hábitos de concretização, de adesão às coisas, de uma certa exatidão, que concorrem para a formação de um hábito científico geral, em que, de resto, está sempre presente um aspecto criativo, que se evidencia na capacidade do verdadeiro cientista de se servir dos meios mais simples oferecidos pelo ambiente próximo para as suas experiências. (Rodari, 2006, p. 219)

Experimentar é capital para criar. O professor deve dar espaço para que as crianças façam as suas descobertas por meio da experiência, do erro e do sucesso. Sem experimentar é impossível criar. Desde cedo as crianças devem ser incentivadas a experimentar. A pôr a mão na massa como se costuma dizer. Thomas (2014) alerta para a imperativa necessidade de trabalhar com as mãos desde criança para que em adulto essa ação lhe seja familiar.

A mesma autora refere ainda a brincadeira, que implica mexer e experimentar, como outro dos pontos essenciais para o desenvolvimento da criatividade. Permite

desenvolver a capacidade de ver as coisas de maneira diferente, abordar os problemas de novas perspectivas e ver aspetos não percebidos pelos outros.

Robinson (2011) também defendendo acerrimamente a experimentação, sustentando o seu ponto de vista dizendo que “(...) [s]er criativo envolve sempre *fazer* algumas coisa, portanto irá sempre envolver algumas formas de mediação.” (Robinson, 2011, p.153) Os meios utilizados podem ser de diferentes domínios como o: físico (i.e. aço, madeira, barro, tecido ou alimentos); sensorial (i.e. som, luz, a voz ou o corpo); cognitivo (i.e. palavras, números ou símbolos).

## **CAPÍTULO IV**

### **Considerações Finais**

toda a aprendizagem requer a harmonia entre o passado, presente e futuro, implicando uma estreita relação entre ensinar e aprender. Partilha que motiva, no caso da Escola, a intervenção dos alunos na construção, ou no desenvolvimento e na transformação de algo, decorrente do património recebido e do desejo natural de saber e de querer melhorar o que existe, para bem de todos e para nosso próprio bem. Neste sentido, é importante realçar (...) o significado etimológico dos verbos *ensinar* e *aprender*, respectivamente *pôr uma marca, assinalar* e *prender, agarrar a si próprio*. (Vieira, 2009, p. 30)

Este Relatório Final de Mestrado é, como o nome indica, um trabalho de término de curso, que representa um somatório de muitas aprendizagens efetuadas ao longo da Licenciatura e Mestrado. O produto final é fruto de um grande esforço, dedicação e empenho, cujo objetivo foi aprender mais sobre a criatividade.

A minha intenção foi a de aguçar o meu olhar sobre a criatividade e, principalmente, refletir sobre a importância da mesma na educação, percebendo ainda o papel do professor no desenvolvimento desta capacidade.

O propósito último foi o de melhorar a minha ação como Educadora de Infância e Professora de 1º Ciclo do Ensino Básico, tornando-a mais significativa e adaptada às verdadeiras necessidades do mundo, da sociedade e da criança.

Este tema surgiu muito antes do início do relatório tendo, posteriormente, no decurso da Prática de Ensino Supervisionada, surgido as questões que nortearam este estudo.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi **compreender a importância do desenvolvimento da criatividade em crianças do 1º Ciclo e o modo como os fatores externos influenciam esta capacidade intrínseca do Homem.**

Tendo em vista o objetivo delineado, após muita reflexão e várias reformulações, propusemo-nos responder às seguintes questões:

- 1. Qual a importância do desenvolvimento da criatividade?**
- 2. Que conceções têm os professores de criatividade?**
- 3. Que estratégias do professor podem favorecer o pensamento criativo?**

De forma a responder às questões acima transcritas, recorri a uma aprofundada revisão de literatura, da qual posso salientar alguns nomes que mais significado trouxeram ao estudo: Robinson, Munari, Vygotsky, Thomas, Cleese, Brown, Kelley, Torrance, Taylor, Oliveira, Gloton e Clero, Alencar e Sousa. Como instrumentos de recolha de dados, usei diários de campo elaborados durante o período de estágio e ainda inquéritos por questionário realizados a professores de 1º Ciclo do Ensino Básico.

## **1. Qual a importância do desenvolvimento da criatividade?**

Depois de ter sido investigada a evolução das definições de criatividade, chegando às dos dias de hoje, o estudo virou-se para a pesquisa da importância desta, como capacidade essencial a desenvolver nas crianças.

Esta questão foi respondida pelo referencial teórico.

As principais conclusões acerca do porquê da importância do desenvolvimento da criatividade foram:

- Dá a capacidade de adaptação necessária à constante evolução do mundo.  
Uma pessoa criativa tem mais possibilidades de resolver os problemas que a vida lhe apresente, porque devido à característica transformadora da criatividade, é possível aplicar conhecimentos prévios de várias áreas em momentos e situações completamente distintas.
- Os criativos observam o mundo que os rodeia, detetam problemas ou casos de possível aperfeiçoamento ou evolução e utilizam as suas potencialidades para pôr em prática as suas ideias. Este inconformismo é o que faz o mundo evoluir em todos os seus aspetos, como a arte, a cultura, a ciência, a sociedade, a educação e o ambiente.
- O futuro da nossa civilização depende da capacidade criadora da geração presente, portanto apostar nesta significa ter como objetivo final um desenvolvimento sustentável, cuidando da sociedade presente e pensando de antemão na futura.
- Se cada um desenvolver o seu potencial criativo, a sociedade ficará mais rica em talentos.
- Permite que quem a desenvolver, se construa holisticamente, buscando todas as suas potencialidades. Ao emergir a criatividade, muitas outras capacidades se desenvolverão como a resiliência, confiança, respeito, pensamento crítico, entre outros.
- Quem desenvolver esta capacidade, latente em todo o ser humano, mais facilmente, descobrirá o(s) seu(s) talento(s), o que o ajudará na incessante busca da felicidade,

na qual o indivíduo se aproximará mais de si, conhecendo-se e realizando-se, o que, possivelmente, lhe permitirá sentir-se mais parte do mundo.

- É benéfica para a saúde mental, porque potencia o bem-estar de quem a desenvolve, gerando, ainda, sentimentos de prazer e satisfação. Para além do sucesso pessoal, tem também o poder de contribuir positiva e eficazmente para o sucesso profissional.

## **2. Que conceções têm os professores de criatividade?**

Tendo respondido à questão relativa à importância da criatividade e perspetivando, ao nível da educação, uma mudança de atitudes face à mesma, torna-se fulcral perceber o que os agentes educativos pensam e fazem acerca desta.

Para responder a esta questão foi utilizada a análise dos inquéritos por questionário realizados a professores de 1º Ciclo do Ensino Básico e o referencial teórico, do qual se salientam dois autores – Alencar e Robinson.

As principais conclusões a retirar do transmitido pelos professores são:

- A criatividade é uma das capacidades a desenvolver nas crianças, segundo os objetivos delineados para 1º Ciclo do Ensino Básico. No entanto, os professores não a consideraram nas respostas dadas à primeira e segunda perguntas do questionário. Nestas foi, propositadamente, omitido o tema do relatório e onde se tentou perceber as características das crianças mais valorizadas pelo atual sistema de educação e o perfil que os professores traçam do para eles considerado «bom aluno». Esta ausência da criatividade revela que não a acham uma das características mais valorizadas no desenvolvimento da criança.
- Ao caracterizarem o, para eles considerado, “bom aluno”, os professores não identificam a criatividade como um elemento característico do mesmo. Dão primazia ao cumprimento das regras, à facilidade em apreender conhecimentos transmitidos e aos bons resultados nos testes avaliativos.
- Até ser referida a criatividade nas questões do inquérito, nenhum professor a esta fez referência. Tal pode ser indicativo que estes não são sensíveis à sua importância



e, como tal, não agem consciente e intencionalmente com a preocupação de a desenvolver nos seus alunos.

- A criatividade é entendida como uma capacidade, uma qualidade e um poder.
- É considerada por alguns como inata no ser humano, mas por outros ainda como exclusiva de alguns afortunados. Os últimos, ao defender esta ideia, desresponsabilizam-se de estimular o desenvolvimento da criatividade das crianças. Há ainda professores que defendem que, caso esta esteja presente na criança, não é possível estimulá-la, visto não ser uma capacidade passível de aperfeiçoamento, dependendo apenas de fatores internos.
- Apesar de pouco vincada, alguns professores são da opinião que esta é uma capacidade que exige estimulação, sendo que se tal não acontecer esta poderá ser menos rica.
- A curiosidade é apontada como um dos motores da criatividade. As crianças que têm sede de descoberta e compreensão do mundo são aquelas que criam sem receios, que inovam e que buscam novos caminhos e soluções para os seus problemas.
- Os professores vêem os conhecimentos que as crianças adquirem, como outro dos engenhos que fazem gerar pensamento criativo, ou seja, é preciso, entre outras coisas, matéria-prima para ser possível criar.
- O aluno criativo é visto como alguém que tem facilidade em imaginar novos mundos, criando, com prazer na criação, soluções originais capazes de surpreender os professores. Alguns consideram-no munido de pensamento crítico, não tomando como certas e, indiscutivelmente, verdadeiras as informações que lhe são transmitidas. Para além de apresentar alternativas à informação recebida, tem a capacidade de aplicar o que aprende noutros momentos e em situações distintas. É ainda caracterizado como cuidadoso, atento aos pormenores e divertido.
- O desenvolvimento desta capacidade estimula a confiança, permite expressar sentimentos e sonhar.

- Alguns professores afirmam desenvolver a criatividade em todas as áreas, curriculares e não curriculares. No entanto, quando especificam, focam-se em áreas e aspetos particulares, como as expressões artísticas (com enfoque especial na Expressão Plástica), o Português e a Matemática (centrando-se na expressão escrita, resolução de problemas e apresentação de resultados).
- Há professores que acreditam que a criatividade apenas se pode desenvolver no âmbito das disciplinas artísticas, passando, desta forma, a preocupação com o seu desenvolvimento para os professores da área.
- Em relação às atitudes e atividades promotoras da criatividade, embora sejam abordadas na questão seguinte, importa referir que os professores se focaram quase unicamente em apresentar tarefas por eles realizadas do que atitudes estimuladoras da criatividade. Apenas foi referido o ambiente baseado na confiança. No entanto, o professor que o referiu não explica como o desenvolve, ou seja, que atitudes da sua parte o estimulam.
- No exercício da sua atividade, os docentes sentem-se limitados no que toca à possibilidade de desenvolverem a criatividade das crianças, devido à falta de tempo e recursos necessários. Apenas um professor se referiu a estes fatores como limitadores, mas não inibidores, o que demonstra que, na sua grande maioria, os professores se conformam perante a realidade atual, não se esforçando por ultrapassar estes e outros obstáculos.
- Outra associação comum à criatividade prende-se com o domínio intelectual. Achando muitos professores que a inteligência ou grande domínio dos conhecimentos são fatores essenciais e exclusivos para se ser criativo, sendo porém uma acessão errada, visto que se pode ser simultaneamente muito culto e bem informado, e não ser criativo, como o contrário.

### **3. Que estratégias do professor podem favorecer o pensamento criativo?**

A questão final tem como objetivo auxiliar os professores na sua prática, quanto às estratégias e atitudes que potenciam o desenvolvimento da criatividade.

Esta última questão foi respondida pela análise dos diários de campo, da qual emergiram algumas atitudes do professor potenciadoras da criatividade dos alunos e pela

sexta pergunta do inquérito por questionário realizado a professores de 1º Ciclo do Ensino Básico.

Como conclusões pode dizer-se que o professor que estimula o desenvolvimento da criatividade dos seus alunos é aquele que:

- Provoca o pensamento crítico, vendo-o como forma de promover a formação de crianças atentas, reflexivas, opinativas e preocupadas com o mundo que as rodeia, assumindo neste um papel ativo, lutando - criando, por melhorá-lo por si e pelos outros.

O pensamento crítico pode ser estimulado por meio do questionamento, abertura à discussão e confronto de ideias. Deste modo os alunos partilham as suas opiniões com o grupo, ouvem as dos colegas, aprendem a respeitá-las e tiram novas conclusões, fruto da discussão e reflexão.

- Propõe atividades expressivas, livres ou orientadas.

A criatividade é a expressão de necessidades interiores e exteriores ao indivíduo.

Atividades expressivas, podendo ser artísticas ou não, têm o intuito de permitir que as crianças, utilizando a imaginação, expressem as suas alegrias, temores, mágoas ou incertezas. Este tipo de atividades, colocando a ênfase nas mais livres, dá aos alunos possibilidades infinitas de pensamento, imaginação, geração de ideias e criação. Estes observam o mundo e sentem-se impelidos a melhorá-lo.

- Estimula o alargamento do horizonte de possibilidades. Ao colocar as crianças em contacto com diferentes realidades, o professor está a potenciar aprendizagens significativas e, consequentemente, criação de conhecimento. Isto pode realizar-se a partir de atividades que tenham como mote uma chamada de atenção para determinada situação ou uma fonte de inspiração. Também a diversificação de materiais possibilita cruzar objetos de diferentes mundos, permitindo, igualmente, que a criança cruze diferentes informações e realidades.

Como nada se cria a partir do nada, é importante que se transmitam informações às crianças, para que estas reflitam e as transformem em conhecimento, passível de, posteriormente, ser a matéria-prima das suas criações.

Incentivar a investigação, com recurso aos *media*, é essencial para que as crianças

tenham acesso a novas informações e possam refletir criticamente acerca do mundo.

Não é necessário, nem desejável que a partilha provenha apenas do professor, devendo este dar oportunidade para que as crianças partilhem experiências, interesses, opiniões e angústias.

- Incentiva produções criativas, tanto recorrendo à motivação intrínseca como extrínseca. A primeira está relacionada com a estimulação da confiança necessária para o aluno criar. É importante que o professor mostre respeito pelas criações e ideias originais dos alunos, com o intuito de fazer fervilhar neles o desejo de criar, inovar e arranjar novas soluções para antigos e emergentes problemas. Já a motivação extrínseca, que não deve ser aplicada sem a primeira, trata-se de incentivar as crianças a criar tendo em vista uma recompensa, além da realização pessoal.
- Valoriza. Já mencionada como motor da motivação intrínseca, a valorização é essencial para que as crianças deem valor a si mesmas e criem confiantes de que qualquer produto da sua imaginação é válido e que o professor o aceitará como fruto do seu trabalho, empenho e criatividade.  
O ambiente de confiança que se deve viver na sala de aula é estimulado pela valorização cega da criança, como ser ímpar, com talentos e interesses únicos, e necessidades particulares. Este deve transbordar estimulação, liberdade, abertura de espírito, curiosidade, descoberta, diversão, empatia, aceitação, respeito e valorização do outro.
- Tem humor e estimula o dos alunos. Sabendo que este é um ótimo desbloqueador da criatividade, o professor deve aproveitar a oportunidade de prosseguir-lo e dar-se como exemplo de uma pessoa feliz, divertida e descontraída.
- É criativo, visto que para educar para a criatividade é fundamental que se eduque criativamente. O professor, como modelo que os alunos seguem, tem a obrigação de ser criativo. Mesmo que não tenha a sua criatividade tão desenvolvida, é importante que aposte nela, dentro e fora da sala de aula.

Aulas entusiasmantes, desafiadoras e diferentes são as que mais atraem os alunos, fazendo-os querer aprender e descobrir mais. O professor deve ter a preocupação de promovê-las, incluindo atividades originais, que prendam a atenção dos alunos.

- Aceita o erro como parte integrante e fundamental da aprendizagem e do desenvolvimento enquanto seres humanos. Adotar esta visão possibilitará que a criança desmistifique o erro, lidando bem com este, como natural e esperado no processo ensino/aprendizagem. O importante é que o professor mostre este elemento como um incentivo para melhorar, refletir, ver novos caminhos e evoluir, tendo como fim último a aprendizagem e a criação.
- Dá oportunidade para a criança experimentar. Também este aspeto permite que as crianças errem, aprendam, voltem a errar e quando for o momento certo aprendam e criem. Experimentar exige que as crianças recorram a pré-conhecimentos, utilizem as mãos para pôr prática determinado conhecimento, façam inferências e tirem conclusões. Exemplo deste tipo de atividades são situações lúdicas, jogos de estratégia, desafios experimentais e construção de objetos ou figuras. Construir significa pensar com as mãos, ou seja, objetivar produtos do pensamento.
- Fomenta relações entre si e os alunos, como grupo e com cada um individualmente, e entre eles. Um clima de boas relações proporciona a criação de um ambiente fundado na confiança, respeito pela diferença e valorização das experiências, ideias e talentos de cada um. O incentivar de trabalhos em conjunto, permite que as crianças aprendam a cooperar, a entreajudar-se e a partilhar conhecimentos, ideias e criações.

No decorrer da investigação, senti alguma dificuldade em selecionar e organizar informação, caindo por vezes no erro de sobrecarregar o estudo com informações que me pareciam e parecem demasiado valiosas e relacionadas com o tema para não as incluir no relatório. Outra dificuldade sentida foi a necessidade de, por mais de uma vez, redirecionar o estudo, por não ter encontrado o caminho que mais me satisfazia, mas por fim consegui chegar às perguntas norteadoras da investigação.

Embora nem sempre se tenha revelado fácil, deu-me muito prazer fazer esta caminhada. Uma das minhas maiores inquietações surgiu no decorrer do curso, e, prende-

se com o fundamento da educação. Inspirando-me em vários autores, com os quais tive contacto durante este período, posso dizer que a minha maior preocupação é que as pessoas sejam felizes. Que as crianças, homens, mulheres se sintam realizados, que consigam descobrir o que mais os satisfaz, o que os faz felizes. Ken Robinson faz uma analogia entre o Death Valley e a criatividade latente em todas as crianças. Em português, o Vale da Morte é o local mais quente e seco dos E.U.A., onde nada cresce, porque não chove, sendo essa a razão do nome. No inverno de 2004 aconteceu algo inesperado, choveu no Vale da Morte e na primavera seguinte algo aconteceu. Todo o chão árido deste vale ficou coberto de flores por algum tempo. Este acontecimento provou que o Vale da Morte afinal não está morto, está apenas adormecido.

Mesmo por baixo da superfície existem estas sementes de possibilidade esperando pela chegada das condições certas, e com estes sistemas orgânicos, se as condições forem as certas, a vida é inevitável. Acontece a toda a hora. Peguem numa área, numa escola, num agrupamento. Mudem as condições, deem às pessoas um sentido diferente de oportunidade, um conjunto diferente de expectativas, uma gama maior de oportunidades, apoiem e valorizem as relações entre professores e alunos, ofereçam às pessoas o arbítrio para serem criativas e para inovarem naquilo que fazem, e as escolas que estavam desoladas voltam à vida. (Robinson, 2013, p.1)

A criatividade é uma forma de nos adaptarmos o melhor possível ao mundo em que vivemos, que está constante mutação. Esta é fortalecida a partir do desenvolvimento de determinadas características como o pensamento crítico, resiliência, confiança e respeito pelos outros. Estas são essenciais para que a nossa passagem por este mundo, seja mais do que um sopro curto e igual a tantos outros, seja uma ventania que derrube o preconceito, a guerra, a passividade, o comodismo, o conformismo, o desmesurado consumismo, a inutilidade, a futilidade e o desrespeito selvagem pelo mundo, pelos outros e por nós mesmos.

## Referências Bibliográficas

- AFONSO, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa.
- ALENCAR, E. (1996). *A Gerência da Criatividade. Abrindo as Janelas para a Criatividade Pessoal e nas Organizações*. São Paulo: Makron Books.
- (2007). *Criatividade no contexto educacional: três décadas de pesquisa*. Psicologia: teoria e pesquisa, 23.
- (2003). *Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, v. 19(1).
- (1986). *Psicologia e educação do superdotado*. São Paulo: EPU.
- & FLEITH, D. (2003). *Criatividade: Múltiplas perspectivas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- & FLEITH, D. (2008). *Características personológicas e fatores ambientais relacionados à criatividade do aluno do Ensino fundamental*. Avaliação Psicológica, 7(1).
- & MARTINEZ, A. (1998) *Barreiras à expressão da criatividade entre profissionais brasileiros, cubanos e portugueses*. Psicologia Escolar e Educacional, v. 2 (1).
- ANTUNES, A. (1992). In O Jornal.
- BOGDAN, R e BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto editora.
- CHRISTENBURY, L. e KELLY, P. (1983). *Questioning: A path to critical thinking. TRIP: Theory & Research Into Practice*. Washington, DC: National Institute of Education, ERIC Cleanringhouse on Reading and Communication Skills and National Council of Teachers of English.
- CRAFT, A., JEFFREY, B. & LEIBLING, M. (2001). *Creativity in Education*. London: Continuum.
- CRAMOND, B. (2008). *Creativity: An international imperative for society and the individual*. In M. Morais, & S. Bahia (Eds.), *Criatividade: Conceito, Necessidade e Intervenção*. Braga: Psiquilíbrios.
- DAVIS, G. (1999). *Barriers to Creativity and Creative Attitudes*. Encyclopedia of creativity. v. 1. San Diego: Academic Press.
- DELORS, J. (Org.) (1996). *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Asa.

- DEMO, P. (2007). *Educar Pela Pesquisa*. (8ª ed.) Campinas: Autores Associados.
- FLEITH, D. & ALENCAR, E. (1992). Efeitos de um programa de treino de criatividade em estudantes normalistas. *Estudos de Psicologia*, 9(2).
- FLICK, U. (2005) *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Editora Monitor.
- FAQUETI, M. & OHIRA, M. *A internet como recurso na educação: Contribuições da literatura*. Revista ACB: Biblioteconomia. Santa catarina, Florianópolis, v. 4, n. 4, 1999.
- FREIRE, P. (2001). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GAMA, S. (2005). *Diário*. Mem Martins: Edições Arrábida/Sebenta Editora.
- GETZELS, J. & JACKSON, P. (1962). *Creativity and intelligence: Explorations with gifted students*. New York: John Wiley & Sons.
- GHISELIN, B. *The creative process and his relation to the identification of creative talent*, in University of Utah Research. Conference “Identification Creative Scientific Talent”, 1956.
- GLOTON, R. & CLERO, C. (1976). *A Actividade Criadora na criança*. (5ª ed.). Lisboa: Editorial Estampa.
- GUILFORD, J. (1980). *Creativity. The american psychologist*. v. 5, n.9.
- HESS, R. *O Momento do Diário de Pesquisa na Educação*. In: Ambiente e Educação – v.14 – Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1996.
- IBÁÑEZ, R. (1996). *Comunicação El Aprendizaje Creativo en la Escuela: el "Problem Solving"*, IV Congresso da A.E.P.E.C. subordinado à temática "Escola, Aprendizagem e Criatividade", 5 a 7 de Setembro. Universidade de Évora.
- JENSON, J. (2012). *Developing Creativity in the Primary School*. New York: Open University Press.
- LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO (Lei nº 49/1986, de 14 de Outubro).
- LUBART, T. (2007). *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: Artmed.
- LUZURIAGA, L. (1971). *História da educação e pedagogia*. (5ª ed). São Paulo: Companhia Editora Nacional.



- MARTINS, V. (2004). A Qualidade da Criatividade como mais valia para uma Educação com maior qualidade.
- MINAYO, M. (1993). *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. (2ª ed.) São Paulo: HUCITEC/ABRASCO.
- MORAIS, M. (2001). *Definição e avaliação da criatividade*. Braga: Universidade do Minho.
- MUNARI, B. (1987). *Fantasia. Invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Lisboa: Editorial Presença.
- NAKANO, C. (2009). *Investigando a criatividade junto a professores: pesquisas brasileiras*. Psicologia Escolar e educacional 13(1).
- NICKERSON, R. (1984). Kinds of thinking taught in current programs. *Educational Leadership*. 42 (1).
- NICOLESCU, B. (1999). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.
- NOGUEIRA, S., & BAÍA, S. (2006). *A avaliação da criatividade ou a necessária criatividade na avaliação*. Revista Lusófona de Ciências da mente e do comportamento, 1(8).
- NOVAES, M.H. (1972). *Psicologia da criatividade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- OLIVEIRA, M. (1992). *A criatividade, o pensamento crítico e o aproveitamento escolar em alunos de ciências*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PROGRAMAS. Ensino Básico – 1º Ciclo. (2006). (5ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação.
- OSBORN, A. F. (1981). *O Poder Criador da Mente*. São Paulo: IBRASA.
- PIAGET, J. (1977). *La Formación del Símbolo en el Niño*. Fondo de Cultura Económica México.
- PORTNOFF, A. (1992). Entrevista no Diário de Notícias, Lisboa.
- PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO CONDE DE OEIRAS (2011/2014).
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. (5ª edição). Lisboa: Gradiva.
- RIBEIRO, R., & FLEITH, D. (2007). *O estímulo à criatividade em cursos de licenciatura*. Paidéia, 17(38).
- ROBINSON, K. (1982). *The arts in schools. Principles, practice and provision*. London: Calouste Gulbenkian Foundation.

- ROBINSON, K. (2011). *Out of our minds*. United Kingdom: Capstone Publishing.
- ROBINSON, K. & ARONICA, L. (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.
- RODARI, G. (2006). *Gramática da Fantasia*. (6ª ed.). Lisboa: Caminho.
- ROGERS, C. (1970). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores.
- ROUSSEAU, J. (1995). *Emílio ou da Educação*. (3ª ed). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- RUNCO, M. A. (2004). *Creativity*. *Annual Review of Psychology*, 55.
- SANTOS, João S. (1997). *Condutas de Sujeição*. In O Professor (1997), nº 57, III Série. Lisboa: Editorial Caminho.
- SECADAS, F. (1994). *Superdotación y Creatividad*. Faisa: revista de altas capacidades.
- SOUSA, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1º Volume*. Lisboa: Instituto Piaget.
- TAYLOR, C. & HOLLAND, J. – *Prognosticadores de Desempenho Criativo*. In Taylor, C. – *Criatividade: Progresso e Potencial*. São Paulo: IBRASA, 1976.
- TAYLOR, C. (1976). *Criatividade: Progresso e Potencial*. (2ª ed.) São Paulo: IBRASA.
- THOMAS, A. (2014). *Making Makers. Kids, Tools, and the Futures of Innovation*. USA: Maker Media.
- TORRANCE, E.(1963). *The creative personality and the ideal pupil*. *Teachers College Record*, 65.
- TORRANCE, E. P. – *Educação e Criatividade*. In Taylor, C. W. – *Criatividade: Progresso e Potencial*. São Paulo: IBRASA, 1976.
- TORRANCE, E. (1968). *Education and the creative potential*. Minneapolis: The University Minnesota Press.
- VIEIRA, M. (2009). *A Arte, Mestra da Vida. Reflexões sobre a Escola e o gosto pela Leitura*. Lisboa: Quimera.
- VIEIRA, R. & VIEIRA, C. (2005). *Estratégias de Ensino/Aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VON OECH, R. (1998). *A Whack on the Side of the Head: How You Can Be More Creative*. (3ª ed.). New York: Warner Books.
- VYGOTSKY, L. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Ensaio de Psicologia. Lisboa: DINALIVRO.

WECHSLER, S. (1993). *Criatividade: Descobrimos e encorajando*. Campinas, São Paulo: Psy.

WECHSLER, Solange (1994). *A educação de alunos criativos através dos estilos de aprender*. In Revista Portuguesa de Educação (1994), nº 1 e 2. Braga: Instituto de Educação/Universidade do Minho.

## Webgrafia

BROWN, T. (2008). *Tales of creativity and play*. Tradução de Mia Martin. In TED. Acedido a 10 de Janeiro de 2015 em [http://www.ted.com/talks/tim\\_brown\\_on\\_creativity\\_and\\_play/transcript?language=en](http://www.ted.com/talks/tim_brown_on_creativity_and_play/transcript?language=en).

BROWN, T. (2008). *Tales of creativity and play*. In TED. Acedido a 10 de Janeiro de 2015 em [http://www.ted.com/talks/tim\\_brown\\_on\\_creativity\\_and\\_play](http://www.ted.com/talks/tim_brown_on_creativity_and_play).

CLEESE, J. (s/d). *On creativity*. Acedido a 6 de Janeiro de 2015 em <https://www.youtube.com/watch?v=yAwDWe7OIF8>.

CLEESE, J. (1991). *How to be creative*. Acedido a 10 de Janeiro de 2015 em <https://vimeo.com/89936101>.

COLZATO, L. (2012). *Meditation makes you more creative*. In Universiteit Leiden. Acedido a 12 de Abril de 2015 em <http://www.socialsciences.leiden.edu/psychology/research/news/meditation-makes-you-more-creative.html>.

EINSTEIN, A. In Citador. Acedido em 7 de Janeiro de 2015 em <http://www.citador.pt/frases/a-palavra-progresso-nao-tera-qualquer-sentido-albert-einstein-1703>.

KELLEY, D. (2012). *How to build your creative confidence*. Tradução de Flávia Pires. In TED. Acedido a 20 de Fevereiro de 2015 em [https://www.ted.com/talks/david\\_kelley\\_how\\_to\\_build\\_your\\_creative\\_confidence/transcript?language=en](https://www.ted.com/talks/david_kelley_how_to_build_your_creative_confidence/transcript?language=en).

KELLEY, D. (2012). *How to build your creative confidence*. In TED. Acedido a 20 de Fevereiro de 2015 em [http://www.ted.com/talks/david\\_kelley\\_how\\_to\\_build\\_your\\_creative\\_confidence](http://www.ted.com/talks/david_kelley_how_to_build_your_creative_confidence).

KELLEY, D. (2013). *Design Thinking For Educators Toolkit*. Tradução de Bianca Santana, Daniela Silva e Laura Folgueira. Acedido a 3 de Março de 2015 em [http://www.designthinkingforeducators.com/DT\\_Livro\\_COMPLETO\\_001a090.pdf](http://www.designthinkingforeducators.com/DT_Livro_COMPLETO_001a090.pdf).

MATISSE, H. In Quotes. Acedido em 5 de Janeiro de 2015 em <http://www.henrimatisse.net/quotes.html>.

PESSOA, F. In Citador. Acedido em 7 de Janeiro de 2015 em <http://www.citador.pt/frases/viver-nao-e-necessario-necessario-e-criar-fernando-pessoa-6969>.

ROBINSON, K. (2006). *How schools kill creativity*. Tradução de Nuno Caseiro. In TED. Acedido a 25 de Março de 2014 em [https://www.ted.com/talks/ken\\_robinson\\_says\\_schools\\_kill\\_creativity/transcript?language=pt](https://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity/transcript?language=pt).

ROBINSON, K. (2013). *How to escape education's death valley*. Tradução de Edgar Fernandes. In TED. Acedido a 20 de Novembro de 2014 em [https://www.ted.com/talks/ken\\_robinson\\_how\\_to\\_escape\\_education\\_s\\_death\\_valley/transcript?language=pt](https://www.ted.com/talks/ken_robinson_how_to_escape_education_s_death_valley/transcript?language=pt).

THOMAS, A. (2012). *Making Makers*. In TED. Acedido a 28 de Dezembro de 2014 em <https://www.youtube.com/watch?v=vo5R8x6tyGg>.

## **Anexos**

## **Inquéritos por Questionário**

## **Questionário nº1**

### **1 - Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?**

Tendo em atenção a organização do 1.º ciclo, parece-me relevante valorizar as seguintes características: a compreensão, a interpretação, a autonomia, a evolução e a capacidade de produzir.

### **2 – Como se define neste sistema de ensino um “bom aluno”?**

Um “bom aluno” revela-se interessado e empenhado nas atividades que lhe são apresentadas, envolve-se no trabalho colaborativo da turma; demonstra evolução nas suas aprendizagens.

### **3 - Como caracteriza um aluno criativo?**

Um aluno criativo é caracterizado por revelar originalidade nos trabalhos que desenvolve; consegue avaliar em diversas perspetivas; manifesta gosto em criar/produzir.

### **4 - Qual a sua conceção de criatividade?**

Na minha opinião, a criatividade é inerente a todas as crianças; dependendo dos estímulos recebidos ao longo do crescimento da mesma, a criatividade irá desenvolver-se de forma mais ou menos rica.

### **5 - Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?**

Em todas as áreas: curriculares e não curriculares, com maior relevo na Expressão Plástica; Expressão Dramática e Expressão Escrita.

### **6 - Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade? Quais usa?**

A partir de um tema, imagem ou assunto, dar continuidade ao trabalho ou ter como ponto de partida uma melodia, uma pintura ou um filme e, nesse seguimento, desenvolver trabalhos nas diversas áreas.”

### **7 - No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que acha que pode impedir/limitar a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?**

O cumprimento do extenso currículo limita de forma bastante acentuada o desenvolvimento de atividades que permitam o aumento da criatividade. Por outro lado, por vezes, a falta de recursos humanos e físicos na escola também podem condicionar o desenvolvimento de atividades mais favoráveis à criatividade.

## **Questionário nº2**

### **1 - Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?**

Leitura, escrita, raciocínio lógico, cálculo mental, participação, o ser pontual e assíduo.

### **2 - Como se define neste sistema de ensino um “bom aluno”?**

Um aluno atento, que obtém boas notas nos testes, assíduo, pontual, participativo em todas as atividades e tarefas propostas na sala de aula.

### **3 - Como caracteriza um aluno criativo?**

Um aluno que consegue ir mais além do que aquilo que eu transmito. Tem ideias próprias, muita imaginação, é divertido, cria, inventa e apresenta a sua maneira de ver as coisas. Em suma, apresenta a existência de alternativas à informação que recebe.

### **4 - Qual a sua conceção de criatividade?**

É uma enorme capacidade de encontrar novos caminhos ao longo da nossa vida, seja em que áreas forem. É ser capaz de construir novas possibilidades com recurso à sua imaginação. É um grande poder que deveria ser mais explorado.

### **5 - Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?**

Português (na expressão escrita), Expressões, Estudo do Meio (Apresentação de trabalhos) e Matemática (resolução de problemas e apresentação ao grupo). Basicamente, em todas as áreas.

### **6 - Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade? Quais usa?**

Conversas sobre as suas vivências, dar oportunidades a todos para expor as suas ideias em grupo, utilização de diversificados materiais, por exemplo, de escrita criativa (ficheiros, dados, caixas mágicas de palavras, fantoches, jogos de palavras...), jogos de matemática para resolução de problemas, ateliers de construção de objetos ou figuras com materiais recicláveis, etc.

### **7 - No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que acha que pode impedir/limitar a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?**

A forma como o governo reestruturou o sistema de ensino. Não fomenta um sistema que desbloqueie o potencial criativo de cada criança. Em vez disso, espartilha os professores com objetivos e metas a atingir nos programas escolares.



### **Questionário nº3**

#### **1 - Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?**

As características mais valorizadas são a capacidade de leitura, raciocínio e capacidade de resolução de problemas.

#### **2 - Como se define neste sistema de ensino um “bom aluno”?**

Um bom aluno é aquele que cumpre todas as tarefas solicitadas, participa adequadamente na sala de aula e consegue obter boas classificações nos testes efetuados.

#### **3 - Como caracteriza um aluno criativo?**

Um aluno criativo é um aluno que consegue utilizar a sua imaginação para realizar as tarefas solicitadas. É um aluno cuidadoso e atento aos pormenores.

#### **4 - Qual a sua conceção de criatividade?**

A criatividade é uma qualidade adquirida por pessoas curiosas que buscam inspiração em informações e têm a sensibilidade de percebê-las de forma diferente.

#### **5 - Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?**

Na área do português através da escrita de textos.

Na área da expressão plástica.

#### **6 - Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade? Quais usa?**

- Tento Proporcionar atividades artísticas deixando a criança experimentar várias técnicas e métodos.
- Estimulo as crianças a fazerem perguntas e envolvo-as nas próprias respostas, estimulando-as para dizerem “porque é que acham que é assim?” e “se isto fosse diferente?”...
- Tento inventar cenários na sala de aula (portas imaginárias, máquinas do tempo) que ajudem a estimular a imaginação.

#### **7 - No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que acha que pode impedir/limitar a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?**

O que limita a valorização da criatividade é o extenso currículo, cheio de conteúdos e metas para atingir, fazendo com que nas disciplinas base se trabalhe de uma forma instale uma certa rotina com pouco espaço para o estímulo da criatividade.

## **Questionário nº4**

**1 - Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?**

- A formação;
- A capacidade de atenção/concentração;
- O raciocínio / cálculo mental
- A destreza manual

**2 - Como se define neste sistema de ensino um “bom aluno”?**

É aquele que é capaz de estar atento e de pôr em prática todos os ensinamentos.

É perspicaz, curioso, trabalhador e revela empenho e autonomia.

**3 - Como caracteriza um aluno criativo?**

Um aluno criativo é aquele que apresenta capacidades para nos surpreender, revelando algo que não era esperado. É dotado de uma capacidade que o distingue dos restantes.

**4 - Qual a sua conceção de criatividade?**

Criatividade é a capacidade de gerar algo inesperado. É aquilo que nos surpreende.

**5 - Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?**

As áreas onde a criatividade acaba por ser mais evidente, são as áreas da Expressão Plástica e do Português.

**6 - Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade? Quais usa?**

- Desafios (Quem é capaz de ...?)
- Jogos de estratégia (em grupo)
- Exercícios mais apelativos que fogem ao considerado corrente.

**7 - No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que acha que pode impedir/limitar a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?**

O tempo é sem dúvida o maior impedimento à concretização de tarefas, por vezes mais criativas, mas que levam um período de tempo superior àquele que pode ser dispensado para determinado conteúdo, face à programação delineada para um ano de escolaridade.

## **Questionário nº5**

**1 - Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?**

A inteligência e a dependência

**2 - Como se define neste sistema de ensino um “bom aluno”?**

Aquele que tem boas notas e aprende com facilidade as disciplinas ditas essenciais.

**3 - Como caracteriza um aluno criativo?**

Um aluno que observa o que o rodeia e consegue ver e imaginar, o que muitos não conseguem.

**4 - Qual a sua conceção de criatividade?**

Para mim criatividade é a capacidade que cada ser humano tem de se abstrair do que o rodeia, concentrando-se no seu interior e imaginar novos mundos.

**5 - Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?**

Expressão artística que se transpõe para diversas áreas

**6 - Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade? Quais usa?**

Fazendo aulas de meditação semanais, tendo um caixote com materiais que os alunos podem utilizar sempre que acabam as suas tarefas.

**7 - No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que acha que pode impedir/limitar a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?**

A irracional carga horária e importância dada às áreas do Português e Matemática e a desvalorização de tudo o resto.

## **Questionário nº6**

### **1 - Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?**

No que diz respeito ao desenvolvimento da criança, o atual sistema educativo do 1º ciclo, valoriza essencialmente o seguinte:

- A integração escolar, sem diferenciação (deficiência, raça, etc.)
- O envolvimento dos encarregados de educação no processo educativo
- A abertura à comunidade envolvente
- A organização de projetos escolares
- A proximidade e acompanhamento aos alunos com carências económicas e problemas familiares

Mais recentemente, verifica-se que a componente académica, essencialmente ao nível da Matemática e do Português, começa a readquirir maior importância.

### **2 - Como se define neste sistema de ensino um “bom aluno”?**

Um “bom aluno” é aquele que é bem-sucedido nos critérios a que o atual sistema educativo dá primazia: atingir a maioria das metas curriculares estabelecidas em todas as disciplinas, ter um comportamento adequado, eticamente bem formado e participar ativamente em atividades extra curriculares.

### **3 - Como caracteriza um aluno criativo?**

Um aluno criativo é um aluno que ao adquirir aprendizagens consegue fazer inferências, tirar conclusões e aplicar o que aprendeu.

### **4 - Qual a sua conceção de criatividade?**

A criatividade relaciona-se com criar algo inovador e diferenciador. A criatividade é um conceito relativista. Aquilo que é considerado criativo para uma criança, poderá não o ser em idade adulta. No que diz respeito aos alunos do 1º ciclo, a criatividade caracteriza-se pela capacidade do aluno em integrar e projetar os seus conhecimentos e as suas vivências quer a nível intelectual, produzindo reflexões e ideias sólidas e inovativas, quer na sua aplicação prática distinta e diferenciadora.

### **5 - Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?**

Antes do mais na área das suas vivências e na sua aplicação projetando valores e atitudes humanistas, ambientais e sociais. Em segundo plano e muito naturalmente, tentando

integrar as diversas áreas pedagógicas, da matemática ou português, no sentido de adquirirem conhecimentos complementares, no sentido da formação completa do aluno.

**6 - Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade? Quais usa?**

A criatividade tem muito a ver com o designado “think out of the box”, atitude que é desenvolvida e potenciada nos alunos através de algo que se pode denominar como “Reach, out of the program”. Isto é, a potenciação da criatividade passa, em larga escala, por motivar a investigação individual e coletiva dos assuntos tratados na sala de aula. Isto inclui estratégias como o uso pedagógico da Internet na exploração dos assuntos e sua aplicabilidade prática, no lançamento de desafios experimentais de aplicação dos conhecimentos teóricos e na discussão e confronto de ideias na sala de aula e fora dela.

Em função dos assuntos pedagógicos, aplico com maior intensidade uma ou outra das estratégias enumeradas acima.

**7 - No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que acha que pode impedir/limitar a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?**

Um fator limitador, mas não inibidor, da valorização da criatividade, no atual contexto educativo, consiste na necessidade de cumprimento de extensas metas curriculares que, ao consumirem grande parte do tempo e do esforço curricular, limitam naturalmente a organização e realização de atividades e ações que potenciem a criatividade dos alunos. Existem outros fatores limitadores da valorização da criatividade dos alunos, como:

- Limitação de acesso à Internet, na escola e/ou em casa
- Limitação de materiais para experimentação
- Limitação de tempo para discussões e trabalhos de grupo

## **Questionário nº7**

### **1. Olhando para a atual organização do 1º ciclo, que características no desenvolvimento da criança lhe parecem mais valorizadas?**

A aprendizagem como um todo: o saber fazer e saber estar.

### **2 - Como se define neste sistema de ensino um “bom aluno”?**

É aquele que atingiu as metas curriculares (Português e Matemática) com bons resultados (no saber fazer).

É aquele que está socialmente bem integrado, participando ativamente no processo de aprendizagem.

### **3 - Como caracteriza um aluno criativo?**

É um aluno que consegue entrar e sair do mundo da imaginação, observando o mundo à sua volta criando estratégias para compreender o que o rodeia.

### **4 - Qual a sua conceção de criatividade?**

A criatividade estimula a confiança, permite sonhar e expressar sentimentos e também permite o pensamento crítico. A criatividade permite uma reflexão sobre os afetos, a sensibilidade e o mundo.

### **5 - Em que áreas procura desenvolver a criatividade dos seus alunos?**

A criatividade pode ser desenvolvida em todas as áreas.

Exemplos - No Português: Através da leitura e da escrita.

Na Matemática: Através da resolução de problemas (quotidianos e outros).

### **6 - Que estratégias (atitudes, atividades...) desenvolvem a criatividade? Quais usa?**

Criar um ambiente favorável ao desenvolvimento da confiança pessoal, realizando atividades que permitam utilizar a imaginação e criatividade. Incentivar a partilha e cooperação.

### **7 - No exercício da docência, no atual contexto educativo, o que acha que pode impedir/limitar a valorização da criatividade (sua e dos seus alunos)?**

O tempo / horário / conteúdos programáticos a lecionar.

## **Diários de Campo**

## Diário nº1

Data: 10 de dezembro de 2013

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**I. Provoca pensamento crítico;**  
**III. Alarga horizontes de possibilidades.**

Estava a fazer a análise de um texto com as crianças quando o rumo da aula mudou.

Surgiu a expressão «óculos de vidro reformado». Perguntei à turma o que entendia por aquela expressão. Começámos uma conversa sobre a reforma, a idade com que as pessoas entram na reforma. Até referiram que a antiga professora deles se tinha reformado.

Durante a conversa disse, natural e exageradamente, que quando chegasse à minha reforma ou à deles, teríamos 90 anos. Perguntei-lhes porque é que achavam que isso poderia acontecer. Afirmaram que por estarmos em crise, as pessoas tinham de trabalhar mais, para o país ter mais dinheiro. Neste momento surgiu a Troika (por parte das crianças). Perguntei se alguém sabia o que era e uma menina muito cheia de si disse “É má!”. Eu não fiz nenhum comentário, sorri e perguntei-lhe porquê. Já um pouco menos segura, disse-me: “Não sei...”. Perguntei se alguém sabia. As crianças muito agitadas disseram que sim, explicando que nos roubava dinheiro, que baixava os impostos (queria dizer salários!), tirava empregos...

Ouvi todas as crianças com atenção e depois dei a palavra a um menino que estava com o dedo no ar há algum tempo. Muito sereno e sensato afirmou “A Troika não é má. Eles emprestaram-nos dinheiro.” O resto da turma escutou com atenção, mas com alguma estranheza.

Como conclusão daquela conversa expliquei de uma forma simples o que é a Troika e alertei-os para a necessidade de fundamentar as nossas opiniões. “É má!” não chega.

É importante falar com as crianças e deixá-las falar. Ninguém aprende a pensar se lhe disserem o que pensar. Para que as crianças, futuros adultos, tenham um olhar crítico sobre o mundo e consigam fundamentar as suas opiniões, é necessário que as deixemos pensar e formular opiniões fundamentadas sobre os factos que lhes são apresentados.



## Diário nº2

Data: 12 de dezembro de 2013

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**II. Propõe atividades expressivas;**

**IV. Incentiva;**

**VIII. Valoriza;**

**X. Dá oportunidade para experimentar.**

Hoje fizemos mímica. De início as crianças estavam bastante apreensivas e envergonhadas, mas foram se soltando e exprimindo com mais facilidade.

O entusiasmo era imenso e estávamos todos felizes e empenhados em tentar adivinhar as palavras (que eram adjetivos).

Quando elaborei a planificação tive receio que algumas crianças (em especial três), que costumam mostrar mais dificuldades, não conseguissem adivinhar nenhuma palavra e, como consequência não jogariam (porque a regra era mimar quem adivinhasse).

Nos momentos em que as três crianças acertaram, fiquei tão feliz!

Quando as expectativas são baixas e depois são superadas é ótimo.

Os gritos de alegria e os saltos que dei não permitiram disfarçar de maneira alguma que senti um entusiasmo extra! As crianças riram-se e ficaram também elas animadas.

Durante o jogo todas as crianças conseguiram adivinhar uma palavra e, posteriormente jogar (mimar um adjetivo). Algumas não conseguiam que adivinhassem à primeira e, como tal, tentavam outra maneira de representar a palavra mistério. Iam experimentando a melhor forma de se fazerem entender por meio do seu corpo. Por vezes ficavam muito presas a uma só ideia e eu sugeria que tentassem de outra maneira. Com mais ou menos jeito ou sucesso na sua ação, não deixei que as crianças desistissem!

Desistir estava fora de questão. A algumas crianças até sugeri que me usassem se assim fosse necessário. Ou que usassem objetos (que supostamente não se devia usar).

Esta foi uma atividade que me satisfez por completo. Penso que foi uma boa aula. As boas aulas são aquelas que cativam o interesse das crianças, que como dizia Sebastião da Gama:

“Ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estarem interessados; a não se lembrarem de que lá fora é melhor.” (Gama, 2005)

## Diário nº3

Data: 8 de janeiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

### II. Propõe atividades expressivas.

Representar! Rapariga e rapaz! Um diálogo romântico! O Drama!

Confesso que me deu algum gozo colocá-los naquela situação. Mas sinto que eles precisam de se desinibir.

A atividade correu bem, mas, mesmo assim, podia ter corrido muito melhor. Gostava de fazer mais dramatizações, não propriamente com o mesmo tema. Se o fizer esfolam-me!

Acho importante que desde cedo lhes sejam propostas situações em que têm de se exprimir pelo corpo ou pela voz. O corpo também fala e como tal tem de ser treinado. Para não chegarem à minha idade e ficarem super nervosos, corados e incomodados quando têm de falar em público! Para além de ser uma forma de exprimirem o que lhes vai na alma.

## **Diário nº4**

Data: 9 de janeiro de 2014

**Categoria** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**III. Alarga horizontes de possibilidades.**

Hoje dei uma boa aula.

Foi sobre os feriados. As crianças tinham de registar num calendário os feriados nacionais e o municipal.

Depois de já terem iniciado a atividade acrescentei que poderiam colocar também os aniversários, o seu e dos colegas, e outras datas importantes. Parecia que lhes tinha dado a melhor notícia do dia. Ficaram animadíssimos!

Foi uma algazarra, mas uma algazarra boa. Começaram a dizer os aniversários uns dos outros e a perguntar os que não sabiam. Para além da motivação ter crescido exponencialmente, possibilitei a abertura do seu horizonte de possibilidades, visto que puseram em contacto duas realidades distintas.

Quando as crianças vêm significado naquilo que fazem, tudo faz mais sentido. E assim acontece uma boa aula.

## Diário nº5

Data: 10 de janeiro de 2014

**Categoria** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**III. Alarga horizontes de possibilidades.**

Granizo foi o tópico do dia.

Acordei de manhã e dei de caras com ele na estrada, nas árvores, aqui, ali e por fim na escola. As crianças brincaram com ele até à exaustão e chegaram à sala com os pés encharcados (e algumas mais do que os pés)!

Chamei a atenção dos alunos para esta nova realidade. Falámos sobre o assunto, trocámos ideias e pesquisámos. Associaram à chuva, à neve, ao gelo.

As aulas nem sempre são planeadas. Por vezes são espontâneas e, nem por isso, menos importantes.

No intervalo fomos todos para o recreio onde já não falámos sobre o granizo, mas brincámos, tocámos, sentimos, e gelámos.

## Diário nº6

Data: 13 de janeiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**II. Propõe atividades expressivas;**  
**IV. Incentiva;**  
**V. Tem humor;**  
**VI. É criativo.**

Na semana passada as crianças elaboraram um diálogo romântico entre um príncipe e uma princesa que depois dramatizaram. Esta atividade veio no seguimento da história “A Princesa e a ervilha”.

Como sabia que seria uma atividade que envolveria algum esforço por parte dos alunos, decidi dar-lhes um incentivo. Prometi um prémio aos vencedores, eleitos pela turma.

Levei o prémio para a escola, mas até achei que as crianças já o pudessem ter esquecido.

Não! Ninguém se esqueceu. Perguntaram-me várias vezes pelo prémio, quem o ganhara e o que era.

Como pensei numa recompensa um tanto ou quanto sui generis, deu-me algum gozo o quanto pensaram e se interessaram na mesma.

Elegemos os vencedores e eu fui buscar o prémio. Estavam todos muito curiosos e expectantes...

Pedi aos eleitos que viessem para o meu lado e fechassem os olhos.

Retirei os prémios do saco e ouviu-se uma gargalhada geral!

As crianças abriram os olhos e viram ... uma vagem de ervilha!

No meio de toda aquela confusão só oiço “Espertalhona! A professora foi esperta!”

Obviamente estavam à espera de chocolates ou algo assim. Ficaram surpreendidos, mas não desiludidos. Foi um momento de animação.

Mas para a próxima já sei que tenho de prometer um prémio “bom” porque se soubessem que eram ervilhas não se tinham esforçado...

Um incentivo às vezes ajuda.

## Diário nº7

Data: 14 de janeiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**II. Propõe atividades expressivas;**  
**III. Alarga horizontes de possibilidades;**  
**VII. Fomenta relações.**

Quando há gosto no que fazem, tudo se torna mais fácil e natural.

Dois alunos e amigos, que normalmente têm outros pares, fizeram juntos uma atividade de matemática, com o acordo de se esforçarem para merecerem a oportunidade de ficarem juntos.

No fim, foram apresentados os resultados.

Um destes alunos nunca se propõe a apresentar nada! NUNCA!

Mas estavam tão felizes por terem realizado a tarefa em conjunto e terem conseguido resolver o problema que, muito naturalmente, como se o fizessem de todas as vezes, pediram para ir apresentar.

Fiquei estupefacta! Não queria acreditar. Antes que desistissem disse para serem os primeiros.

São estes momentos que fazem tudo valer a pena. Que compensam todo o encorajamento e estímulo.

## Diário nº8

Data: 14 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

### VII. Fomenta relações.

Hoje implementei um momento que me deixou muito satisfeita. Visto ser dia de São Valentim, pedi às crianças para escreverem cartas umas às outras durante o dia para à tarde serem entregues.

De início não correu muito bem... Apenas uma aluna escreveu um bilhete para uma amiga durante o dia.

Achei que ia ser um fiasco!

Quando chegou o momento de entregar as cartas, entreguei a única e pedi para escreverem mais para os colegas, reforçando que não precisavam ser cartas de amor, podiam ser de amizade.

Foi o momento de viragem. Coloquei uma música de fundo e começaram a chover cartas. Cada um escreveu pelo menos uma carta, sendo que muitos escreveram para vários colegas e também para mim e para a professora titular. Até houve dois ou três alunos a criarem uma pseudossociedade, na qual uns desenhavam, outros escreviam e outros entregavam.

No fim fiquei muito feliz, porque até crianças, que não costumam ser muito participativas participaram. À medida que se iam apercebendo das reações de felicidade provocadas pela leitura dos bilhetinhos, escreviam mais e mais a elogiar e a expressar a sua amizade (e em alguns casos amor de admiradores anónimos). Alguns liam em voz alta e outros preferiam não o fazer, guardando para si aquele pequeno tesourinho.

## Diário nº9

Data: 17 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**VII. Fomenta relações;**

**VIII. Valoriza.**

Hoje um aluno que é muito inseguro veio ter comigo depois da aula, com visível satisfação, dizendo-me: “Olha hoje fiz tudo sozinho! Não te pedi ajuda a ti nem à professora Andreia!”. Eu disse-lhe “Pois foi A.! Estiveste muito bem. Esforçaste-te e conseguiste fazer tudo sozinho!”

São momentos como este que fazem valer o esforço tanto de optar inúmeras vezes por dizer ao aluno para se voltar a sentar e tentar por si, como de não cair na tentação de o ajudar e acabar com aquele sofrimento (das duas partes).

Foi assistir à lenta transformação de um aluno que se levantava ou pedi para eu ou a professora titular irmos ter com ele, sempre que se deparava com uma dificuldade, que muitas vezes acabava por se aperceber que conseguia fazer sozinho (apenas não tinha confiança suficiente em si próprio para tentar e para se achar capaz de ser bem sucedido), para um aluno que aguentou um dia inteiro cheio de desafios sem recorrer a ninguém senão a ele mesmo. Deu desta forma um voto de confiança a si mesmo e conseguiu, com a segurança necessária, realizar várias tarefas desafiantes.



## Diário nº10

Data: 18 fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**IV. Incentiva;**

**VI. É criativo.**

Há um aluno que está constantemente virado para trás. Isto não é de todo um exagero. Ou melhor é... quando eu lhe digo para se virar para a frente, ele fá-lo e no segundo seguinte lá estou em a ver só cabelo outra vez...

Certa manhã de fevereiro dei o grito do Ipiranga (sem gritar) e decidi: “ A. tens três hipóteses. Quando te chamar à atenção à terceira, ficas cá no intervalo.” E escrevi no quadro:

1 2 3!

— — —

Na verdade foi uma ideia maravilhosa. Foi uma forma do aluno se autocontrolar. E realmente controlou! Foi fantástico! E não faltou ao intervalo.

Durante a aula um outro aluno fez uma sugestão: “Professora, porque é que não faz uma coisa daquelas do 1 2 3! para todos? Assim portávamo-nos sempre bem.” Eu disse-lhe que achava que eles não precisavam todos daquela estratégia e que tinham de ser capazes de se controlar. Mas este e outros alunos insistiram, dizendo que seria giro e que queriam experimentar. Dois ou três alunos disseram que não queriam.

Esta foi de longe a melhor ideia do dia. Todos se portaram exemplarmente. E às vezes era só necessário um olhar. É claro que não é para todos os dias e nem é bom as crianças se sentirem ameaçadas, mas por vezes elas próprias precisam de um “incentivo” para se comportarem. Que neste caso foi o ideal e resultou às mil maravilhas.

## Diário nº11

Data: 18 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**I. Provoca pensamento crítico;**  
**VII. Fomenta relações.**

Depois da aula da inauguração da estratégia 1 2 3!, chegaram dois meninos que tinham estado no apoio. Explicámos-lhes o desafio e estes decidiram aceitá-lo.

Durante a aula um deles excedeu os limites e chegou ao 3!. Ninguém disse nada sobre o assunto no momento. Passado algum tempo durante a atividade o JQ. pôs o dedo no ar e disse: “Professora, acho que o J. devia ir ao recreio... Ele está a portar-se bem...” Olhei para o J. e vi-o sorrir timidamente. Eu respondi que no final da aula decidiríamos em conjunto.

O fim da aula chegou e eu perguntei o que achavam do assunto abordado anteriormente. Dois rapazes colocaram o dedo no ar (um deles o JQ.). Pedi para o P. falar. “Professora, eu acho que ele devia ir.” Pedi-lhe argumentos mas não foi capaz de nos dar. O JQ. interrompeu-me dizendo que tinha razões que fundamentassem a sua opinião. Pedi que argumentasse: “Professora, primeiro ele portou-se bem o resto da aula. E depois ele tem a sua liberdade, portanto tem de ir!”

Quando uma criança diz uma coisa destas e se esforça por ajudar um amigo é comovente. E que resposta foi esta! Isto é ser amigo e ser criativo!! Claro que adorei os seus argumentos, mas disse que me parecia um pouco injusto para aqueles que se tinham esforçado por portar bem. No entanto perguntei se todos concordavam. Ninguém se expressou.

Por fim perguntei ao próprio J. o que achava e apenas encolheu os ombros. Ficámos os dois na sala a conversar. Passados 5 minutos disse para ir brincar.

## Diário nº12

Data: 20 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**I. Provoca o pensamento crítico;**

**II. Propõe atividades expressivas;**

**III. Alarga horizontes de possibilidades;**

**IV. Incentiva;**

**VII. Fomenta relações;**

**VIII. Valoriza;**

**IX. Aceita o erro;**

**X. Dá oportunidade para experimentar.**

Hoje propus uma tarefa de exploração de um texto a pares, mas essencialmente de escrita criativa. Todos fizeram, uns mais imaginativos que outros.

Chegou a hora do intervalo e o F. tinha copiado todas as respostas pelo seu par. Sentei-me ao lado dele para fazer comigo uma das respostas. A pergunta era “Que outro final darias à história?”. Perguntei-lhe várias vezes o que achava que podia ser. Não me respondia... pedi-lhe para me dizer o final original da história e simplesmente não falava. Era angustiante olhar para a cara daquela criança que tinha medo de dizer o que quer que fosse. A professora que ainda estava na sala, interveio insistindo para o F. falar. Lágrimas começaram a cair-lhe pelo rosto...

Eu disse que não precisava de ter medo, era só dizer-me o fim da história. Já um pouco confusa com a situação, perguntei-lhe se tinha ouvido a história e se tinha estado com atenção. Acenou com a cabeça. Por fim, o F. disse-me o final original da história. Gritei: Boa!! Isso mesmo! Afirmando ainda: “Agora é só inventar um fim que substituísse aquele, ou seja, em vez do carrasco cortar os pés à menina...” Reforcei que não havia uma resposta correta, mas mesmo que houvesse não fazia mal errar. Afirmei que qualquer final que desse à história estaria bem, podendo ser bom, mau, real, fantástico ou completamente impossível.

Depois de muito esforço da minha parte, mas penso que de mais esforço do aluno, finalmente surgiu. BOA!!! (fiquei em êxtase) Embora tenha dito um fim escolhido por outros colegas e comentado em voz alta. Mas por agora fiquei satisfeita.

Se me contassem, provavelmente, ficaria irritada como ficou a professora. Mas olhar para aquela criança e perceber o seu sofrimento, quase senti-lo, deixou-me angustiada. Apertar-lhe a mão e senti-la a tremer, ver os seus olhos encherem-se de lágrimas e por mais que tenha tentado travá-las, elas caíam desobedecendo-lhe...

Se colocarmos um peso brutal no erro, as crianças nunca irão arriscar, principalmente as mais inseguras. Errar é humano e faz parte da aprendizagem. Os erros são as pedras do caminho para a descoberta.

## Diário nº13

Data: 21 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**IV. Incentiva;**

**IX. Aceita o erro;**

**X. Dá oportunidade para experimentar.**

Experimentar é essencial à aprendizagem, particularmente à aprendizagem ativa que é aquela que mais significado tem para o aluno.

Realizei uma atividade com os alunos que foi um pouco confusa e agitada, mas muito apreciada pelas crianças. Esta teve como objetivo abordar o tema medições, de uma forma divertida e ativa, ou seja, por meio da experimentação.

As crianças juntaram-se em pequenos grupos e mediram objetos da sala com diferentes unidades de medida (palmos, pés, lápis, manuais de matemática e centímetros). Estiveram muito divertidas e utilizaram diferentes estratégias para fazer as medições.

Quando as crianças tinham dificuldades, incentivei-as a não desistir, a pensarem em grupo para arranjam uma solução viável. Se os grupos tinham muitas dificuldades e desistiam, eu dava uma dica ou um exemplo para os estimular a continuar.

Ao longo da atividade foram tirando conclusões autonomamente, como o facto da medida variar quando a unidade de medida é diferente (i.e. mãos e pés) e, ainda quando o tamanho da unidade de medida difere (i.e. mão pequena vs. mão grande, ou lápis afiado vs. lápis novo). Desta forma concluíram que a unidade de medida tem de ser rigorosamente igual para o comprimento também o ser e, também que quanto menor for a unidade de medida mais vezes será necessária para medir o mesmo objeto.

Durante a atividade alguns grupos efetuaram medições não rigorosas (i.e. não mediram em linha reta, passavam por cima de obstáculos), que na apresentação foram discutidas e comparadas com outras (mais rigorosas). Os alunos reproduziram a maneira como mediram e chegaram a algumas conclusões em grupo acerca das regras que deveriam seguir para garantir a medição mais fiável possível.

## **Diário nº14**

Data: 21 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**II. Propõe atividades expressivas;**

**X. Dá oportunidade para experimentar.**

Hoje proporcionei uma atividade às crianças que lhes permitiu estabelecer um grande número de relações.

Dei-lhes vários papéis com adjetivos e nomes, dizendo-lhes para experimentarem diferentes combinações, tentando perceber de que forma os pares de nomes e adjetivos que construíam se podiam relacionar.

As crianças divertiram-se bastante e fizeram combinações diferentes e inesperadas como morte/fraco; pássaro/luminoso; rio/fatigado; traço/frio; oceano/melodioso; mar/velho; balão/impossível. Depois exploraram as potencialidades de cada palavra, como os seus graus, família de palavras e campo lexical.

Por fim criaram um poema com as duas palavras entrosadas.

## Diário nº15

Data: 24 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**X. Dá oportunidade para experimentar.**

Senti que uma das atividades de matemática que propus hoje foi útil e bem recebida pelos alunos.

Pedi que preenchessem à vez uma folha A4 com quadrados grandes, quadrados pequenos ( $\frac{1}{4}$  dos grandes) e triângulos ( $\frac{1}{2}$  dos quadrados grandes).

Foi muito interessante ir vendo as expressões e reações das crianças à medida que iam tirando conclusões como “Preciso de 4 vezes mais quadrados pequenos do que grandes” ou “Um triângulo é metade de um quadrado grande!”. Algumas crianças colocavam uns por cima dos outros para ter a certeza que era a mesma coisa e depois tiravam conclusões como as acima indicadas.

No fim falámos sobre o que estiveram a fazer e alguns alunos afirmaram logo que se tratava da área da folha.

## Diário nº16

Data: 24 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**VIII. Valoriza;**  
**IX. Aceita o erro.**

Hoje propus uma atividade de matemática, cujo propósito era a resolução de situações problemáticas e posterior partilha de estratégias.

Quando o tempo para a resolução dos problemas terminou, perguntei quem é que queria apresentar a sua estratégia. O M. colocou a mão no ar, agradeceu-lhe por tê-lo feito, porque este aluno tem algumas dificuldades na matemática e nem por isso deixou de que querer participar. Pedi que fosse até ao quadro apresentar a sua estratégia.

À medida que foi escrevendo no quadro o processo e resultado obtido, apercebi-me, assim como os seus colegas, que não estava correto. Antes que tivesse tempo para pedir que o grupo não comentasse o que estava a ver, começaram, desrespeitosos e insensivelmente a fazer observações sobre o que estavam a ver dizendo coisas como “Aííí oh M. isso está mal! Está errado!”, “Era tão fácil!!” “Que burro!” Obviamente passei-me! Descompu-los a todos e pedi desculpa ao M. pelo comportamento dos seus colegas.

Passado o momento do sermão, perguntei ao M. como tinha pensado, pedindo que me explicasse a sua estratégia e perguntando-lhe se conseguia identificar o erro. O aluno explicou a sua estratégia e não conseguiu perceber qual o erro.

Pedi para algum aluno explicar a sua estratégia e assim o fez. Todos os alunos que tinham conseguido resolver a situação problemática corretamente tinham utilizado a mesma estratégia.

Perguntei ao M. se tinha percebido esta nova estratégia, e este disse que sim. No entanto, disse-me que a estratégia dele estava “mais ou menos certa” porque só faltava tirar uma parte. Então, com a ajuda dos restantes colegas, o M. resolveu o problema de outra forma.

No fim de contas o erro do M. permitiu que todo o grupo, incluindo os que o criticaram sem dó nem piedade, aprendesse uma nova forma de resolver o problema.

“De erro em erro, vai-se descobrindo toda a verdade.”

Freud, Sigmund



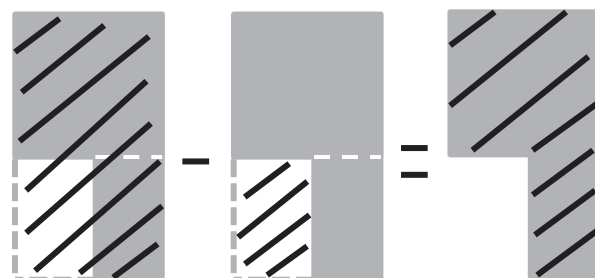
Resolução da maior parte dos alunos:

$$A \begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \square \\ \hline \end{array} = A \begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \end{array} + A \begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \end{array}$$



Resolução do M.:

$$A \begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \end{array}$$



Resolução do grupo:

$$A \begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \square \\ \hline \end{array} - A \begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \end{array} = A \begin{array}{|c|} \hline \square \\ \hline \end{array}$$



## Diário nº17

Data: 25 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**X. Dá oportunidade para experimentar.**

De forma a abordar um novo conceito - áreas equivalentes – propus uma tarefa de experimentação. Pedi às crianças que construíssem uma figura a seu gosto e que, de seguida, criassem uma outra com a mesma área, mas com um perímetro diferente. A reação geral dos alunos foi dizerem que era impossível. Afirmei que não era e pedi-lhes para tentarem. Disse para fazerem a primeira figura à vontade, sem pensarem nisso e posteriormente medissem a área e o perímetro. Seguidamente só tinham de criar uma nova figura com a mesma área mas perímetro diferente.

As crianças foram muito criativas nas suas produções, tendo mostrado prazer em realizá-las e orgulho nas mesmas. A maior parte, seguindo o meu conselho, não se preocupou com os conceitos de perímetro e área quando criaram a primeira figura. O desprendimento foi tão grande que ao criarem a segunda, algumas nem repararam, na área, tendo de apagar ou acrescentar uma ou mais quadrículas depois de finalizarem. Estes esquecimentos mostram que as crianças estavam muito embrenhadas nas suas criações artísticas.

É deste modo, dando oportunidade para experimentar, que as crianças mais facilmente aprendem.

## **Diário nº18**

Data: 26 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**X. Dá oportunidade para experimentar.**

Misturar duas ou mais realidades permite que as crianças mais facilmente façam associações e apreendam novos conceitos. Quando são usados objetos do dia-a-dia as aprendizagens tornam-se mais significativas ainda, visto permitirem que as crianças estabeleçam relações entre coisas que lhes são familiares e outras sobre as quais não têm grande conhecimento. Hoje usámos maçãs e uma tablete de chocolate.

No entanto, apesar de ter sido a primeira abordagem às frações, as crianças mostraram ter pré-conhecimentos sobre o assunto, principalmente porque estávamos a relacionar o tema com objetos do quotidiano e em relação aos quais utilizamos expressões como – metade do chocolate, um quarto da maçã, etc.

Durante a atividade permiti que as crianças experimentassem cortar a maçã dizendo a que correspondia cada parte. Foram tirando várias conclusões e aprofundámos o tema até números fracionários bastante pequenos, como com o chocolate que acabámos por ter  $\frac{1}{21}$ .

## Diário nº19

Data: 26 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

**X. Dá oportunidade para experimentar.**

Hoje tive a oportunidade de realizar uma experiência do âmbito do estudo do meio com o grupo. Esta teve como tema de exploração o atrito.

A atividade em muito se assemelhou a um jogo, no qual as crianças tinham duas rampas (tábuas de madeira), suporte das rampas, várias superfícies (tapete de plástico que imita relva, felpo, rede antiderrapante, papel de alumínio, película aderente, cetim, cartão canelado, cartolina com areia, veludo, plástico com e sem textura, plástico fino, eva (esponja), cortiça, papel de bolhas) e dois cubos. Foram competindo duas a duas. Cada uma escolhia o seu material e depois faziam previsões de qual achavam que possibilitaria a descida do cubo num menor período de tempo. De seguida largavam os cubos ao mesmo tempo e tiravam conclusões.

A competição não era entre as crianças, mas sim entre os materiais, o objetivo final era perceber que superfície oferecia menos atrito ao deslizamento do cubo.

As crianças tiraram conclusões quanto à textura dos materiais, ao facto de serem mais ou menos rugosos. Concluindo por fim que os que ofereciam menos resistência eram os mais lisos e menos aderentes.

## Diário nº20

Data: 28 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

### III. Alarga horizontes de possibilidades.

Aliar duas ou mais áreas é mostrar às crianças que o conhecimento não está separado por gavetas, podendo ser articulado e complementado. Esta é uma abordagem importante da aprendizagem, visto que na vida real (não que a escola não seja vida, nem real) os assuntos não estão sectorizados.

Hoje fiz uma atividade bastante completa neste sentido. A partir de uma história que contei (Cá em Casa Somos...) abordámos conceitos matemáticos como a multiplicação (sentido aditivo), descobrindo elementos do texto que estavam em falta. De seguida aplicaram as mesmas operações para determinar as quantidades dos mesmos e outros elementos presentes nas suas casas. Com estes dados e com informações adicionais que desejassem, construíram um texto semelhante ao da história.

As crianças mostraram muito agrado e entusiasmo na realização das tarefas. A opção de pedir para falarem das suas famílias foi uma forma de dar mais significado à atividade e permitir que as crianças partilhassem um pouco das suas vidas com o grupo e com o papel.

## **Diário nº21**

Data: 28 de fevereiro de 2014

**Categorias** - O professor que promove o pensamento criativo é aquele que ...

### **II. Propõe atividades expressivas.**

Hoje realizei uma atividade de expressão plástica que teve como fonte de inspiração o texto de José Saramago “A maior flor do mundo”, contada e discutida anteriormente na aula.

Mal ouviram que iam fazer uma atividade de expressão plástica ficaram deveras entusiasmadas, tendo o entusiasmo aumentado ainda mais quando a disposição das mesas mudou (formaram quatro grandes grupos) e viram a quantidade e variedade de materiais que tinham à sua disposição.

Atividades como esta permitem que as crianças se expressem, experimentem, testem ideias e conjugações de materiais. Permitem-lhes criar.